

# **ISLAMISMO E A TRINDADE**

**Silas Tostes**

## 1. INTRODUÇÃO

Nosso propósito ao longo deste trabalho é demonstrar, primeiro, qual é a doutrina islâmica de Deus. A idéia é estabelecer que o Islamismo se opõe ao entendimento cristão de que há um único triuno Deus. Como resultado, há uma tensão no relacionamento entre cristãos e muçulmanos por divergirem também neste assunto. Em seguida, mostraremos em que base se apoia o Cristianismo para sustentar sua crença em um triuno Deus.

Nossa abordagem será objetiva. Não temos a intenção de denegrir o Islamismo, mas expor seu entendimento de Deus, e a base sobre a qual o Cristianismo ensina e crê em um único triuno Deus.

Nosso assunto é muito relevante devido a vários fatores. Há um avanço numérico islâmico, há um ardor missionário islâmico em ação, há um ataque do Islamismo contra as doutrinas cristãs, há um avanço do movimento missionário evangélico entre os muçulmanos.<sup>1</sup>

Tem sido noticiado pela imprensa que o Islamismo possui muitos seguidores. Segundo Jaime Klintowitz, jornalista da Revista Veja, o Islamismo tem hoje 1,2 bilhões de adeptos.<sup>2</sup> Isto representa um quinto da população mundial. O mesmo artigo informa que o Islamismo governa cinquenta países do mundo.<sup>3</sup>

Sabemos que o Islamismo também possui ardor missionário, esforçando-se por difundir-se em todo o mundo livre. Isto é facilmente visto por suas mesquitas construídas e inúmeros livros escritos e publicados ao redor do mundo. Há nas últimas páginas do livro *Islamismo Mandamentos Fundamentais* por Mohammad Ahmad Abou Fares, publicado por MS Indústria Gráfica e Editora Monte Santo Ltda, vinte e cinco fotos de mesquitas construídas no Brasil. Tem sido observado por nós, que onde há uma mesquita, há também um esforço de proselitização, o qual se dá através de distribuição de livros religiosos islâmicos, doações do Alcorão, e às vezes, há também distribuição de cestas básicas para a comunidade carente local.

O Islamismo tem se esmerado em atacar as doutrinas cristãs através de regulares publicações. Entre os vários livros cujo propósito é desacreditar as doutrinas cristãs, temos conosco alguns publicados em português no Brasil com este propósito. Entre eles destaco *A Bíblia, o Alcorão e a Ciência* por Dr. Maurice Bucaille. Há outros livros que se opõem as doutrinas cristãs como *O Islam e o Mundo* por Abul Hassam Annaduy e *Islam e Cristianismo*

---

<sup>1</sup> Apesar de termos em mente a capacitação de obreiros cristãos na evangelização de muçulmanos, ressaltamos que o presente trabalho, também ajuda na evangelização de Testemunhas de Jeová. Uma vez que esta seita cristã publica regularmente informações que tentam desacreditar a doutrina da Trindade, Divindade e Filiação de Jesus.

<sup>2</sup> Klintowitz, J. *Islã a Derrota do Fanatismo*. Revista Veja, São Paulo, Editora Abril, 1<sup>o</sup> de Março de 2000. p. 46.

<sup>3</sup> Ibid. p. 46.

por Ulfat Aziz Assamad e *Islamismo Mandamentos Fundamentais* por Mohamad Ahmad Abou Fares. São apenas alguns exemplos do que já há em português publicado pelo Islamismo para atacar e desacreditar o Cristianismo.

Nosso assunto é igualmente relevante no contexto da igreja brasileira. Esta tem se esforçado em fazer missões no mundo todo, inclusive em países islâmicos. Torna-se, portanto, necessário entender qual é a posição islâmica quanto a doutrina cristã de Deus. Desta maneira, o missionário poderá ir ao mundo islâmico melhor preparado e equipado, entendendo em que pé estão quanto a isto.

Percebemos então, que tanto pelo desafio teológico e populacional, que o Islamismo representa ao Cristianismo, que se faz necessário entender o que muçulmanos dizem sobre a doutrina de Deus. Desta maneira, teremos condições de apresentar o ensino cristão em nosso esforço de evangelização de muçulmanos, estando bem alicerçados para isto.

O assunto da veracidade das Escrituras é importante, porém não faz parte do propósito deste trabalho. Partimos do pressuposto que a Bíblia é a Palavra de Deus, e como tal é digna de toda aceitação, sendo neste status infalível em sua revelação de Deus, e em suas doutrinas e informações. Esta será muito usada para comprovação da verdade cristã quanto a doutrina de Deus.

Como texto bíblico inspirado, aceitamos os livros do Velho Testamento reconhecidos pelos judeus com este status. Já nos tempos de Jesus estavam divididos em três grupos: Lei, Profetas e os Escritos, sendo no total 39. Assim como os vinte e sete livros do Novo Testamento listados no Sínodo de Hippo A.D. 393. Na ocasião, estavam apenas reconhecendo que estes livros possuíam autoridade apostólica, como registrado nos escritos de Atanásio de Alexandria, Policarpo, Justino o Mártir, Irineu e Inácio. A decisão deste concílio foi promulgada quatro anos mais tarde pelo 3º Sínodo de Cartage.<sup>4</sup>

Utilizaremos textos escritos por muçulmanos e cristãos, que representam de maneira acurada ambas as posições. Estes textos serão devidamente mencionados ao longo dos capítulos. Representam fontes de respeito que demonstram tanto a posição islâmica, como a cristã. Os textos islâmicos foram publicados pelo Centro de Divulgação do Islã Para América Latina e pelo Movimento da Juventude Islâmica Abu Bakr Assidik. Ambas organizações endossam o valor da informação contida em seus livros, por isso, esta comunica corretamente o entendimento islâmico sobre o assunto.

Entre as várias fontes islâmicas pesquisadas, ressaltamos a importância de A. Yusuf Ali, *The Holy Qur'an*, Samir El Hayek, *O Significado dos Versos do Alcorão Sagrado*, Ulfat

Aziz Assamad, *O Islam e o Cristianismo* e a Ahmed Deedat, *Christ in Islam*. Parece-nos muito relevante as opiniões de Hayek, pois em suas próprias palavras disse que:

Na maioria dos casos seguimos as exegeses do Conselho Superior dos Assuntos Islâmicos e do professor Mohammad Mahmud Hijazi, por se situarem entre as que mais se coadunavam com os requisitos necessários. Por fim, quando ainda na permanência da dúvida a respeito do significado de algum termo, recorremos à ajuda inestimável de S. E. Dr. Abdalla Abdel Chakur Kamel, Diretor do Centro Islâmico do Brasil e Coordenador dos Assuntos Islâmicos da América Latina, que muito nos auxiliou neste sentido; a ele vão os nossos agradecimentos.<sup>5</sup>

Todos os versos do Alcorão citados, o foram segundo a versão para o português feita pelo Prof. Samir El Hayek, *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*.<sup>6</sup>

Com a intenção de evitarmos problema de comunicação, é importante esclarecer em que sentido usaremos a palavra Alá ou Alah. Esta é usada para Deus na língua árabe, tanto no Alcorão, como na Bíblia. Se fôssemos ler em árabe o famoso verso do Evangelho de João, Jo. 3:16: “Deus amou o mundo de tal maneira”, leríamos Alá amou o mundo de tal maneira. Nosso problema não está no uso da palavra Alá, mas em entendermos se o Alá do Alcorão é o Alá da Bíblia.

Se faz necessário uma breve definição do que queremos dizer por Deus, como uma unidade absoluta no Islamismo, e como uma unidade composta no Cristianismo. Sem isto, o entendimento do texto para quem não está familiarizado com a doutrina da Trindade, ficará difícil. Por ora, basta afirmar que segundo autores islâmicos, e o Alcorão, Deus no Islamismo é uma unidade absoluta, ou seja, há um único ser divino, em uma única essência divina. Por outro lado, Deus no Cristianismo, é uma unidade composta, ou seja, há só um Deus, mas três pessoas distintas, Pai, Filho e Espírito Santo, em uma única essência divina. Neste caso, as Pessoas são inseparáveis e indivisíveis, por isso, que há um único triuno Deus. No Cristianismo também se condena veementemente o politeísmo e a idolatria. De forma, alguma se concebe a existência de três deuses, mas sim um Deus triuno. A doutrina cristã será explanada em ocasião oportuna.

Seguiremos o seguinte esboço, capítulo um, introdução.

No segundo capítulo, mostraremos como que muçulmanos entendem que Alá é o mesmo Deus da Bíblia. Contudo, este Deus não é triuno, e não tem um filho, isto segundo o

---

<sup>4</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*. UK, Alpha, 1993. p. 37-38.

<sup>5</sup> Hayek, S. El. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. Brasil, MarsaM Editora Jornalística, 1994, p. XVIII.

<sup>6</sup> Ibid.

Alcorão. Por conseqüência, muçulmanos atacam as doutrinas da Trindade, Divindade e Filiação de Jesus.

A doutrina da Divindade do Espírito Santo recebe oposição como resultado da alegação islâmica contra a Trindade. Contudo, isto não é tão enfático quanto as demais doutrinas mencionadas. Por isso, não abordaremos este assunto neste capítulo.

No processo de desenvolvermos o capítulo dois, perceberemos que há certos entendimentos islâmicos quanto as doutrinas cristãs da Trindade, Divindade e Filiação de Jesus, que não possuem razão de ser. As devidas explicações são dadas automaticamente no desenvolver do terceiro capítulo. Contudo, quando se fizer necessário, faremos uma observação aqui ou ali no capítulo dois. Todavia, no item: *Mal Entendidos Islâmicos Quanto As Doutrinas Cristãs*, estes serão alistados antes de iniciarmos o próximo capítulo.

No terceiro capítulo, mostraremos em que base o Cristianismo crê que há um único triuno Deus. Em outras palavras, o Cristianismo também é monoteísta, porém Deus tem se revelado como uma unidade composta, uma unidade trina. Consideraremos a base bíblica para a Divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e base bíblica para a pluralidade de Pessoas na divindade. Perceber-se-á que Deus revelou-se como triuno. Neste contexto, perceberemos que os mal entendidos islâmicos quanto as doutrinas cristãs no capítulo anterior, não procedem.

No quarto capítulo, faremos a conclusão do que foi apresentado.

Passemos então, a explanação de como o Islamismo crê que Deus é.

## **2. A CRENÇA ISLÂMICA EM DEUS**

O Islamismo estabelece sua crença em Deus, em seus moldes, no contexto que o Alcorão é aceito por eles como Palavra de Deus. Em nosso livro, *O Islamismo e a Cruz de Cristo*, expomos como o Alcorão é aceito como Palavra de Deus por muçulmanos. Não nos repetiremos aqui, mas incluímos este importante capítulo como apêndice no. 1 neste livro. Desta forma, os interessados podem perceber a importância do Alcorão para os muçulmanos, na formação de qualquer crença islâmica.

Nossa intenção neste capítulo é mostrar primeiro, que muçulmanos crêem que o Alá do Alcorão é o mesmo Deus da Bíblia. Veremos então, qual é a crença islâmica em Deus, segundo autores muçulmanos, e versos do Alcorão devidamente comentados por autoridades islâmicas. Neste processo, ficará claro que o Islamismo nega e ataca as doutrinas bíblicas da Trindade, Divindade e Filiação de Jesus.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> De fato o Islamismo nega cada uma das importantes doutrinas cristãs, como por exemplo, a doutrina da expiação vicária de Jesus.

Se o Alá do Alcorão é o mesmo da Bíblia, ficamos então com o dilema de como pode um Deus triuno (unidade composta), ser o mesmo que um não triuno (unidade absoluta). Neste caso, o Alá do Alcorão não pode ser o mesmo Deus da Bíblia. Muçulmanos resolvem este problema negando a autenticidade da Bíblia.

Passemos então para o desenvolvimento do capítulo como proposto.

## 2.1 Alá seria o mesmo Deus da Bíblia

Autores muçulmanos ensinam que o Alá do Alcorão é o mesmo Deus da Bíblia, fazem isto segundo instruções do Alcorão. Veremos que conforme crêem assim, negam a veracidade das Escrituras bíblicas para justificarem sua posição, pois percebem que o Alá do Alcorão não é triuno, e o Deus da Bíblia sim.

O assunto da alteração, ou corrupção do texto bíblico como alegado por muçulmanos é interessante, mas não é nosso tópico aqui. Seremos breves então, registraremos apenas a acusação islâmica contra nossas Escrituras. Todavia, dedicamos o apêndice no. 2 ao tópico de que as Escrituras bíblicas estariam corrompidas, isto segundo os muçulmanos, claro. Neste apêndice mostramos que há vários versos no Alcorão que ensinam que a Bíblia foi corrompida. A opinião de Hayek quanto a isto não nos deixa dúvida, de qual é a opinião islâmica sobre a Bíblia.

Há algumas passagens alcorânicas que levam os muçulmanos a pensarem que a Bíblia e o Alcorão, se referem ao mesmo Deus, por exemplo, o Sura 29:46; 2:138-140; 2:136 e 4:150-152. Os consideraremos nesta ordem.

No verso 46 do Sura 29 lemos o seguinte: “E não disputeis com os adeptos do Livro<sup>8</sup>, senão da melhor forma.... Dizei-lhes: Cremos no que nos foi revelado, assim como no que vos foi revelado antes; nosso Deus e o vosso são Um e a Ele nos submetemos.” Assim não é incomum muçulmanos pensarem que A Bíblia testifica do mesmo Deus que o Alcorão, pois neste verso há a expressão: *Nosso Deus e o vosso são Um e a Ele nos submetemos*.

O Sura 2:138-140, contém a informação que o Alá do Islã é o mesmo Deus dos judeus e cristãos. Assim Abraão e Jacó eram muçulmanos e não judeus ou cristãos:

Eis aqui a religião de Deus! Quem melhor que Deus para designar uma religião? Somente a Ele adoramos! Pergunta-lhes: Discutireis conosco sobre Deus, apesar de ser o nosso e o vosso Senhor? Somos responsáveis por nossas ações, assim como vós por vossas, e somos sinceros para com Ele. Podeis acaso, afirmar que Abraão, Ismael,

---

<sup>8</sup> Neste momento vale a pena esclarecer o que significa *adeptos do Livro*, pois esta expressão aparece com certa freqüência no Alcorão. Esta refere-se a judeus e a cristãos, como explica Ahmed Deedat: “Adeptos do Livro é um título muito respeitável pelo qual judeus e cristãos são tratados no Santo Alcorão. Em outras palavras, Alá está dizendo – “Ó pessoas instruídas!” “Pessoas com uma Escritura”, (Deedat, A. *Christ in Islam*. RSA, Islamic Propagation Centre, 1983, p. 32).

Issac, Jacó e as tribos eram judeus ou cristãos? Dize: Acaso, sois mais sábios do que Deus o é?

Vemos que nesta passagem alcorânica está escrito: *apesar de ser o nosso e o vosso Senhor*, ou seja, cristãos, judeus e muçulmanos servem o mesmo Deus, assim Abraão, Jacó, não eram *judeus* ou *cristãos*.

O verso 136 do Sura 2, somente dois versos antes do Sura 2:138-140, contém a mesma idéia quanto a cristãos e muçulmanos servirem o mesmo Deus:

Dizei: Cremos em Deus, no que nos tem sido revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacó e às tribos; no que foi concedido a Moisés e a Jesus e no que foi dado aos profetas por seu Senhor; não fazemos distinção alguma entre eles (distinção entre os profetas, como se um fosse mais importante que o outro), e nos submetemos a Ele. Parêntesis acrescentado por mim.

A expressão do verso 136 do Sura 2: *Creemos em Deus*, seguida da menção de personagens bíblicos como Abraão, Jacó, Moisés e Jesus, faz com que muçulmanos entendam que adoram o mesmo Deus da Bíblia. Neste contexto, pensam que a revelação que obtiveram, teria sido sem dúvida nenhuma, segundo os muçulmanos, a revelação islâmica como dada a Mohammad. Em outras palavras, numa perspectiva islâmica, segundo o Sura 2:136, estes homens da Bíblia eram muçulmanos, criam no Alá do Alcorão e pregavam uma mensagem alcorânica. Vemos isto no comentário de Hayek sobre este verso:

Eis aqui o verdadeiro credo do Islam: acreditar no único Deus Universal, na mensagem que nos chegou através de Mohammad..., na mensagem revelada a outros profetas do passado, (referindo-se aos personagens bíblicos mencionados no Sura 2:136 como Abraão, Isaac, Jacó, Jesus e Moisés, que teriam recebido a mesma mensagem que Mohammad).<sup>9</sup> Parêntesis adicionado por mim.

Muçulmanos portanto, ensinam que eles e os cristãos servem o mesmo Deus. Contudo, porque há inúmeras diferenças doutrinárias entre a Bíblia e o Alcorão, incluindo a crença em Deus, ensinam que os textos bíblicos teriam sido alterados. Hayek prossegue expressando esta idéia de que cada profeta possuía um livro, mas que as Escrituras bíblicas, como a conhecemos foi alterada:

Abraão, Ismael, Isaac, Jacó e as tribos (destes, Abraão tinha aparentemente um livro – versículo 19 da 87<sup>a</sup> Surata - e outros seguiam sua tradição); Moisés e Jesus, deixando cada um deles uma escritura (tais Escrituras existem até hoje, não obstante não se apresentarem na sua pristina forma.... Não fazemos distinção entre

---

<sup>9</sup> Hayek, S. El. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. Brasil, MarsaM Editora Jornalística, 1994, p. 21.

qualquer um desses (profetas). Sua mensagem (no essencial) foi uma só (ou seja, Abraão, Ismael, Isaac, Jacó, Moisés e Jesus, pregaram uma única mensagem, que era a islâmica), e isso constitui a base do Islam.<sup>10</sup> O último parêntesis foi adicionado por mim.

Hayek portanto, nos ensina numa perspectiva islâmica, que todos os profetas, incluindo personagens bíblicos, eram muçulmanos e anunciavam o mesmo Deus do Alcorão, por isso, crêem que o Deus deste livro, é o mesmo que o da Bíblia. Se um é triuno e o outro não, é porque as Escrituras cristãs foram alteradas, ou seja, não se encontram na sua *prístina forma*.

O Sura 4:150-152, também expressa esta mesma idéia, ou seja, os profetas anteriores até Mohammad (entre eles vários personagens bíblicos como Abraão, Moisés e Jesus), pregaram a mesma mensagem alcorânica que ele, por isso, segundo os muçulmanos, desde esses tempos que os homens de Deus serviam o mesmo Deus do Alcorão. Veja a seguir o Sura 4:150-152 e os subseqüentes comentários de Mohamad Ahmad Abou Fares:

Aqueles que não crêem em Deus e em seus mensageiros, pretendendo cortar os vínculos entre Deus e seus mensageiros, e dizem: Cremos em alguns e negamos outros, intentando com isto achar uma saída. Estes são os verdadeiros incrédulos; porém, preparamos para eles um castigo ignominioso. Quanto àqueles que crêem em Deus e em seus mensageiros, e não fazem distinção entre nenhum deles, Deus lhes concederá as suas devidas recompensas, porque Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo.

Mohamad Ahmad Abou Fares interpreta estes versos expressando este conceito:

O fato importantíssimo é que o Islamismo não permite que os muçulmanos deixem de crer em alguns Profetas quando crêem em outros. A fé do muçulmano que Deus aceita tem que ser total – sem discriminação – em todos os Apóstolos<sup>11</sup> e em todas as religiões anteriores, conforme versículos 150, 151, 152 da Surata 4<sup>a</sup> do Alcorão. (Isto só é possível por assumirem que os personagens bíblicos eram muçulmanos).<sup>12</sup> Parêntesis acrescentado por mim.

Prossegue então, referindo-se ao Islã segundo uma perspectiva islâmica, que este é o mesmo desde o início: “Estes versículos e muitos outros contidos no Alcorão nos ensinam a grande religião: a religião de Deus é uma só... desde de o início da criação até hoje... e até o fim!”<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> Ibid. p. 21.

<sup>11</sup> No sentido islâmico, apóstolo significa um profeta de Alá que recebeu um livro, como Mohammad recebeu o Alcorão. Contudo, a maior parte destes livros se extraviaram ou se corromperam, por isso, Mohammad veio com o Alcorão, que é a revelação final e imutável.

<sup>12</sup> Fares, M. A. *Islamismo Mandamentos Fundamentais*. Brasil, Editora Gráfica e Editora Monte Santo, p. 151.

<sup>13</sup> Ibid. p. 152.



A idéia que Fares procura provar, é que cristãos e muçulmanos servem o mesmo Deus. Contudo, se no momento os cristãos não o fazem, é por que suas Escrituras foram alteradas, veja a seguir. Assim mostramos mais uma vez a opinião islâmica de que a Bíblia está corrompida, como já expressa por Hayek, agora por Fares:

A Alcorão veio corrigir e aperfeiçoar as crenças religiosas que devido a distorção que sofreram por culpa de homens que as interpretaram mal e erroneamente, e outros homens tendenciosos, casuísticos e criminosos que falsificaram e adulteraram textos bíblicos, causando o desvirtuamento e o afastamento dos homens da verdadeira senda (o Islã). O Alcorão então, veio para restituir a verdadeira lei de Deus na terra. O Islamismo nos ensina que todas as religiões são verdadeiras, desde que estejam conforme as Escrituras originais.<sup>14</sup>

Fares estava na ocasião expressando uma idéia comum aos muçulmanos, ou seja, os personagens bíblicos eram muçulmanos e serviam o mesmo Deus do Alcorão. Neste contexto, citou o Sura 2:136 e 285 para embasar sua opinião.<sup>15</sup> Segundo Fares, se não está claro nas Escrituras cristãs, que o Alá do Alcorão é o mesmo Deus da Bíblia, ou que os personagens bíblicos eram muçulmanos, é porque os textos foram alterados por pessoas mal intencionadas ou criminosas. Todavia, Fares não ofereceu as provas para que creiamos em sua opinião. Por outro lado, a abundância dos testemunhos de inúmeros manuscritos bíblicos, nos assegura que a mensagem bíblica foi ao longo dos séculos preservada:

Há agora mais de 5.300 manuscritos do Novo Testamento em grego. Aos quais acrescentamos 10.000 cópias da Vulgata Latina e pelo menos mais 9300 outros manuscritos em outras versões, assim temos mais de 24.000 cópias de porções do Novo Testamento em existência hoje.<sup>16</sup>

Ahmed Deedat também tenta provar que o Alcorão está certo, quanto ao seu Alá ser o mesmo Deus da Bíblia. Faz isto citando uma nota de rodapé da Bíblia *The New Scofield Reference Bible*. Seu alvo é mostrar que o Alá do Alcorão é mencionado na Bíblia, portanto, esta se refere ao mesmo Deus do Alcorão: “Por favor, note que em seu comentário no. 1, pg. 28, Eloim (as vezes El ou Elah, significando Deus) e alternativamente soletrado como Alah”.<sup>17</sup> Deedat então, publicou a primeira página da *The New Scofield Reference Bible*, onde encontra-se a nota de rodapé no. 1:

Eloim (as vezes El ou Elah), na forma inglesa Deus (God), o primeiro dos três nomes primários da divindade, é um substantivo uni-plural formado por El =forte, e Alah = jurar, se obrigar por voto, implicando

<sup>14</sup> Ibid. p. 150-152.

<sup>15</sup> Ibid. p. 151.

<sup>16</sup> McDowell, J. *Evidencies That Demands a Verdict*. UK, Alpha, 1993, pg. 39.

<sup>17</sup> Deedat, A. *What Is His Name*. RSA, Islamic Propagation Centre International, 1997, p. 27.

em fidelidade. Esta uni-pluralidade implícita no nome é diretamente afirmada em Gn. 1:26 (pluralidade), e no verso 27 (unidade); veja também Gn. 3:22. Assim a Trindade é latente em Eloim.<sup>18</sup>

Deedat utiliza-se desta nota de rodapé como um argumento para sustentar, o que se encontra no Sura 2:136, 138-140; 4:150-152 e 29:46, ou seja, cristãos e muçulmanos adoram o mesmo Deus. Faz isto devido a ter sido mencionado a Palavra Alah na nota.

A nota da Bíblia *The New Scofield Reference Bible*, faz bem ao mencionar a palavra Alah, pois Elohim é o plural de Eloah, que vem do verbo alá em hebraico, que significa ser adorado, ser excelente, temido e reverenciado.<sup>19</sup> Se Eloim, plural de Eloah, que vem do verbo alá, é uma evidência de que cristãos e muçulmanos servem o mesmo Deus, segundo Deedat. O Deus alcorânico então, deveria ser uma unidade composta, como indica a palavra Eloim, plural de Eloah, e como explicou Scofield em sua nota de rodapé, como já vimos, citada por Deedat. Contudo, ele ignorou o fato que a nota claramente ensina que o Deus verdadeiro, é uma unidade composta, o que é bem anti-islâmico. Quanto a evidência da Trindade, ou pelo menos uma indicação de que Deus é uma unidade composta, no uso da palavra Eloim nas Escrituras, consideraremos no próximo capítulo.

Vimos que pelo que se encontra no Sura 2:136, 138-140; 4:150-152 e 29:46, assim como pelos comentários de Fares, Hayek e Deedat, que o Alcorão define que seu Alá, é o mesmo Deus dos cristãos. Se isto não está claro na Bíblia, pois nesta Deus é triuno, presume-se que esta foi corrompida, veja anexo dois quanto a isto.

Veremos no próximo qual é o entendimento islâmico de Deus, e como neste contexto, muçulmanos negam as doutrinas cristãs da Trindade, Filiação e a Divindade de Jesus.

## 2.2 O entendimento islâmico de Deus

Faz sentido antes de considerarmos o entendimento islâmico de Deus, primeiro, definir shirk. Isto é necessário, pois em seguida veremos como que os árabes pré-islâmicos eram idólatras e cometiam shirk. Foi neste contexto que Mohammad pregou o monoteísmo. Em terceiro lugar, mostraremos que no monoteísmo de Mohammad, Deus não é triuno. Como resultado o Islamismo nega importantes doutrinas cristãs, como da Trindade, Divindade e Filiação de Jesus.

### 2.2.1 Como shirk é definido

Shirk é atribuir associado ou parceiro a Alá, ou seja, considerar algo ou alguém que não tem natureza divina como Deus, adorando o como tal. Este é o único pecado no

---

<sup>18</sup> Ibid. p. 28.

<sup>19</sup> Silva, E. S. *Testemunhas e Jeová*. Brasil, Editora Candeia 1993, p. 103.

Islamismo que não tem perdão, denominado shirk: “o homem se tornou culpado de shirk, adorador de ídolos”.<sup>20</sup> Em outras palavras, adoração a ídolos (politeísmo) é shirk, pois é o mesmo que associar ou atribuir um parceiro a Alá, considerando-o Deus, quando este não o é. John Gilchrist define shirk assim: “O Alcorão declara que há somente um pecado que não tem perdão, a saber, o associar ou atribuir parceiros a Alá. Shirk então, “associando”, é o pecado imperdoável no Islã.”<sup>21</sup>

No Alcorão está claro que shirk é imperdoável, veja os Suras 4:48, 116 e 5:72:

*Deus jamais perdoará a quem lhe atribuir parceiros (associados); porém, fora disso, perdoa a quem lhe apraz. Quem atribuir parceiros a Deus comete um pecado ignominioso, (Sura 4:48). Itálico acrescentado por mim.*

*Deus jamais perdoará quem lhe atribuir parceiros (associados), conquanto perdoe os outros pecados, a quem lhe apraz. Quem atribuir parceiros a Deus desviar-se-á profundamente, (Sura 4:116). Itálico acrescentado por mim.*

São blasfemos aqueles que dizem: Deus é o Messias, filho de Maria, ainda quando o mesmo Messias disse: Ó israelitas, adorai a Deus, que é meu Senhor e vosso. *A quem atribuir parceiros a Deus, ser-lhe-á vedada a entrada no Paraíso e sua morada será o fogo infernal!* Os iníquos jamais terão socorredores, (Sura 5:72). Itálico acrescentado por mim.

Está claro por estas três passagens, Sura 4:48, 116 e 5:72, que cometer shirk é associar alguém; ou algo, no caso de um objeto utilizado como um ídolo; como parceiro junto a Alá, considerando este ser como Deus. Contudo, isto é cometer o único pecado que não tem perdão. Alá perdoa os demais a quem lhe apraz, mais o pecado de associar alguém a Ele não tem perdão, pois o único Deus é Alá: “Ó israelitas, adorai a Deus, que é meu Senhor e vosso, (mas quem lhe atribui parceiros vai para o inferno). *A quem atribuir parceiros a Deus, ser-lhe-á vedada a entrada no Paraíso e sua morada será o fogo infernal, pois Deus jamais perdoará quem lhe atribuir parceiros*” (Sura 5:72).

John Gilchrist entende que a maior barreira entre cristãos e muçulmanos, é o fato que para o Islamismo, os cristãos cometem shirk ao adorarem Jesus. Pois no entendimento islâmico, Jesus é apenas um profeta e não Deus encarnado (Como veremos no item 2.3.2). Sendo assim, numa perspectiva islâmica, os cristãos estariam cometendo shirk ao adorarem Jesus. Caso Ele fosse somente um homem, isto seria associar alguém, uma criatura de Alá, a

---

<sup>20</sup> Maududi, A. A. *Para Compreender o Islamismo*. Brasil, Centro de Divulgação do Islã Para América Latina, 1989, p. 96.

<sup>21</sup> Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. RSA, Roodepoort Mission Press, 1988, p. 326.

Alá, adorando-o como Deus, quando Ele não seria. Gilchrist citou o Sura 10:66 e 68 para provar seu ponto: “Não é certo que é de Deus aquilo que está nos céus e na terra? Que pretendem, pois, aqueles que adoram os ídolos (associados no original) em vez de Deus? Não seguem mais do que a dúvida e não fazem mais do que inventar mentiras!”, (Sura 10:66).

Segundo a versão deste verso por A. Yusuf Ali, fica claro que a expressão *os ídolos*, no Sura 10:66, pode ser traduzida como *parceiros* (partners), (What do they follow who worship as His *partners* Other than God).<sup>22</sup> Gilchrist explica que a raiz da palavra parceiro, é a mesma da palavra shirk, a saber *yushraku*.<sup>23</sup> Segundo Gilchrist, os cristãos cometem shirk numa perspectiva islâmica, pois no verso 68 do Sura 10, dois versos depois do 66, foi condenado o fato que cristãos dizem que Jesus é o Filho de Deus. Vemos isto através da expressão: *Dizem: Deus teve um Filho!*, neste verso.<sup>24</sup> Está claro para Gilchrist que nas passagens, Sura 10:66 e 68, os cristãos são condenados como culpados de shirk, pois Jesus como Filho único e singular de Deus, é Deus, o que o Islamismo não aceita e considera shirk. Pensam que os cristãos associaram ou atribuíram Jesus a Alá, quando Ele era um mero mensageiro de Alá, isto segundo o Islamismo. Na verdade, Jesus é eterno e nunca foi associado a Alá. Deus é triuno de eternidade a eternidade.

Parece-nos que a idéia dos cristãos cometerem shirk ao aceitarem Jesus como Deus, fica mais evidente por meio da expressão: *São blasfemos aqueles que dizem: Deus é o Messias, filho de Maria*, no Sura 5:72. Esta expressão é seguida da informação: *Ó israelitas, adorai a Deus, que é meu Senhor e vosso. A quem atribuir parceiros a Deus, ser-lhe-á vedada a entrada no Paraíso e sua morada será o fogo infernal!* Em outras palavras, crer que Jesus é Deus, segundo o Sura 5:72, é blasfêmia e atribuir parceiros a Alá, ou seja, é cometer shirk e ser digno do inferno (fogo infernal), pois shirk não tem perdão, como já vimos nos Suras 4:48 e 4:116.

Quanto a Divindade de Jesus, e porque os cristãos não cometem shirk ao crerem em Jesus, leia o próximo capítulo. Lá veremos que Jesus não foi associado ou atribuído como parceiro de Alá. Deus é triuno desde de a eternidade, e assim se revelou ao homem.

### 2.2.2 Os árabes pré-islâmicos eram idólatras

Os árabes pré-islâmicos criam que Alá tinha filhos e filhas. Estes eram os deuses e deusas, ou os gênios e gênias, que descendiam de Alá. Como seus descendentes, numa perspectiva pré-islâmica, possuíam natureza divina, por isso, eram adorados como divindades

---

<sup>22</sup> Ali, A. Y. *The Holy Qur'an*. RSA, Islamic Propagation Centre International, 1946, p. 501.

<sup>23</sup> Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. RSA, Roodepoort Mission Press, 1988, p. 326-327.

<sup>24</sup> Ibid. p. 327.

por eles. Contudo, numa perspectiva islâmica, isto era o mesmo que associar ou atribuir parceiros a Alá, ou seja, considerar alguém ou algo que não tem natureza divina, como se o tivesse, adorando-o como Deus, o que é idolatria, ou politeísmo. Temos suficiente informação no Alcorão, sobre os árabes pré-islâmicos nestes termos, ou seja, eram idólatras e cometiam shirk. Veja os Suras 53:19-23; 6:100-102; 29:65 e 30:33-34. Serão considerados nesta ordem. São suficientes para os nossos propósitos.

No Sura 53:19-23, temos a menção de três deusas adoradas no período pré-islâmico: Al- Lát, Al-Uzza e Manata. Pensavam que estas eram filhas de Alá.

Considerai Al-Lát e Al-Uzza. E a outra, a terceira deusa, Manata. Porventura, pertence-vos o sexo masculino e a Ele o feminino? Tal, então, seria uma partilha injusta. Tais (divindades) não são mais do que nomes, com que as denominastes, vós e vossos antepassados.... Não seguem senão as suas próprias conjecturas e as luxurias das suas almas, não obstante ter-lhes chegado a orientação do seu Senhor! (Mohammad teria, então, trazido a *orientação do seu Senhor* contra o entendimento errado da idolatria). Parêntesis acrescentado por mim.

O ensino alcorânico mostra que este tipo de mentalidade, a qual via Alá como alguém que tivesse filhos, filhas ou mesmo um único Filho, como algo muito errado. O entendimento islâmico presume que Deus não tem nenhum Filho, por que Alá não faz sexo, ou seja, *pertence-vos o sexo masculino e a Ele o feminino?* Ressaltamos que como cristãos veementemente repudiamos qualquer idéia errônea sobre os filhos e filhas de Alá, pois nós cristãos também não cremos que Deus tenha descendentes. No momento oportuno, evidenciaremos mais no item 2.3.2, a idéia islâmica de que Jesus não é o Filho de Deus, pois Deus não faz sexo. Ali veremos vários versos no Alcorão e comentários de Hayek sobre o assunto. Contudo isto é bem errada à luz do entendimento cristão, veremos isto no capítulo 3.

A. Yusuf Ali ao comentar o Sura 53:21: *Porventura, pertence-vos o sexo masculino e a Ele o feminino*, diz: “Mostrar Deus em formas humanas, ou imaginar que tenha filhos e filhas, como se Deus fosse carne, era de qualquer maneira uma derrogação da suprema glória de Deus, que está acima de todas as criaturas”.<sup>25</sup> Hayek, por sua vez, ao comentar o Sura 53:21 sugere que se refira ao Sura 52:39, onde se percebe que foi condenado a idéia de Alá ter filhos e filhas: *Ou pertencem a ele as filhas e a vós os filhos?* Pede então, que se compare com o Sura 16:57-59.<sup>26</sup> O verso 57 em especial diz: *E atribuem filhas a Deus*. Tanto Ali como Hayek, condenam a idéia que Alá tivesse filhos e filhas, se opondo a idéia pré-islâmica,

---

<sup>25</sup> Ali, A. Y. *The Holy Qur'an*. RSA, Islamic Propagation Centre International, 1946, p. 1445.

<sup>26</sup> Hayek, S. El. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. Brasil, MarsaM editora Jornalística, 1994, p. 619.

quando se cria que Deus tivesse descendentes.

Entre os filhos de Alá, havia os gênios, pois criam que estes seres (gênios e gênias- são espíritos, que no entendimento popular possuem forma semelhante dos seres que aparecem no conto *Mil e Uma Noites*<sup>27</sup>) também eram filhos e filhas de Alá. Como tais eram parceiros de dele, o que é shirk na perspectiva islâmica, e errado de qualquer maneira, pois há somente um Deus verdadeiro. Veja o Sura 6:100-102:

Mesmo assim atribuem como parceiros a Deus, os gênios, embora fosse Ele quem os criasse; e, nesciamente, inventarem-lhe filhos e filhas.... Originador dos céus e da terra! Como poderia ter prole, quando nunca teve uma esposa, e foi Ele que criou tudo o que existe, e é Onisciente? Tal é o vosso Deus, vosso Senhor! Não há mais divindade além dele, Criador de tudo! Adorai-o, pois, porque é o guardião de todas as coisas.

Na prática, segundo o Sura 6:100-102, estes seres (gênios), seriam deuses parceiros de Alá, *atribuem como parceiros a Deus, os gênios*, por serem seus descendentes, isto segundo um entendimento pré-islâmico. Os árabes pré-islâmicos por isso, foram condenados por Mohammad como idólatras: *Não há mais divindade além dele* (Alá, Sura 6:102).

Os árabes todavia, tinham um certo conhecimento de Alá, o invocavam na hora da necessidade, mas em seguida, voltavam-se para os ídolos, ou seja, para as divindades erroneamente associadas a Alá, Sura 29:65: “Quando embarcam nos navios, invocam Deus sinceramente; porém quando, a salvo, chegam à terra, eis que lhe atribuem parceiros”. Esta mesma idéia aparece no Sura 30:33-34: “Quando a adversidade açoita os humanos, suplicam contritos ao seu Senhor; mas, quando os agracia com a sua misericórdia, eis que alguns deles atribuem parceiros ao seu Senhor, para desagradarem o que lhes concedemos”. Vemos pelo Sura 29:65 e 30:33-34, que haviam um certo conhecimento de Alá, mas logo os árabes pré-islâmicos voltavam para a idolatria.<sup>28</sup> Talvez, este Alá fosse o Deus triuno e verdadeiro, porém discussões acadêmicas quanto a isto não finalizaram a questão ainda.

Ao citarmos os Sura 53:23; 6:102 e 30:34, vemos que Mohammad estaria no processo de reverter este quadro, ou seja, tirá-los da idolatria e fazer dos árabes pré-islâmicos monoteístas. Há três expressões nestas passagens que sugerem isto, por exemplo, no Sura 53:23: *Não obstante ter-lhes chegado a orientação do seu Senhor!;* no Sura 6:102: *Tal é o*

---

<sup>27</sup> Ibid. p. 163, nota 477.

<sup>28</sup> O assunto sobre se Alá era o mesmo Deus da Bíblia, antes dos dias de Mohammad, ou o mesmo em seus dias, sendo depois definido por ele como um Deus não triuno, é interessante, mas não faz parte de nosso assunto. Talvez, houvesse um conhecimento do Deus verdadeiro, caso os árabes pré-islâmicos o tivessem invocando, mesmo que com sincretismo, como mostra os Suras 29:65 e 30:33-34. Contudo, para nossos propósitos, basta entendermos o conceito islâmico de Deus, o qual está em contraposição com a revelação bíblica.

*vosso Deus, vosso Senhor! Não há mais divindade além dele, Criador de tudo! Adorai-o, pois, porque é o guardião de todas as coisas, e no Sura 30:34: para desagradarem o que lhes concedemos.* Vemos então, que Mohammad segundo estas frases nos versos, teria vindo para dar-lhes a instrução correta, ou seja, não deveriam ser idólatras, mas sim servir o verdadeiro Deus, Alá.

Como o entendimento pré-islâmico pensava em Deus como alguém que tinha filhos e filhas, então, conforme Mohammad anunciava o monoteísmo, pensavam que ele tivesse sugerindo que todos os deuses formassem um só, como se fosse possível somá-los em um, Sura 38:5: “Pretende, acaso, fazer de todos os deuses um só Deus? Em verdade, isto é algo assombroso.” Contudo, Mohammad anunciava-lhes que havia somente um Deus. Neste sentido, o Islamismo é semelhante ao Cristianismo, pois prega a existência de um único Deus e condena a idolatria. Torna-se evidente porém, que Mohammad ensinou que Deus não é triuno e por isso, há tensão entre o Islamismo e o Cristianismo, também neste ponto doutrinário.

Vimos então, que os árabes pré-islâmicos eram idólatras e cometiam shirk, associavam seus ídolos a Alá, pensando que eram filhos e filhas dele. Neste contexto, Mohammad pregou o monoteísmo, combatendo a idolatria como vimos no Suras 53:23; 6:102 e 30:34. Todavia, seu Alá não é triuno. É o que veremos a seguir.

Vimos também infelizmente, a idéia de que cristãos cometem shirk ao adorarem Jesus, isto estaria claro nos Suras 10:66 e 68, segundo John Gilchrist. Pensamos porém, que o Sura 5:72, não nos deixa sombra de dúvida quanto a isto. Contudo, nós cristãos nunca associamos Jesus a Alá. Ele é eternamente Deus.

Passemos agora, a definir qual é a crença islâmica em Deus, segundo autores islâmicos e versos do Alcorão.

### 2.2.3 Deus segundo uma perspectiva islâmica

Veremos neste item primeiro, que no Islamismo Deus é uma unidade absoluta, isto segundo autores islâmicos e o Alcorão.

#### 2.2.3.1 Deus segundo autores islâmicos

Percebemos pelo que tem sido publicado em vários livros escritos por autores muçulmanos, que o Islamismo ensina que Deus é um ser absoluto e único, ou seja, uma unidade absoluta. Primeiro, veremos como Alá é definido como um único Deus, e a seguir, como Ele não é uma unidade composta. Alimam Abul A’la Maududi diz que:

“O ensino fundamental e mais importante do Profeta Mohammad é a fé na unidade de Deus. Isto é expresso na primeira “Kalima” do

Islamismo, isto é profissão de fé, como “La Iláha il’ Allah”: “não há outra divindade senão Deus (Alá do Alcorão)”. Parêntesis acrescentado por mim.<sup>29</sup>

Maududi prossegue explicando o que Iláha e Allah significam:

Ilah significa “aquele que é adorado.... A palavra Ilah também significa segredo e mistério, isto é, um ser invisível e imperceptível.... A palavra árabe Allah, por outro lado, é essencialmente o nome pessoal de Deus; La Iláha il’allah, significaria, traduzindo à letra, “não há outra divindade senão o Grande Ser – Deus”. Isto quer dizer que não existe em todo o universo nenhum ser merecedor de ser adorado senão Deus”.<sup>30</sup>

Maududi diz, portanto, que o mais fundamental e importante ensino de Mohammad é a fé na unidade de Deus. Nas palavras de Dr. Mohammad Hamidullah: “Neste campo (doutrina de Deus), o Islã tem a sua particularidade. Ele acredita na absoluta Unicidade de Deus”.<sup>31</sup>

Outro autor muçulmano, Ali Attantawy, define e explica o entendimento islâmico de Deus assim: “Foi criado tudo no universo do nada por um só Deus, que é único, que ressuscita e faz morrer. É Ele quem criou tudo e se quiser pode aniquilá-lo (o universo) e fazê-lo desaparecer, pois..., este é o Deus que não tem principio e nem fim, eterno, Todo poderoso”.<sup>32</sup>

Como já dissemos, a doutrina islâmica de Deus é em princípio, muito parecida com a cristã, pois ambas religiões pregam que há um só Deus, e combatem a idolatria. Ambas ressaltam praticamente os mesmos atributos divinos. A partir de agora, porém, começará a ficar claro que para os autores islâmicos, Alá não é triuno, mesmo que numa definição islâmica possua os mesmos atributos do Deus da Bíblia.

Hammudah Abdalati disse o seguinte sobre Alá:

Para sintetizarmos, o crente (a palavra crente é usada nas versões do Alcorão e na literatura islâmica, referindo-se a um muçulmano) deverá saber e crer nos seguintes artigos:

1. Deus é só Um; Deus, o absoluto, Ser que não gerou nem foi gerado. E nada há que se lhe assemelhe (Alcorão cp. 112).
2. Ele é clemente, misericordioso, o protetor, o verdadeiro guia, o Senhor justo, supremo, criador, vigilante, o primeiro e o último, conhecedor, sábio, atento, consciente..., capaz, poderoso (Alcorão 57:1-6; 59:22-24).
3. Ele ama e dá, é generoso e benevolente, rico, independente, redentor, clemente, paciente e apreciador; Ele é o Único e o Protetor, o

<sup>29</sup> Maududi, A. A. *Para Compreender o Islamismo*. Brasil, Centro de Divulgação do Islã Para América Latina, 1989, p. 89.

<sup>30</sup> Ibid. p. 91.

<sup>31</sup> Hamidullah, M. *Introdução ao Islã*. Brasil, SP, Editora Alvorada, p. 70.

<sup>32</sup> Attantawy, A. *Apresentação Geral da Religião do Islã*. Brasil, Centro de Divulgação do Islã Para América Latina, p. 43.



Juiz e a Paz (Alcorão – Sura 3:31; 11:6; 35:15; 65:2-3).<sup>33</sup> O primeiro parêntesis nesta nota foi acrescentado por mim.

Percebemos nesta explicação de Abdalati, que ao mesmo tempo que o Islamismo prega que há somente um Deus, possuidor de atributos a semelhança do Deus bíblico, nega a idéia de Jesus ser Filho de Deus. Isto fica claro pela expressão: *Ser que não gerou e não foi gerado*. Aqui já temos uma indicação, de que apesar que há semelhança entre o Deus do Alcorão, e o da Bíblia, não podem ser o mesmo Deus, pois um é triuno, possui um Filho, e o outro não.

Nos escritos destes autores já citados, um a um expressa o entendimento islâmico, como é de se esperar, que diz que Deus não é triuno, por exemplo, Attantawy diz: “Este é o Deus Único. Não tem associado a quem se pode adorar junto com Ele, nem mediador que se possa interceder junto a Ele”.<sup>34</sup> Não é isto uma indicação de que a Divindade de Jesus não é aceita? Apesar de que como cristãos, não pensamos em Jesus como alguém que foi associado a Alá, como se não fosse Deus e tivesse sido associado a Ele, mas como eterno Deus, uma das Pessoas da divindade. Contudo, certamente que para nós cristãos Ele é o único mediador e intercessor junto a Deus (Jo. 14:6; At. 4: 12; Rm. 8:34; Hb. 4:14-16, 7:25 e 1Jo. 2:1-2).

Por sua vez, tendo Maududi definido o entendimento islâmico de Deus, como vimos acima, é mais específico neste assunto ao explicar o conceito Tawheed, ou seja, Deus como uma unidade absoluta. Segundo Maududi, Deus se revelou assim desde de Adão a Jesus: “Tawheed é a mais alta concepção de divindade, segundo a qual Deus foi enviado à humanidade em todas épocas através dos seus Profetas. Era este conhecimento com o qual no início, Adão foi enviado à terra; o mesmo conhecimento que foi revelado a Noé, Abraão, Moisés e Jesus”.<sup>35</sup>

Prossegue dizendo que foi isto que Mohammad trouxe a humanidade, mas infelizmente o homem se tornou idólatra: “Foi este conhecimento que Mohammad trouxe à humanidade. É o conhecimento, puro e absoluto, sem a mais pequena sombra de ignorância. O homem tornou-se culpado de “shirk”, adorador de ídolos e “kufir”(apóstata).<sup>36</sup> Parêntesis acrescentado por mim.

Certamente que o conceito islâmico que condena a idolatria e ensina a existência de um único Deus, é compartilhado por nós cristãos, pois só há um Deus verdadeiro. Contudo, o

---

<sup>33</sup> Abadaliti, H. *O Islão em Foco*. Brasil, International Islamic Federation of Student Organizations, 1981, p. 22.

<sup>34</sup> Attantawy, A. *Apresentação Geral da Religião do Islã*. Brasil, Centro de Divulgação do Islã Para América Latina, 1991, p. 44.

<sup>35</sup> Maududi, A. A. *Para Compreender o Islamismo*. Brasil, Centro de Divulgação do Islã Para América Latina, 1989, p. 96.

entendimento islâmico como nos mostra Maududi a seguir, excluí a idéia de que Deus possa ser triuno:

Aquele que é infinito e eterno; Aquele que é todo-poderoso, onipotente e onisciente; Aquele que tudo sabe e tudo vê. Ele tem que ter autoridade máxima sobre tudo que existe no Universo. Ele deve possuir poderes ilimitados, tem de ser o Senhor do Universo e de tudo o que Ele tem.... Só um ser assim pode ser o Criador, o Controlador e o Senhor.... É essencial que todos estes atributos divinos e poderes estejam incluídos num só ser – é virtualmente impossível que duas ou três personalidades tendo todos poderes e atributos iguais, coexistam. Eles colidiriam.<sup>37</sup>

O conceito de Tawheed exclui portanto, segundo Maududi, qualquer possibilidade de pluralidade na divindade: *é virtualmente impossível que duas ou três personalidades tendo todos poderes e atributos iguais, coexistam. Eles colidiriam.* Em seguida ratificou: “Este é o significado de “La Iláha”, isto é, não há outra divindade, nenhum ser humano ou objeto material que possua o poder e a autoridade divinas que mereçam adoração e obediência, senão Deus”.<sup>38</sup> Vemos nesta sua declaração, a idéia de que não é possível, numa perspectiva islâmica, uma das pessoas da divindade ter se encarnado. Isto está claro por meio da expressão: *não há outra divindade, nenhum ser humano..., que possua o poder e a autoridade divinas.*

Uma vez que Deus não é triuno no Islamismo então, autores islâmicos como Ulfat Aziz Assamad, desenvolve toda uma argumentação contra a doutrina da Trindade. Neste momento somente expomos seu pensamento. Contudo, no próximo capítulo abordaremos a doutrina cristã de Deus. Na ocasião responderemos automaticamente as alegações islâmicas, inclusive as de Assamad.

Ao longo de suas observações, Assamad explica como é Deus no Cristianismo, como os cristãos estariam errados, e como é Deus no Islamismo. As vezes suas afirmações são meros mal entendidos. Estes serão no final deste capítulo listados, e respondidos ao longo e no final do próximo capítulo.

Assamad disse:

O Cristianismo, como é compreendido e professado pelos cristãos tanto das correntes católico-romana como das protestantes, abrange os Três Credos, como seja, o dos Apóstolos, o Nicêno e dos Atanasianos. As doutrinas cardiais do Cristianismo são (1) a Trindade, (2) a Divindade de Jesus Cristo, (3) a condição de Filho de Deus de Jesus

---

<sup>36</sup> Ibid. p. 96.

<sup>37</sup> Ibid. p. 97-98.

<sup>38</sup> Ibid. p. 99.

Cristo...<sup>39</sup>

Neste contexto, deixou claro que o Islamismo não aceita a Trindade, e nem a Divindade e Filiação de Jesus:

Na religião do Islam não tem lugar para nenhum desses dogmas. Ela crê na Unicidade de Deus em contraposição ao Deus triuno do Cristianismo. Ela considera a deificação cristã de Jesus como uma reversão ao paganismo. De acordo com o Sagrado Alcorão, Jesus não era uma encarnação de Deus e sim um profeta... ele era integralmente humano. O Islã também rejeita a condição de Filho Divino de Jesus. Ele pode ser chamado filho de Deus no mesmo sentido que todos os seres humanos probos podem ser chamados filhos de Deus.<sup>40</sup>

Assamad então, claramente definiu Alá como uma unidade absoluta, ou seja, uma só pessoa, em uma só essência, assim Deus não seria triuno, segundo ele:

O Islã ensina a pura e simples Unicidade de Deus. Ele apresenta uma concepção de Deus que está liberta de fantasias antropomórficas ou mitológicas. Ele afirma a unicidade de Deus e diz que Ele não tem parceiros na sua Deidade. Ele é só uma pessoa e só uma essência – os dois sendo inseparáveis e indistintos.<sup>41</sup>

Em sua argumentação contra a doutrina da Trindade, diz que: “A doutrina da Trindade divide a deidade em três Pessoas Divinas, separadas e distintas – Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo”.<sup>42</sup> Claro que não é verdade que cristãos separam as Pessoas da Trindade. Veremos isto no próximo capítulo. Prossegue citando o credo de Atanásio:

Há uma pessoa que é o Pai, outra que é o Filho, e outra que é o Espírito Santo. Mas a Deidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é uma só; a Glória é igual, a Majestade co-eterna... O Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus. E no entanto, eles não são três Deuses, mas um só Deus.<sup>43</sup>

Afirmou em seguida que: “Isto é obviamente uma auto contradição. É o mesmo que dizer que um mais um, mais um são três, mas que são ao mesmo tempo um. Se existem três pessoas divinas separadas e distintas e cada uma delas é Deus, então, é porque há três deuses”.<sup>44</sup> Procura reforçar seu argumento demonstrando que é comum cristãos afirmarem que a Trindade é um mistério, e assim a Igreja Cristã estaria se esquivando de reconhecer que é impossível crer na Trindade:

---

<sup>39</sup> Assamad, U. A. *O Islam e o Cristianismo*. Brasil, Editora Makka, 1991, p. 31

<sup>40</sup> Ibid. p. 31.

<sup>41</sup> Ibid. p. 36.

<sup>42</sup> Ibid, 1991, p. 32.

<sup>43</sup> Ibid. p. 32

<sup>44</sup> Ibid. p. 32-33.

A igreja Cristã reconhece a impossibilidade de conciliar a crença em três seres Divinos, com a unicidade de Deus, e conseqüentemente declara que a doutrina da Trindade é um mistério, no qual a pessoa deve acreditar cegamente. Eis o que escreve o Rev. J. F. DeGroot no seu livro *Catholic Teaching*: “A mais Sagrada Trindade é um mistério no sentido mais estrito da palavra. A razão sozinha não pode provar a existência de um Deus Triuno, é a revelação que o ensina. E mesmo depois que a existência do mistério nos foi revelada, permanece impossível para o intelecto humano entender como três seres têm só uma única Natureza Divina”.<sup>45</sup>

Assamad parece estar convencido de que a posição islâmica está correta, pois em seu ponto de vista, Jesus nunca teria ensinado a doutrina da Trindade:

É bastante estranho que o próprio Jesus Cristo jamais sequer mencionou a Trindade. Ele ou não sabia ou nada disse sobre existirem três Pessoas Divinas na Deidade. A concepção dele de Deus não era em nada diferente à dos profetas israelitas anteriores, que sempre haviam pregado a Unicidade e nunca a Trindade (Mc. 12:29-30). Ele acreditava em Um Ser Divino.<sup>46</sup>

Sua convicção é que a doutrina da Trindade foi inventada por homens:

A doutrina da Trindade foi cunhada pelos cristãos cerca de trezentos anos depois de Jesus. Os quatro Evangelhos canônicos, escritos entre os anos 70 e 115 da era Cristã, não contém qualquer referências à Trindade. Nem São Paulo, que introduziu muitas idéias estrangeiras no Cristianismo, sabia de qualquer coisa sobre o Deus Triuno. A *New Catholic Enciclopédia* (Nova Enciclopédia Católica, que ostenta o *Nihil Obstat* e o *Imprimatur* que indicam a aprovação oficial da Igreja)..., admite que a doutrina da Trindade era desconhecida aos primeiros cristãos, e de que ela foi formulada no final do quarto século.<sup>47</sup>

Sendo assim, Assamad chega a conclusão que a Trindade não foi ensinada por Jesus, e nem se encontra nas Escrituras, segundo ele, teria sido inventada pelos homens:

Portanto, a doutrina da Trindade não foi ensinada por Jesus, não é encontrada em lugar algum da Bíblia (quer no Antigo ou Novo Testamento), era completamente estranha ao pensamento e perspectiva dos primeiros cristãos; tendo-se tornado parte da fé cristã mais para o final do quarto século.<sup>48</sup>

Assamad pensa que não é racional crer na Trindade:

Considerando também racionalmente, o dogma da Trindade é insustentável. Ele não é apenas algo além da razão, como é também

---

<sup>45</sup> Ibid. p. 33.

<sup>46</sup> Ibid. p. 33.

<sup>47</sup> Ibid. p. 34.

<sup>48</sup> Ibid. p. 35

repugnante a esta. Como dissemos antes, a crença nos três seres divinos é incompatível com a unicidade de Deus. Se existem três seres distintos e separados, então, devem existir três essências distintas e separadas, já que cada pessoa é inseparável de sua essência. Portanto, se o Pai é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus, então, a não ser que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam três declinações, eles devem ser três Essências distintas, e conseqüentemente três Deuses distintos.<sup>49</sup>

Assamad procurou demonstrar, portanto, que os cristãos crêem que há três pessoas distintas na divindade, que por sua vez são separadas, e assim seriam três deuses. Procurou reforçar seu argumento, afirmando que Jesus, as Escrituras e os primeiros cristãos, desconheciam a doutrina da Trindade. A Igreja Cristã neste contexto, segundo Assamad, procura se esquivar de uma possível inconsistência na crença da doutrina da Trindade, reconhecendo que esta é um mistério. Em nosso próximo capítulo, veremos se procedem as afirmações e conclusões de Assamad.

Não há dúvidas portanto, de qual é o entendimento islâmico sobre Deus, segundo os autores islâmicos, Ulfat Aziz Assamad, Alimam Abul A'la Maududi, Hammudah Abdalati, Ali Attantawy e Dr. Mohammad Hamidullah, Ele não é triuno.

Passemos agora, a mostrar como no Alcorão há versos que definem a unicidade de Deus, em termos islâmicos. Versos portanto, que condenam a Trindade, e por conseqüência as doutrinas cristãs da Divindade e Filiação de Jesus.

#### 2.2.3.2 Deus segundo o Alcorão

Veremos pelo Alcorão a base para a doutrina islâmica de Deus. Ficará claro também segundo este livro, que Deus numa perspectiva islâmica, não é triuno. Veremos que o Alcorão não se limita a definir como Deus é, mas o faz, atacando as doutrinas da Trindade, Divindade e Filiação de Jesus. Citaremos primeiro, versos do Alcorão que definem a unicidade de Alá em termos islâmicos, então, os que negam a Trindade, e por fim, os que negam a Divindade e Filiação de Jesus.

O ideal não é só citarmos os versos, mas quando for possível, demonstrar qual é o significado dos mesmos por meio das explicações de Hayek, como uma reconhecida autoridade islâmica. Outras autoridades de respeito no meio islâmico também serão citadas. As vezes no verso alcorânico há mais de uma idéia, por exemplo, um verso que defini Deus como uma unidade absoluta, pode ao mesmo tempo negar a Divindade e Filiação de Jesus. Quando este for o caso, veremos como estas idéias aparecem no texto, mesmo que para isto, estejamos quebrando a ordem proposta no parágrafo anterior.

---

<sup>49</sup> Ibid. p. 35-36.

Como uma forma de entendermos a unicidade de Alá do ponto de vista islâmico, consideraremos os Suras 112; 2:163; 6:19; 12:40; 16:22, 51 e 38:65.

Ao considerarmos o Sura 112, faremos uma breve pausa para citar e entender os Suras 19:35; 6:101; 2:116 e 72:3. Isto se faz necessário, pois o comentário de Hayek sobre o Sura 112, abre o leque para se discutir o assunto de que Jesus não seria o Filho de Deus, pois Deus não faz sexo. Claro que como cristãos repudiamos pensar em Deus como alguém que precisa fazer sexo para ter um Filho. Esperamos mostrar por estes versos porém, que esta é uma idéia comum no Alcorão, mesmo que isso nunca tenha sido o entendimento cristão sobre a Filiação de Jesus.

Veja agora os versos do Alcorão que definem Alá como uma unidade absoluta. Começamos pelo Sura 112: “Dize: Ele é Deus, o Único. Deus! O Absoluto! Jamais gerou ou foi gerado! E ninguém é comparável a Ele!”. Hayek diz o seguinte sobre esta passagem alcorânica:

A natureza de Deus é nos aqui, indicada em poucas palavras, de maneira que possamos entender.... Ademais, Ele é Uno e Único, o Uno e Único, a quem devemos adorar; todas as outras coisas ou entidades em que ou em quem pudermos pensar são as suas criaturas, de maneira alguma comparáveis a Ele.... Ainda mais, não devemos pensar que Ele teve um filho ou um pai, porquanto isso seria querer imputar-lhe qualidades materiais, ao formarmos um juízo dele.<sup>50</sup>

Entendemos pelo comentário de Hayek, numa perspectiva islâmica, que Alá é uma pessoa em uma única essência divina, pois usou a expressão *Uno e Único*. Sendo assim, segundo ele, Deus não é triuno e não teria um filho: .... *Ainda mais, não devemos pensar que Ele teve um filho*. Contudo, para que não haja dúvidas quanto a oposição a doutrina cristã de Deus, Hayek diz na nota seguinte, a de no. 1931: “Isto nega a idéia do Cristianismo quanto à divindade do Pai, o Filho unigênito etc”.<sup>51</sup> Não há dúvida, portanto, numa perspectiva islâmica, o que significa o Sura 112, ou seja, Alá é um, uma unidade absoluta, por isso, não é triuno, e não tem um Filho.

Vale ressaltar, que no entendimento islâmico, Alá não pode ter um filho, pois não faria sexo. Isto é visto nas palavras de Hayek: “*Não devemos pensar que Ele teve um filho ou um pai, porquanto isso seria querer imputar-lhe qualidades materiais, ao formarmos um juízo dele*. É uma abominação e blasfêmia para os cristãos também, imaginar que Jesus é Filho de Deus em termos carnis. Não deveria haver esta barreira entre o Cristianismo e o Islamismo,

---

<sup>50</sup> Hayek, S. El. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. Brasil, MarsaM Editora Jornalística, 1994, p.757.

<sup>51</sup> Ibid. p. 757.

pois este não é o ensino cristão sobre a Filiação de Jesus. De fato, os cristãos não ensinam que Deus precisa fazer sexo para ter um filho, assim como não precisa respirar para existir.

A idéia alcorânica e islâmica, que define que Alá não tem um filho, pois não faz sexo, é vista em outros versos e comentários de Hayek, como nos Suras 19:35; 6:101, 2:116 e 72:3. Veremos as passagens nesta ordem.

No Sura 19:35 diz o seguinte: “É inadmissível que Deus tenha tido um filho. Glorificado seja! Quando decide uma coisa, basta-lhe dizer: Seja!, e é”. Hayek ao comentar este verso, mais uma vez explicou que Deus não pode ter um filho, porque não faz sexo: “Gerar um filho é um ato fisiológico que depende das necessidades da natureza animal do homem. Deus, o altíssimo, é independente de todas as necessidades, e é derogatório atribuir-lhe tal ato”.<sup>52</sup>

Outrora já vimos no Sura 6:101, que Alá não tem filhos ou um filho, pois não tem uma esposa para ter uma prole: *Como poderia ter uma prole, quando nunca teve uma esposa.*

Vemos novamente esta mesma idéia no Sura 2:116, e no comentário de Hayek: “Dizem (os cristãos): Deus adotou um filho! Glorificado seja! Pois a Deus pertence tudo quanto existe nos céus e na terra, e tudo está consagrado a Ele”, (Sura 2:116). Hayek ao comentar este verso, explicou outra vez, que o Islamismo entende que Jesus não poder ser o Filho de Deus, pois Deus não faz sexo: “É uma derrogação da glória de Deus – de fato uma blasfêmia – dizer que Ele gera filhos, como um homem ou um animal. A doutrina cristã é aqui enfaticamente repudiada... Num sentido mais espiritual, nós todos somos filhos de Deus. Contudo, perguntamos: quem afirmou que Jesus é Filho de Deus em termos carnis? Como já dissemos, os cristãos não ensinam isto de forma alguma.

No Sura 72:3 repete-se o mesmo conceito: “Cremos em que – exaltada seja a Majestade do nosso Senhor – ele jamais teve cônjuge ou prole”.

Vimos então, nos Suras 19:35; 6:101; 2:116 e 72:3, juntamente com os comentários de Hayek, incluindo seu comentário do Sura 112, que numa perspectiva islâmica, Jesus não é Filho de Deus, pois Deus não faz sexo. Concordamos como cristãos, sem nenhum problema com a declaração que Deus não faz sexo. Contudo, este entendimento errado sobre a Filiação de Jesus, é fruto de desconhecimento da doutrina cristã. No próximo capítulo, veremos o que os cristãos querem dizer sobre Jesus como Filho de Deus.

Há outros versos no Alcorão que ensinam o monoteísmo em termos islâmicos, por exemplo:

“Vosso Deus é Um só. Não há mais divindades além dele, o

---

<sup>52</sup> Ibid. p. 351.

Clemente, o Misericordiosíssimo (Sura 2:163).

Ousareis admitir que existem outras divindades conjuntamente com Deus? Dize: Eu não as reconheço. Dize ainda: Ele é um só Deus e eu estou inocente quanto aos parceiros que lhes atribuis (Sura 6:19).

Não adorais a Ele, mas a nomes que inventastes, vós e vossos pais, para o que Deus não vos investiu de autoridade alguma. O juízo somente pertence a Deus, que vos ordenou não adorásseis senão a Ele. Tal é a verdadeira religião; porém, a maioria dos humanos o ignora (Sura 12:40).

Vosso Deus é um Deus Único!... (Sura 16:22).

Deus disse: Não adoteis dois deuses – posto que somos um Único Deus! – Temei, pois, a Mim somente (Sura 16:51).

Dize-lhes: Sou tão somente um admoestador, não há mais divindades além do Único Deus, o Irresistível (Sura 38:65).

Uma vez que Alá no Alcorão é uma unidade absoluta, é de se esperar que a doutrina da Trindade fosse claramente condenada no Alcorão, e não só por autores islâmicos como Assamad. Há dois versos no Alcorão que claramente se opõem a Trindade, o Sura 5:73 e 4:171. Consideramos primeiro o Sura 5:73: “São blasfemos aqueles que dizem: Deus é o um da Trindade! Porquanto não existe divindade além do Deus Único...”. Veja que segundo esta passagem, os cristãos são definidos como blasfemos por crerem na doutrina da Trindade. Contudo, o Alcorão se expressa mal quando se refere a Trindade no Sura 5:73, pois os cristãos não crêem que *Deus seja o um de uma Trindade*, como se duas outras Pessoas tivessem sido associadas a Deus, mas que o Deus verdadeiro é triuno e tem sido assim desde a eternidade.

Hayek ao comentar o Sura 2:135: “Disseram: Sede judeus ou cristãos, que estareis bem iluminados. Responde-lhes: Qual! Seguimos o credo de Abraão, o monoteísta, que jamais se contou entre os idólatras”, disse o seguinte sobre a Trindade: “Os judeus, embora orientados quanto à Unicidade, procuraram falsos deuses, e os cristãos inventaram a Trindade ou a copiaram da idolatria”.<sup>53</sup> Vemos pelo comentário de Hayek do Sura 2:135, que o Islamismo condena a Trindade, pensando ser ela o mesmo que idolatria. Percebemos que os sentimentos islâmicos são profundos e antagônicos ao Cristianismo, pois no Alcorão os cristãos são blasfemos, segundo o (Sura 5:73), e idólatras, ou inventores da Trindade, segundo Hayek.

O outro verso alcorânico que condena a Trindade o 171 do Sura 4:171:

---

<sup>53</sup> Ibid. p. 20.



Ó adeptos do livro, não exagerais em vossa religião e não digais de Deus senão a verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria, foi tão somente um mensageiro de Deus (somente um profeta de Alá, como os demais, um homem sem natureza divina) e seu Verbo (no sentido que recebia revelações como Mohammad)... Crede, pois em Deus e em seus mensageiros e não digais Trindade! Abstende-vos disso, que será melhor para vós; sabeis que Deus é Uno! Longe está a hipótese de ter tido um filho. Os dois parêntesis foram acrescentados por mim.

O Sura 4:171 claramente define Alá como uma unidade absoluta, e se opõe sem sombra de dúvida a doutrina cristã da Trindade, *e não digais Trindade*. Por sua vez, combate também a doutrina da Divindade e Filiação de Jesus, pois o define como sendo somente um profeta, *somente um mensageiro de Alá*, e não como Filho Divino de Deus, *longe está a hipótese de ter tido um filho*.

O comentário de Hayek confirma o que está claro no Sura 4:171, segundo sua perspectiva islâmica. Diz pois, que Jesus era somente um homem (não era Deus), um mensageiro (profeta), um ser criado por Alá. Sendo assim, a Trindade é uma blasfêmia para os muçulmanos:

Os atributos de Cristo são mencionados: que ele era filho de uma mulher e, portanto, era um homem; porém era um mensageiro..., o resultado de um verbo, outorgado a Maria, pois ele foi criado pela palavra de Deus..., um espírito procedente de Deus, mas não Deus.... As doutrinas da Trindade (igualdade com Deus) e da (unigenicidade, filho único de Deus) são repudiadas como blasfêmias. Deus independe de toda a necessidade, e não necessita de filhos para gerir os seus assuntos.<sup>54</sup>

A idéia de que Jesus era um mero homem, um mensageiro (profeta), um ser criado, e por isso, não era Deus, é bem comum nos escritos islâmicos, por exemplo: Ahmed Deedat cita os Suras 3:47 e 3:59, para assim embasar sua opinião como muçulmano, de que Jesus foi criado: “Este é o conceito islâmico do nascimento de Jesus. Pois para Deus criar um Jesus, sem um pai, basta simplesmente desejar. Se ele quiser criar um milhão de Jesus, sem pais, basta Alá desejar”.<sup>55</sup>

Já vimos que o Alcorão, e numa perspectiva do significado dos versos, como comentados por Hayek e Deedat, claramente condena por meio dos Suras 4:171; 5:73; 3:47 e 59, as doutrinas cristãs da Trindade, Divindade e Filiação de Jesus.<sup>56</sup> Há outros versos no Alcorão, que também condenam essas doutrinas. Os veremos mais adiante.

---

<sup>54</sup> Ibid. p. 120.

<sup>55</sup> Deedat, A. *Christ in Islam*, RSA, Islamic Propagation Centre International, 1983, p. 24-25.

<sup>56</sup> Mesmo que nestas passagens não é a ênfase, mas se não há Trindade, então, o Espírito Santo também não é Deus. No Islamismo o Espírito é o anjo Gabriel (Sura 97:4 e 26:193).

Ahmed Deedat parece estar convencido que Jesus não é Deus, pois entende que Ele nunca se declarou como tal.<sup>57</sup> Procurou provar sua opinião citando Jo. 10:23-36, para explicar que Jesus é um com o Pai (Jo. 10:30), mas segundo seu entendimento, somente em propósito. Ele não seria Filho de Deus de uma maneira especial, como se fosse Deus, ou tivesse reivindicado sê-lo.<sup>58</sup> Contudo, Deedat caiu em contradição quando reconheceu que o entendimento de cristãos e judeus, quanto ao episódio da passagem é claro, ou seja, Jesus reivindicou ser Deus ao dizer que era um com o Pai, com a diferença que judeus não aceitaram isto e cristãos sim: “Os cristãos concordam com os judeus, Jesus realmente fez tal reivindicação (ser Deus); mas diferem nisto, não era blasfêmia para os cristãos, porque crêem que Ele é Deus”.<sup>59</sup> A contradição de Deedat demonstra que no fundo sabe que Jesus realmente se declarou Deus em Jo. 10:30, e em outras passagens.

O outro argumento de Deedat se limita a uma interpretação de Jo. 1:1, a semelhança de Testemunhas de Jeová, ou seja, o verbo não era Deus e sim um deus.<sup>60</sup> Quanto as evidências bíblicas para a Divindade de Jesus, nesta passagem e em outras, veja o próximo capítulo.

Segundo Hayek e Deedat, fica claro que para os muçulmanos as doutrinas cristãs da Trindade, Divindade e Filiação de Jesus, são muito erradas. Percebemos isto segundo o que Hayek comentou sobre o Sura 112; 2:135 e 4:171, e pelo comentário de Deedat sobre os 3:47, 59, e segundo seu entendimento de passagens bíblicas como Jo. 1:1 e 10:23-36. Jesus seria para eles somente um mensageiro de Alá, que foi criado, por isso, não é Deus.

O Alcorão porém, não se limita só aos Suras 3: 47 e 59; 4:171 e 5:73 em sua condenação as doutrinas cristãs:

Dizei: Cremos em Deus, no que nos tem sido revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Issac, a Jacó e as tribo; no que foi concedido a Moisés e a Jesus e no que foi dado aos profetas por seu Senhor; não fazemos distinção alguma entre eles, e nos submetemos a Ele (Sura 2:136). (Veja que Jesus é alistado como apenas um profeta). Parêntesis acrescentado por mim.

São blasfemos aqueles que dizem: Deus é o Messias, filho de Maria, ainda quando o mesmo Messias disse. Ó israelitas, adorai a Deus, que meu Senhor e vosso. A quem atribuir parceiros a Deus, ser-lhe-á vedada a entrada no paraíso e sua morada será o fogo infernal! Os iníquos jamais terão socorredores (Sura 5:72). (Veja que segundo este verso Jesus não é Deus, os cristãos são blasfemos por crerem em sua

<sup>57</sup> Deedat, A. *Christ in Islam*, RSA, Islamic Propagation Centre International, 1983, p. 35.

<sup>58</sup> Ibid. p. 37.

<sup>59</sup> Ibid. p. 38.

<sup>60</sup> Ibid. p. 40-41.

Divindade e cometem shirk ao crerem nele como Deus). Parêntesis acrescentado por mim.

Há outros versos no Alcorão que negam a doutrina cristã da Filiação de Jesus:

Os judeus dizem: Ezra é filho de Deus (de fato os judeus nunca falaram isto sobre Esdras); os cristãos dizem: O Messias é filho de Deus. Tais são as palavras de suas bocas; repetem, com isso, as de seus antepassados incrédulos. Que Deus os combata!<sup>61</sup> Como se desviam! (Sura 9:30). Parêntesis acrescentado por mim.

Dize-lhes: se o Clemente houvesse tido um filho, seria eu o primeiro entre seus adoradores (Sura 43:81).

Percebemos pelas evidências apresentadas, que o Alcorão não só define Alá como uma unidade absoluta, mas o faz repudiando veementemente as doutrinas cristãs da Trindade, e por conseqüência, da Divindade e Filiação de Jesus.

É difícil imaginar pela força das evidências, que Mohammad não tinha conhecimento do Evangelho, como pregado pelos apóstolos. Parece que ao tê-lo o repudiou. Ou ele teria simplesmente obtido um entendimento equivocado, como possivelmente foi o caso da doutrina da Trindade, como veremos no item 2.4. Como resultado disto, seus seguidores tendo por base o que está revelado no livro sagrado para os muçulmanos, o Alcorão, também se opõem as doutrinas cristãs, como já vimos Assamad e outros fazendo.

Assamad contudo, não se limitou a repudiar a doutrina da Trindade, mas também as doutrinas da Divindade e Filiação de Jesus:

Os cristãos (tanto católicos-romanos como os protestantes) acreditam que Jesus Cristo é Deus por toda a eternidade, a Segunda Pessoa Divina da Trindade; de que há quase dois mil anos atrás resolveu aparecer em um corpo humano e foi gerado da Virgem Maria..., (Citou mais uma vez o livro *Catholic Teaching*, escrito por Rev. J. f. DeGroot, para assim provar seu ponto): “*Este ensinamento sobre a Divindade de Cristo, encontrada em tantos lugares da Escritura, sempre foi proclamada pela Igreja como uma das verdades mais importantes da fé católica. O Concílio de Nicéia, que foi o primeiro Concílio Geral depois do fim das perseguições, solenemente condenou Arius, que havia contestado que Cristo não era Deus e sim uma criatura (humana)*”.<sup>62</sup>

Prossegue citando o W. H. Thurton, autor da obra *The Truth of Christianity*, pg. 507, o

---

<sup>61</sup> Infelizmente alguns muçulmanos em seu zelo em defender e propagar o ponto de vista islâmica, tem levado ao pé da letra a informação, *que Deus os combata*, e por isso, agridem os cristãos como regularmente tem sido noticiado na revista da Missão Portas Abertas. Ressaltamos que fazem parte de uma minoria, que é em muitas vezes claramente recriminada por autoridades islâmicas. Infelizmente estes não possuem o monopólio da violência, alguns chamados cristãos ao longo da história, tem sido muito violentos para com os muçulmanos, como durante as Cruzadas.

qual expressa corretamente o ponto de vista cristão sobre a Divindade de Jesus, tendo como base o fato que Ele era o Filho singular de Deus:

Evidentemente, esta expressão, o Filho de Deus, significou para ele (i.e. João) e presumivelmente também para os outros escritores do Novo Testamento, que a usam com frequência, que Cristo era verdadeiramente Deus – Deus o Filho – no sentido mais amplo e mais completo.<sup>63</sup>

Contudo, tendo Assamad entendido e expressado qual é o pensamento cristão quanto a Divindade e Filiação de Jesus, discorda deste. Parece convencido de que Jesus não é Deus, pois Ele orava a Deus Pai, e neste sentido, era como qualquer outro homem, como qualquer criatura de Deus, por isso conclui que Jesus não podia ser Deus encarnado:

Ele falava de Deus como “Meu Pai e o vosso Pai, e meu Deus e o vosso Deus (Jo. 22:17)”. Estas palavras de Jesus relatadas na Bíblia demonstram que Jesus tinha a mesma relação com Deus que qualquer outro homem. Ele era uma criatura de Deus.... Em sua agonia na cruz, Jesus exclamou: “*Eloi, Eloi, lamma sabachthani?* Que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (Mc. 15:34).

Segundo Assamad, jamais tais palavras proferidas na cruz por Jesus, poderiam ser pronunciadas por Deus, por isso, diz: “O que temos aí (se referindo a passagem de Mc. 15:34), é o grito de um homem indefeso e agonizante dirigido ao seu Criador e Senhor”.<sup>64</sup> Citou então, mais duas passagens bíblicas (Mc. 1:35; Lc. 5:16), onde vemos pela Bíblia que Jesus orava. Conclui então, que Jesus não podia ser Deus, por ter sido sua prática a oração.<sup>65</sup> Prosseguiu citando Jo. 17:3, um trecho de mais uma oração de Jesus, e baseado neste verso, afirmou que só há um Ser Divino, e que Jesus nada sabia da Trindade, e por isso, não era Deus:

*Ora a vida eterna é esta: Que te conheçam a ti como um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.* Estas palavras de Jesus provam, primeiro, que só há um Ser Divino e que Jesus nada sabia da Trindade (“a ti, como um só Deus verdadeiro”); segundo, que Jesus não tinha pretensão de ser Divino, pois ele se referia a um ser outro que não ele próprio “Ti” como o único Deus; terceiro, que Jesus só afirmava ser um mensageiro de Deus (“a Jesus Cristo a quem enviaste”).<sup>66</sup>

O chamado grande problema que prova que Jesus não era divino, pois orava a Deus Pai, de fato não o é, pois em havendo três pessoas na Divindade, uma fala com a outra, não só

---

<sup>62</sup> Assamad, U. A. *O Islam e o Cristianismo*. Brasil, Editora Makka, 1991, p 38.

<sup>63</sup> Ibid. p. 39.

<sup>64</sup> Ibid. p. 39.

<sup>65</sup> Ibid. p. 39

durante a encarnação, como também antes e depois da mesma.

Assamad procurou também atacar a Divindade de Jesus à luz das limitações decorrentes de sua encarnação:

A razão recusa-se a aceitar um homem nascido de uma mulher, que tenha passado por todas as vicissitudes, desconhecimentos e limitações humanas, e que só gradativamente cresceu em estatura, poder e sabedoria, como todos os outros seres humanos, como Deus. Impor as limitações humanas a Deus e crer na Sua encarnação num corpo humano é negar a perfeição de Deus.<sup>67</sup>

Apesar que a argumentação parece nova, porém não passa de mais uma maneira de Assamad negar a Divindade de Jesus, tendo como base sua humanidade. Pensa que porque Jesus era homem, não podia ser Deus encarnado. Claro que um ser humano se alimenta e passa por todas as chamadas *vicissitudes*. Como homem Jesus era tão humano, como um outro ser humano. Todavia, isto não consiste em prova de que não podia ser uma das pessoas da Divindade, que se encarnou. No próximo capítulo, veremos como Jesus voluntariamente se limitou na manifestação plena de seus atributos divinos, pela encarnação. Fez isto por um certo tempo, para que assim se cumprisse toda Escritura e pudesse haver salvação para o homem. Contudo, possuía natureza divina, mesmo que voluntariamente tinha se limitado na manifestação de seus atributos divinos. Não há no entendimento cristão, conflito entre o fato que Jesus sendo Deus, tornou-se homem, mesmo que para isto tenha se limitado por um certo tempo, como veremos no próximo capítulo.

A observação de Assamad quanto a encarnação de Jesus, é apenas um exemplo entre muitas tentativas do Islamismo em negar a Divindade de Jesus, procurando questioná-la à luz da sua humanidade. Citamos mais dois exemplos:

1. O folheto *The God That Never Was*, impresso e distribuído pelo Islamic Propagation Centre International, Durban, RSA, se propõe a isto. Vemos pelos seus subtítulos, que é sua intenção, através de citações bíblicas que mostram a humanidade de Jesus, tentar provar que Ele não era Deus encarnado. Os subtítulos são os seguintes: The birth of God (O nascimento de Deus); The Family of God A família de Deus); The development of God (O desenvolvimento de Deus)..., The capture of God (A captura de Deus), assim como outros. Todo cristão sabe que Jesus era Deus, que se fez carne, por isso, era tão humano como qualquer outra pessoa. Os pais da Igreja veementemente se opuseram a qualquer idéia

---

<sup>66</sup> Ibid. p. 40.

<sup>67</sup> Ibid. p. 41.

docética, que negasse a encarnação de Jesus.<sup>68</sup>

2. Um outro exemplo de como na literatura islâmica, procura-se desacreditar a Divindade de Jesus, por meio de suas limitações humanas, é o livro de Dr. Muhammad Ali Alkhuli, *The Truth About Jesus Christ*, citamos somente dois exemplos:

- Chorando. Quando Jesus viu Lázaro morto, “Jesus chorou (Jo. 11:35). Como pode Jesus ser Deus e chorar? Chorar é algo humano e não divino.<sup>69</sup>
- Lavando os pés. “Jesus começou a lavar os pés dos discípulos e secá-los como uma toalha (Jo. 13:5). Como pode Jesus ser Deus e lavar os pés dos discípulos?<sup>70</sup>

Alkhuli dá inúmeros exemplos em seu livro, *The Truth About Jesus Christ*, dentro desta linha de raciocínio, os quais não fazem sentido, pois tendo Jesus se encarnado, normalmente faria o que qualquer homem podia fazer.

Não que justifique, mas talvez explique o raciocínio islâmico, saber que no Alcorão há um verso que ensina que Jesus não é Deus, porque tinha limitações humanas. Em outras palavras, como Jesus podia ser Deus se Ele era humano? Sura 5:75: “O Messias, filho de Maria, não é mais do que um mensageiro (Jesus era só um profeta, não Deus), do nível dos mensageiros que o precederam; e sua mãe era sinceríssima. Ambos se sustentavam de alimentos terrenos, como todos”, (Parêntesis acrescentado por mim).

Percebemos que no entender do verso 75 do Sura 5, Jesus não era Deus, somente um profeta de Alá, e de forma alguma maior entre os profetas, pois tinha o mesmo *nível* dos demais. Como qualquer humano, assim como os demais profetas, e Maria, Jesus alimentou-se de produtos terrenos. Parece-nos que este é o verso que faz muçulmanos terem tanta barreira contra a Divindade de Jesus, à luz de sua humanidade, mesmo que sua natureza humana, não elimine sua Divindade. Veja isto no próximo capítulo.

A despeito deste verso do Alcorão ter influenciado Assamad ou não. Todavia, ele está convencido que Jesus não é Deus, devido a revelação alcorânica sobre isto, por isso citou dois versos deste livro que negam a Divindade de Jesus, o Sura 5:72, que define como blasfemos os que crêem na Divindade de Jesus, e o Sura 3:59, o qual afirma que Jesus foi criado:

São blasfemos aqueles que dizem: Deus é o Messias, filho de Maria, ainda quando o mesmo Messias disse: Ó israelitas, adorai a Deus, que é meu Senhor e vosso. A quem atribuir parceiros a Deus, ser-lhe-á vedada a entrada no Paraíso e sua morada será o fogo infernal! Os

---

<sup>68</sup> <sup>68</sup> Irineus, *Against Heresies*, de *The Ante-Nicene Fathers*, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999), Book 3.

<sup>69</sup> Alkhuli, M. A. *The Truth About Jesus Christ*. Jordan, Alfalah House For Publication & Distribution, 1996, p. 16.

<sup>70</sup> *Ibid.* p. 17.

iníquos jamais terão socorredores, (Sura 5:72).  
O exemplo de Jesus, ante Deus, é idêntico ao de Adão, que Ele criou do pó; então lhe disse: Seja! E foi, (Sura 3:59).<sup>71</sup>

Assamad passa então, a argumentar contra a doutrina cristã da Filiação de Jesus. Veremos no próximo capítulo, como que no entendimento cristão, segundo as Escrituras Sagradas, Jesus é Filho de Deus de uma maneira especial, pois é o único que compartilha a mesma natureza que o Pai e o Espírito Santo. Os demais pessoas são filhos por adoção.

Assamad pensa que Jesus é Filho de Deus num sentido genérico, assim como Israel (Êx. 4:22), Davi (Sl. 2:7) e Salomão (1 Cr. 22:10) foram chamados filhos de Deus.<sup>72</sup>

Após Assamad ter citado as passagens de Êx. 4:22; Sl. 2:7 e 1Cr. 22:10, afirmou que Jesus era Filho de Deus, no sentido que era próximo de Deus pelo amor, assim como qualquer homem pode ser filho de Deus nesses termos:

Esta frase (referindo-se a expressão Filho de Deus) não significou nada mais que a proximidade a Deus pelo amor. O próprio fundador do Cristianismo disse que todo aquele que cumprisse a vontade do Pai Celeste era um filho de Deus. Era o realizar uma vida de devoção e de comportamento bondoso e misericordioso que tornava um homem digno de ser chamado de filho de Deus. Não é isso que Jesus diz nos seguintes ditos: “*Amai os vossos inimigos... para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus*”, (Mt. 5:44-45). *Bem aventurados são os pacificadores; pois eles serão chamados filhos de Deus*”, (Mt. 5:9). Estes ditos (referindo-se aos versos bíblicos citados) não deixam dúvida em nossa mente quanto ao que essa frase representava para Jesus. Em vista disso, não há justificativa para se ver Jesus como Filho de Deus em um sentido exclusivo ou distinto.<sup>73</sup>

Assamad entende que Jesus nunca pensou sobre si de forma especial, como se fosse Filho de Deus num sentido único e singular. Pensa que a passagem de Jo. 10:34-36, prova que Jesus não utilizava a expressão Filho de Deus, pensando ser divino, mas como uma metáfora:

*Jesus respondeu-lhes: Não está escrito na vossa lei “Eu disse: Vós sois deuses? Se Ele chamou de deuses aqueles a quem fora revelada a palavra de Deus, e a Escritura não pode ser renegada; dizeis a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, “Blasfemas”, por eu ter dito que sou filho de Deus, (Jo. 10:34-36). Jesus estava evidentemente se referindo ao Sl. 81:6-7 (Assamad usou a Bíblia católica para fazer a citação, por isso, a passagem é Sl. 81:6-7 e não 82:6-7)..., como os juizes da antigüidade eram chamados “deuses” somente em sentido metafórico, também assim se chamava de “filho de Deus”.<sup>74</sup>*

---

<sup>71</sup> Assamad, U. A. *O Islam e o Cristianismo*. Brasil, Editora Makka, 1991, p. 41-42.

<sup>72</sup> Ibid. p. 43.

<sup>73</sup> Ibid. p. 43-44.

<sup>74</sup> Ibid. p. 44-45.

Ahmed Deedat argumenta nos mesmos termos que Assamad em seu livro *Christ in Islam*. Ali alistou várias passagens, tais como: Gn. 6:2 e 4 (os filhos de Deus casaram-se com as filhas dos homens); Êx. 4:22 (Israel é filho de Deus); Sl. 2:7 (Davi como filho de Deus) e Rm. 8:14 (os filhos de Deus são guiados pelo Espírito Santo).<sup>75</sup> Deedat concluiu que Jesus é filho de Deus de uma maneira metafórica, como Israel, Davi e outros na Bíblia.<sup>76</sup> De fato, sua argumentação só prova que há mais de um uso para a expressão *filho de Deus*, na Bíblia. Sem ter considerado as passagens que definem Jesus como Filho de forma especial e única, como veremos no capítulo seguinte. Logo se percebe que Assamad, como Deedat, não compreendem os vários significados bíblicos da expressão Filho Deus.

Pelos versos do Alcorão citados por Assamad, vemos em que base se sustenta para negar a doutrina da Filiação de Jesus. Citou os Suras 2:116 e 19:35:

Dizem (os cristãos): Deus adotou um filho! Glorificado seja! Pois a Deus pertence tudo quanto existe nos céus e na terra, e tudo está consagrado a Ele, (Sura 2:116).

É inadmissível que Deus tenha tido um filho. Glorificado seja! Quando decide uma coisa, basta-lhe dizer: Seja!, e é, (Sura 19:35).<sup>77</sup>

Vimos, portanto, que Assamad, Alkhuli e Deedat, segundo suas perspectivas islâmicas, negam a doutrina da Divindade e Filiação de Jesus. Vimos que as passagens alcorânicas que dão base para isto são: 2:116; 19:35

A seguir consideraremos mal entendidos islâmicos que impedem muçulmanos de perceber qual é o pensamento cristão quanto a doutrina da Trindade.

### 2.3 Mal entendidos islâmicos quanto as doutrinas cristãs

Primeiro, veremos os mal entendidos como se apresentaram no capítulo até o momento. Depois o possível mal entendido de Mohammad ter pensado que a Trindade era composta do Pai, Maria e Jesus. Os mal entendidos que se apresentam até agora são os seguintes:

1. Imaginar que a Trindade foi retirada da idolatria, ou inventada pelo homem como afirmou Hayek, ao comentar o Sura 2:135. De fato como mostra o próximo capítulo, esta doutrina é totalmente baseada nas Escrituras Sagradas, que tão claramente condenam a idolatria.

2. Imaginar que os cristãos são blasfemos por crerem na divindade de Jesus (Sura 5:72), e blasfemos por crerem na doutrina da Trindade (Sura 5:73). Claro que não, pois não é

---

<sup>75</sup> Deedat, A. *Christ in Islam*, RSA, Islamic Propagation Centre International, 1983, p. 28-29.

<sup>76</sup> Ibid. p. 29.

<sup>77</sup> Ibid. p. 45.



blasfêmias crer nas doutrinas bíblicas.

3. Imaginar que Jesus foi associado a Alá, sem perceberem que isto não é possível, pois Ele é Deus eterno. Não cremos de forma nenhuma em Deus *como o um de uma Trindade*, mas sim em um eterno triuno Deus.

4. Pensar que cristãos inventaram a doutrina da Trindade no quarto século, quando na verdade só sistematizaram o que estava nas Escrituras, é já era aceito como doutrina correta entre os cristãos. Isto desde os primórdios do Cristianismo.

5. Imaginar que os cristãos ao afirmarem que a Trindade é um mistério, querem dizer com isto, que a doutrina não pode ser entendida racionalmente. Claro que sim, porém não se tem a pretensão de se explicar na sua plenitude a natureza divina, pois Deus é espírito, infinito e eterno, Qual humano pode em sua consciência dizer que sabe tudo sobre Deus? Contudo, a doutrina da Trindade pode ser entendida racionalmente sem sombra de dúvidas.

6. Atacar a Divindade de Jesus, tendo como base sua encarnação. Se está revelado que o Messias seria Deus em carne, quem somos nós para negarmos isto? Ou limitarmos Deus naquilo que Ele quer fazer. Certamente que para o Deus do impossível, é possível voluntariamente se limitar em um corpo humano, se assim o desejar. A encarnação de Jesus, não prova que Ele não é Deus, e não nos dá base para rejeitarmos a Trindade. Só mostra que Deus usou seu poder, limitando-se voluntariamente por um tempo, para assim poder morrer pelo homem.

7. Ignorar todos os sentidos da expressão filho de Deus na Bíblia, por causa disto crêem que Jesus não é o Filho de Deus, pois Deus não faz sexo. Não é isto que os cristãos ensinam.

8. Confundir Trindade com triteísmo do Pai, do Filho e do Espírito Santo, como Assamad o fez: Ele disse que os cristãos crêem que há três pessoas distintas e separadas na divindade: *A doutrina da Trindade divide a deidade em três Pessoas Divinas, separadas e distintas – Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo*. Isto seria triteísmo, três Pessoas distintas e separadas em três essências, ou três Pessoas distintas e separadas em uma única essência divina. Nós cristãos porém, não cremos assim. Veremos no próximo capítulo, que as Pessoas são distintas, mas inseparáveis e indivisíveis.

Fora estes mal entendidos há também a possibilidade de Mohammad ter confundido o ensino cristão da Trindade, com triteísmo do Pai, Maria e Jesus. Se isto ocorreu, há a possibilidade de Mohammad ter condenado a Trindade, por causa de um entendimento errado. Até mesmo os cristãos condenariam veementemente a Trindade nestes termos. Como teria ocorrido isto? Há dois versos que indicam que Mohammad pensava que Maria também tinha

natureza divina, Sura 5:75 e 5:116.

No Sura 5:75 lê-se que: “O Messias, filho de Maria, não é mais do que um mensageiro, do nível dos mensageiros que o precederam; e sua mãe era sinceríssima. Ambos se sustentaram de alimentos terrenos”. Vemos aqui que há uma condenação da crença na Divindade de Jesus, como de Maria, pois ambos eram humanos.

Esta condenação também se vê no Sura 5:116: “E recorda-te de que quando Deus disse: Ó Jesus, filho de Maria! Fosse tu quem disseste aos homens: Tomai a mim e minha mãe por duas divindades, em vez de Deus?” Vemos então, que havia a crença, ou o entendimento de que cristãos adoravam Jesus e Maria, como pessoas da Trindade.

Há duas possibilidades de como Mohammad se convenceu que a crença da Divindade de Maria era aceita por cristãos. Talvez obteve este conhecimento através de uma obscura seita cristã chamada Collyridians. Estes adoravam Maria e lhe ofereciam um bolo em adoração, chamado Collyris.<sup>78</sup> Ou simplesmente o obteve por meio do que pensou ser verdade, segundo as aparências, pois alguns cristãos veneram Maria em suas expressões populares de fé, de tal maneira, que poderia ter lhe parecido que era uma doutrina cristã, a divindade de Maria. Sendo assim, Mohammad poderia ter concluído que Maria era parte da Trindade, o que é contrário ao ensino bíblico sobre ela.<sup>79</sup>

De qualquer maneira, o entendimento islâmico inicial quanto a Trindade, segundo antigos comentaristas islâmicos, supunha que esta fosse composta de Deus, Maria e Jesus: “Estes versos (Sura 5:75 e 5:116) são explicados pelo comentarista Jalalu’din e Yahya, como sendo a resposta de Mohammad a declaração de que ouviu de certos cristãos de que há três deuses, a saber Pai, Maria e Jesus (Tisdall, *The Original sources of the Qur’an*)”.<sup>80</sup>

Um outro grande comentador Zamakhshari disse o seguinte sobre o Sura 4:171:

De acordo com as evidências do Alcorão, os cristãos mantêm que Deus, Cristo e Maria são três deuses, e que Cristo é o filho de Deus por Maria, como Deus diz (no Alcorão): *E recorda-te de que quando Deus disse: Ó Jesus, filho de Maria! Fosse tu quem disseste aos homens: Tomai a mim e minha mãe por duas divindades, em vez de Deus?*<sup>81</sup>

Certamente que este não é o ensino cristão sobre a Trindade. Contudo, segundo comentaristas islâmicos, como Jalalu’din, Yahya e Zamakhshari, era isto que Mohammad condenava, e não a doutrina como a conhecemos. O fato de Deus ser uma unidade composta,

---

<sup>78</sup> Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. RSA, Roodepoort Mission Press, 1988, p. 318.

<sup>79</sup> Ibid. p. 319.

<sup>80</sup> Ibid. p. 318.

<sup>81</sup> Ibid. p. 318.

não faz dele três deuses. Se pudéssemos remover estes mal entendidos, então o Islamismo veria que o Cristianismo também prega o monoteísmo.

Vimos neste capítulo que pelo que se encontra no Sura 2:136, 138-140; 4:150-152 e 29:46, assim como pelos comentários de Fares, Hayek e Deedat, que o Alcorão define que seu Alá, é o mesmo Deus dos cristãos. Se isto não está claro na Bíblia, presume-se que esta foi corrompida.

Em seguida, vimos que os árabes pré-islâmicos eram idólatras e cometiam shirk, associavam seus ídolos, que pensavam que eram filhos e filhas de Alá, a Alá. Neste contexto, Mohammad pregou o monoteísmo combatendo a idolatria, como vimos nos Suras 53:23; 6:102 e 30:34, porém seu Alá não é triuno.

Infelizmente, a idéia de que cristãos cometem shirk ao adorarem Jesus, estaria clara nos Suras 10:66 e 68, segundo John Gilchrist. Pensamos porém, que o Sura 5:72 não nos deixa sombra de dúvida quanto a isto. Contudo, nós cristãos nunca associamos Jesus a Alá, Ele é eternamente Deus.

Depois vimos que segundo autores islâmicos, e o Alcorão, Deus não é triuno. Escritores renomados expressaram isto, como Ulfat Aziz Assamad, Alimam Abul A'la Maududi, Hammudah Abdalati, Ali Attantawy e Dr. Mohammad Hamidullah.

Os versos alcorânicos que dão base aos autores muçulmanos terem suas convicções, são os Suras: 2:136; 3:47, 59; 4:171; 5:72, 73, 75; 6:19; 9:30; 16:22, 51; 38:65; 43:81 e 112. Comentários de Hayek e outras autoridades islâmicas, nos derem a garantia que o entendimento islâmico quanto a estes versos estava sendo assimilado, ou seja, Alá não é triuno, não tem um filho, foi somente um profeta de Alá, que como qualquer ser humano, foi criado.

Mostramos por fim, que há no entendimento islâmico vários mal entendidos quanto as doutrinas cristãs da Trindade, Divindade e Filiação de Jesus. Sem os quais ficaria mais fácil para muçulmanos entenderem que o Cristianismo também ensina o monoteísmo. Há uma possibilidade e Mohammad ter confundido o verdadeiro ensino cristão sobre a Trindade. Parece que pensou se tratar da divindade do Pai, Maria e Jesus. Claro que não é isto de maneira alguma.

Passemos agora para o nosso capítulo, quando apresentaremos a evidência bíblica para a doutrina da Trindade, por consequência para a Divindade e Filiação de Jesus, como do Espírito Santo. Neste processo, esclarecemos várias dificuldades islâmicas com a doutrina cristã de Deus. Perceberemos que a despeito das convicções islâmicas, quanto as doutrinas cristãs, estas não procedem, assim como não procede imaginar que o Deus do Alcorão é o

mesmo Deus da Bíblia, pois um é triuno e o outro não.

### **3. A DOCTRINA CRISTÃ DE DEUS**

Nossa intenção neste capítulo é explanar a doutrina cristã de Deus. Mostraremos que o Cristianismo ensina o monoteísmo, porém Deus tem se revelado como uma unidade composta, assim o aceitamos, pois Ele é, como Ele é. Conhecemos a Deus, segundo o que Ele se fez conhecer, pois não há como o homem em sua humanidade conhecê-lo, a menos que Ele se revele as suas criaturas.

Ajudará muito se acompanhar lendo em sua Bíblia, os versos citados ao longo deste texto. Certamente que a leitura será mais lenta, mais enriquecerá o estudo sobre o assunto. Os versos bíblicos citados, o serão segundo a tradução de João Ferreira de Almeida, edição revista e atualizada. Quando este não for o caso, a devida tradução será mencionada em nota de rodapé.

Explanaremos o assunto desta maneira: Primeiro, definiremos o significado de palavras teológicas, que serão usadas em nossa exposição. Disto depende nossa compreensão do texto. Em seguida no mesmo item, definiremos a doutrina da Trindade. Segundo, mostraremos como está revelado nas Escrituras bíblicas, que há somente um Deus. Terceiro, consideraremos exemplos de unidade composta, demonstrando que este conceito não é anormal. A seguir neste mesmo item, veremos que na revelação bíblica está demonstrado que Deus é uma trina unidade composta. Quarto, relataremos as provas bíblicas para a divindade das três Pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo. Quinto, responderemos os ataques a divindade de Jesus, por ter Ele se limitado nas manifestações dos atributos divinos, pela encarnação. Suas limitações foram voluntárias e necessárias por um tempo, pois Ele tinha que se tornar homem, para como homem, morrer pela humanidade. Uma vez exaltado, Jesus não possui as limitações da encarnação. Contudo, em nenhum momento deixou de ter natureza divina, ou de ser Deus, por causa da encarnação do Verbo (Jo. 1:1, 14). Sexto, após a explanação destes itens, teremos condição de mostrar que os mal entendidos islâmicos, quanto as doutrinas cristãs não procedem.

#### **3. 1 Definindo o vocabulário relevante e a doutrina da Trindade**

Certamente que ao abordar a doutrina da Trindade, usamos palavras humanas para descreverem a natureza divina, ou Deus em sua essência. Será que temos na linguagem humana palavras perfeitas, amplamente comunicativas do que seja Deus? Certamente que não, pois como podemos entender Deus em sua totalidade e expressá-lo em sua infinita perfeição? Ele é imanente, e ao mesmo tempo transcendente, onisciente, onipotente, onipresente e eterno. Os vocábulos desenvolvidos pelos teólogos, são em si limitados, por

serem linguagem humana. Estes tentam expressar e explicar Deus. Como pode o finito explicar o infinito? Contudo, para que a doutrina de Deus fosse formulada, desenvolveu-se vocabulário próprio, o qual precisa ser bem entendido, pois do contrário, cria-se desnecessários problemas de comunicação. Mesmo assim porém, entende-se que não expressam e explicam Deus em sua totalidade, pois Ele é maior que a mente humana. Todavia, faz-se necessário entender bem as palavras teológicas, no sentido em que as usaremos neste texto.

Vale lembrar, que o homem em sua pequenez, tem até mesmo dificuldade para entender sua própria natureza, pois quem já viu sua alma e espírito? Quem pôde provar que os possui? O que sabemos sobre a constituição da natureza humana, o fazemos por revelação. Desta forma, o é com a natureza divina, o que desta sabemos, o fazemos por revelação. Contudo, quando vamos expressá-la, como já dissemos, nos falta vocabulário perfeito para tal. Mesmo que linguagem humana não seja perfeita, podemos em sua limitação, racionalmente explicar a revelação bíblica de Deus.

A palavra no grego para natureza divina é *ousia*, significando essência. Alguns Pais da Igreja latinos, usaram substância para traduzir *ousia* e *hypostasis*. Hypostasis significa modos de subsistência, e não de manifestação, como ensinou Sabélio.<sup>82</sup> Sendo assim, a palavra substância se tornou ambígua, pois tanto era usada para essência, traduzindo *ousia*, como para modos de subsistência, traduzindo *hypostasis*, que se refere as distinções de Pessoas na divindade.<sup>83</sup> Hoje em dia substância ou essência, assim como natureza divina, tem sido usadas como sinônimos. Assim o fazemos em nosso texto.

Como já dito, os autores em grego usavam o termo *hypostasis* para se referirem as distinções na divindade. Por outro lado, os autores latinos usavam a palavra *persona*, e as vezes substância. Contudo, *hypostasis* podia levar a mal entendidos, como o fez Sabélio, e substância, era ambígua.<sup>84</sup> Para se evitar problemas com estes vocabulários, teólogos tem usado a expressão *subsistências pessoais*, para se referirem ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Por isso, Calvino podia dizer que:

“Por Pessoa, queria dizer subsistência na essência divina, conquanto relacionadas com as outras duas, distingue-se delas..., não deve se perder de vista o fato de que as auto-distinções (referindo-se as Pessoas da Divindade) implicam em um “Eu” e “Tu” no Ser de Deus,

---

<sup>82</sup> Sabélio ensinou que o Pai, o Filho e o Espírito Santo, foram somente manifestações diferentes de um único Deus, o qual seria uma unidade absoluta.

<sup>83</sup> Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática*. Brasil, Luz Para o Caminho, 1990, p. 89

<sup>84</sup> *Ibid.* p. 89.

que assumem relações pessoais uns para com os outros (Ver. Mt. 3:16; 4:1; Jo. 1:18; 3:16; 5:20-22; 14:26; 15:26; 16:13-15)”.<sup>85</sup>

Apesar que teólogos como Calvino, preferem o termo subsistências pessoais para se referir ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Contudo, usaremos o termo Pessoas. Este nos resguarda de qualquer mal entendido, de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo, não sejam personalidades distintas. Contudo, a palavra pessoa em si, trás a dificuldade de estarmos acostumados a pensar em pessoas humanas. Estas compartilham uma mesma natureza ou essência, que é a essência humana, mas são separadas e divididas, pois onde há uma pessoa humana, há um essência individual distinta, separada das demais pessoas.<sup>86</sup>

O uso da palavra *pessoa* para se referir as distinções da divindade, deve ser entendida de uma maneira diferente, de quando usada para se referir a seres humanos, pois Deus não é um ser humano. Quando falamos em Pessoas na Divindade, nos referimos a três indivíduos distintos, justapostos, inseparáveis, indivisíveis, sendo que estes três em essência são um. Em outras palavras, numericamente há somente uma essência divina, que é compartilhada pelas três Pessoas na divindade, em sua totalidade. Não há divisão das Pessoas, nem mesmo internamente, nesta única existente natureza divina.

Porque não há divisão das Pessoas, nem mesmo internamente na essência divina, então estas habitam uma nas outras, ou seja, o Pai, Filho e Espírito Santo, habitam uns nos outros, e são inseparáveis e indivisíveis. Inicialmente veremos que o Pai e Jesus, habitam um no outro, e assim são inseparáveis, por compartilharem uma única natureza divina. Em seguida, veremos como que o Espírito Santo habita no Pai e no Filho e vice versa.

O Pai e Jesus habitam um no outro, de tal maneira que Jesus podia dizer: “Eu e o Pai somos um”, (Jo. 10:30). *Um* no grego em Jo. 10:30, está no neutro, significando uma única essência. Se Jesus quisesse dizer, Eu e o Pai somos uma mesma Pessoa, *um* no texto, teria que estar no gênero masculino.<sup>87</sup> O uso do gênero neutro para *um* em Jo. 10:30, demonstra que Jesus referia-se a natureza ou essência divina, ou seja, Ele e o Pai compartilham uma mesma natureza, implicando isto em sua divindade. Sendo assim, os judeus queriam apedrejá-lo, imaginando que Jesus blasfemava (Jo. 10:31-33). O verso 33, em Jo. 10, nos garante que no entendimento judaico, Jesus estava na ocasião declarando-se Deus, por ter dito que possuía a mesma essência divina do Pai: “Não é por obra que te apedrejam, e, sim, por causa da blasfêmia, pois sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo”.

---

<sup>85</sup> Ibid. p. 89.

<sup>86</sup> Ibid. p. 89.

<sup>87</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*. UK, Alpha, 1993. p. 92.

O verso 38, neste mesmo capítulo, demonstra que Jesus está no Pai, assim como o Pai nele, segundo o sentido de Jo. 10:30, pois se estão em uma única essência, um habita no outro: “Para que possais saber e compreender que o Pai está em mim, e eu no o Pai”, (Jo. 10:38). Há uma outra declaração de Jesus, que corrobora a este entendimento: “Quem vê a mim, vê o Pai”, (Jo. 14:9), pois Ele compartilha da mesma essência divina do Pai.

Nos resta agora mostrar, que o mesmo é verdade para o Espírito Santo, tanto em relação ao Pai, como ao Filho, ou seja, Ele habita nas demais Pessoas da divindade e vice-versa.

Podemos mostrar pela Bíblia, que o Espírito Santo habita nas outras duas Pessoas, e vice versa. Vemos que isto é verdade em Jo. 14:16-18, 23 e Rm. 8:9, 15. Está claro em Jo. 14:16-18, que o Espírito Santo seria enviado pelo Pai, que por sua habitaria nos crentes, e isto não era deixar os crentes órfãos, pois na Pessoa do Espírito Santo, Jesus sempre estaria com a Igreja (Jo. 14:18; ver também Mt. 18:20; 28:20). Assim como o Pai e Jesus, sempre morarão nos corações dos que lhe obedecem (Jo. 14:23), mas isto o fazem pela habitação do Espírito Santo nos cristãos (Rm. 8:8, 15). O ensino de passagens como Jo. 14:16-18, 23 e Rm. 8:9, 15, só tem nexos, se não houver divisão das Pessoas na divindade. Onde está pois, uma Pessoa, está as outras duas, pois habitam uma nas demais, por compartilharem uma única essência divina. Neste sentido, Jesus podia dizer: Onde estiver dois ou três reunidos em meu nome, Eu ali estarei”, (Mt. 18:30), pois Ele está onde está o Espírito Santo, e o Espírito Santo habita nos cristãos (Jo. 14:17; 7:39; At. 1:8; Rm. 8: 8, 15; 1 Co. 6:19). Sendo assim, Jesus também podia dizer, “quem vê a mim, vê o Pai”, (Jo. 14:9), pois é *um* com o Pai. As Pessoas da divindade portanto, são inseparáveis e compartilham uma mesma essência divina.

Sendo assim, afirmamos que há três Pessoas distintas na divindade, mas um só Deus, pois ainda que distintas, coexistem em uma única natureza divina, onde uma Pessoa habita nas outras duas, sendo inseparáveis e indivisíveis. Nas palavras do Credo de Atanásio ou Niceno: “Adoramos um Deus em Trindade, e Trindade em unidade. Não confundimos as Pessoas, nem separamos a substância”.<sup>88</sup>

O termo usado para denotar que Deus é uma unidade, composta de três Pessoas, inseparáveis e indivisíveis, é Trindade. Este é um termo teológico e não bíblico. Na verdade, usamos inúmeras palavras que não são bíblicas, mas teológicas. Não há nada de errado nisto, se estivermos comunicando um conceito, ou ensino bíblico através das mesmas. Temos usado, por exemplo, a palavra seminário, esta não se encontra na Bíblia. Todavia, é sabido que Samuel tinha uma escola, os rabinos tinham suas escolas e Paulo ensinou na escola de Tirano

em Éfeso (At. 19:9). Um outro exemplo, é a palavra missões, que é latina, e não se encontra na Bíblia. O conceito porém, expresso pela palavra missões, é bíblico, ou seja, ir e anunciar às nações, fazendo discípulos de todo o mundo (Mt. 28:18-20). O mesmo ocorre com a palavra creche, que não está na Bíblia, porém é bíblico cuidar de órfãos (Tg. 1:27). Há outras palavras não bíblicas, as quais usamos amplamente, pois expressam revelações bíblicas sobre Deus, tais como: onisciente, onipotente e onipresente. Não há nenhuma dúvida, que estas três palavras expressam três atributos importantes de Deus, mesmo que as mesmas não se encontrem na Bíblia.

Não é de se admirar portanto, que a palavra trindade não se encontre na Bíblia, pois é teológica. O importante é saber se seu uso tem respaldo bíblico ou não. É sabido que Tertuliano já a utilizava no fim do segundo século.<sup>89</sup>

A palavra trindade em si, comunica somente que há três pessoas, mas não diz nada sobre a existência destas, em uma única essência, sendo estas Pessoas inseparáveis e indivisíveis. É importante portanto, definir bem o que queremos dizer pela palavra Trindade. Louis Berkhof a define como termo técnico teológico desta maneira: “Quando falamos da trindade de Deus, nos referimos a uma trindade em unidade, e a unidade que é trina”.<sup>90</sup> Berkhof se referia nesta definição, ao fato que há unidade das três Pessoas na divindade.<sup>91</sup> Sendo estas Pessoas inseparáveis.

Não vamos utilizar no presente estudo, as palavras primeira, segunda e terceira Pessoa da Trindade. Pensamos que esta terminologia, mesmo que não seja a intenção, sugere grau de distinção, de importância e de dignidade na unidade trina. A primeira Pessoa, poderia ser entendida, como estando em primeiro lugar, a terceira, em terceiro lugar, assim como a segunda, em segundo lugar, como se Jesus e o Espírito Santo fossem menos, que Deus Pai. Evitamos assim, o uso desta terminologia teológica em nosso estudo. Preferimos somente nos referir as distinções da divindade, como uma Pessoa na divindade, a qual é uma unidade composta, de três indivíduos distintos e inseparáveis.

Tendo definido o significado do vocabulário pertinente ao assunto, passemos agora a mostrar, a definir mais precisamente o que é Trindade.

Basta agora definir, sem sombra de dúvida, no que consiste a doutrina da Trindade. Em parte já vimos isto, pois ao definirmos o vocabulário, estabelecemos as fronteiras de nosso entendimento. Como então, pode ser definida a doutrina da Trindade?

---

<sup>88</sup> Pearlman, Myer. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*. EUA, Editora Vida, 1977, p. 139-140.

<sup>89</sup> Trindade. Novo Dicionário da Bíblia 3º volume. Brasil. Edições Vida Nova, 1981.

<sup>90</sup> Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática*. Brasil, Luz Para o Caminho, 1990, p. 86.

<sup>91</sup> Ibid. p. 86.



Temos um bom resumo por C. G. Pfander em *Balance of Truth*, na ocasião definiu comunicativamente a doutrina da Trindade.<sup>92</sup> Baseado em sua sugestão oferecemos nossa definição a seguir, a qual se propõe a ser mais resumida. A doutrina cristã da Santíssima Trindade pode ser brevemente declarada assim:

1. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são um e somente um Deus, pois há somente uma essência divina.
2. Cada uma das Pessoas é Deus e possui a totalidade da essência divina. São eternamente inseparáveis e eternamente unidas nesta única essência divina.
3. Cada uma das Pessoas possui a mesma dignidade das outras duas.
4. Como cada uma das Pessoas são idênticas em essência, assim o são também em vontade, propósito, poder, eternidade e nos demais atributos.

Concluimos portanto, segundo a definição da doutrina da Trindade, que: 1) há somente um Ser Divino, apenas uma essência indivisível (ousia, essência); 2) Neste único ser divino, há três Pessoas ou substâncias individuais, o Pai, o Filho e o Espírito Santo; 3) Toda essência de Deus, pertence igualmente a cada uma das três pessoas; 4) As três Pessoas compartilham não só a mesma essência, como também a mesma vontade, propósito, poder, eternidade e os demais atributos divinos.

A partir de nosso próximo item, começamos a considerar os dados bíblicos que nos dão base para sustentar tal definição. Na ocasião oportuna, mostraremos evidências bíblicas da divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Veremos que não só possuem natureza divina, como também os mesmos atributos divinos.

Tendo definido o vocabulário básico e a doutrina da Trindade, veremos a seguir, que segundo a revelação bíblica há somente um Deus. Em seguida a evidência bíblica de que este único Deus, é uma unidade composta de três Pessoas. Então veremos, as evidências para a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

### 3. 2 Segundo a Bíblia há somente um Deus

Não é segredo que cristãos crêem que há somente um Deus, pois isto está claramente revelado nas Escrituras. Não passa pela mente cristã a possibilidade de que haja um outro Deus. Segundo a Bíblia há somente um Deus, todos os demais são falsos. Servi-los é servir demônios (Dt. 32:17; Sl. 106:37; 1 Co. 10:20). Qualquer leitor da Bíblia sabe que a idolatria é condenada nas Escrituras (Êx. 19: 3-5).

---

<sup>92</sup> Pfander, C. G. *Balance of Truth*. Austria, Light of Life, 1986, p. 179.

Há várias passagens que ensinam que há somente um Deus, entre as quais citamos somente algumas (2 Re. 19:15; Ne. 9:6; Sl. 83:18; Sl. 86:10; Is. 43: 11; 1 Co. 8:6; Gl. 3:20; Ef. 4:6).

Entre as passagens que ensinam que há somente um Deus, Dt. 6:4, o shemá, é muito significativa, pois esta foi citada pelo Senhor Jesus em Mc. 12:29: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus, é o único Senhor”. Em outras palavras, o Senhor Jesus também ensinou que há somente um Deus, por isso, o Cristianismo é monoteísta, e se opõe veemente a idolatria. Se isto não fica muito claro, na manifestação popular do Cristianismo católico romano da América Latina. Certamente que não há sombra de dúvida quanto a isto, através do testemunho das igrejas evangélicas brasileiras. Estas se opõem de todas as maneiras ao uso de imagens. Pois por mais santa que tenha sido uma pessoa, não podemos fazer imagens, e através destas promessas a santos.

Tendo demonstrado que segundo a revelação bíblica, há somente um Deus, passemos agora a considerar exemplos de que há unidade composta. Em seguida no mesmo item, veremos que na revelação bíblica, o único Deus existente, é uma unidade composta de três Pessoas. Ele é uma unidade trina. Isto segundo o que está implícito no Velho Testamento, e explícito no Novo Testamento.

### 3. 3 Segundo a Bíblia Deus é uma unidade composta de três Pessoas

Fica mais fácil entender que Deus é uma unidade composta, quando percebemos que há exemplos disto em nossa existência. Certamente que não há nada que se compare a Deus, pois tudo foi por Ele criado. Sendo assim, não há nenhuma analogia perfeita, entre a criação e a natureza plural de Deus, pois a criação não tem natureza divina. Contudo, as analogias tem o valor de demonstrar que há, mesmo em nossa existência, unidades compostas.

As vezes analogias são tiradas da natureza inanimada e do reino vegetal, como da água da nascente, o riacho e o rio; ou do vapor subindo na atmosfera, a nuvem e a chuva; a neve e o gelo.<sup>93</sup> Certamente que nestes casos, a fragilidade se encontra no fato, que em nenhum momento estas analogias estão lidando com personalidades distintas, porém demonstram que há exemplos de unidades compostas na natureza.

Há outras exemplos mais relevantes, por exemplo, aqueles que consideram a mente humana e seus processos. São as analogias da unidade psicológica de intelecto, afetos e vontade; da unidade lógica de tese, antítese e síntese. Claro que mesmo que nestes exemplos

---

<sup>93</sup> Ibid. p. 91.

tenhamos trindade na unidade, não temos, porém, tri-personalidade.<sup>94</sup> Mas não deixa de ser verdade, que há unidade plural na constituição mental do homem.

C. G. Pfander em seu livro, *Balance of Truth*, já escrevia em 1835 sobre a tri-unidade existente no homem. Neste caso, sugeria o exemplo encontrado entre espírito, mente e alma. Estes três elementos são distintos entre si, ao mesmo tempo fazem parte de uma unidade, ou seja, não existem independentemente. Pfander disse que poderíamos chamar cada um destes elementos de Ego, porém, não deixam de ser elementos distintos no ser humano.<sup>95</sup> Claro que aqui temos mais um bom exemplo de unidade composta. Mesmo que este não seja perfeito, pois o homem criado por Deus, não é em si uma analogia perfeita da unidade composta divina. Não há na natureza humana a existência de três pessoas distintas. Certamente que não tem como a natureza humana ser ilustração perfeita da natureza divina, pois uma pertence a criatura, *natureza humana*, e a outra, ao Criador, *natureza divina*. Contudo, estes exemplos abrem nossa mente para vermos que não é anormal a existência de unidades compostas. Lembramos que o homem é composto de uma parte imaterial, espírito; e de uma material, o corpo. Não é isto unidade composta? Vimos então, que há unidades compostas na criação, mesmo que não sejam analogias perfeitas da unidade composta que é Deus.

*Indicação de que Deus é unidade composta no Velho Testamento.* A despeito dos exemplos extra bíblicos e o valor destes. Percebemos que no Velho Testamento, temos a revelação de que Deus é uma unidade composta. Não há como negar, que está indicado que Deus é triuno no Velho Testamento. Não estamos com isto dizendo, que esta é uma doutrina explícita no Velho Testamento, mas está suficientemente indicada nesta parte das Escrituras.

Há um bom exemplo de unidade composta no Velho Testamento. Talvez, este seja a melhor analogia, por ter sido produzido por Deus em seu poder. Mesmo que por ser criação, também não seja perfeito, mas tem o valor de ter sido dado por Deus. Este exemplo, baseia-se no fato que Deus, ao criar algo que lhe fosse semelhante, criou na verdade dois seres humanos, que formam uma unidade composta, macho e fêmea: “Criou Deus, pois, o homem, à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn. 1:26-27). Porque Deus ao criar algo que fosse a sua imagem e semelhança, criou dois seres humanos, homem e mulher? Será que não temos aqui uma indicação de que Deus é uma unidade composta? Pois em vez de criar um ser, criou dois.

Vemos que em Gn. 2:24, consta que homem e mulher formam uma unidade composta: “Por isso, deixa o homem pai e mãe; e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só

---

<sup>94</sup> Ibid. p. 92.

<sup>95</sup> Pfander, C. G. *Balance of Truth*. Austria, Light of Life, 1986, p. 183.

carne”. A palavra *uma*, na expressão *uma só carne*, de Gn. 2:24, é a tradução da palavra hebraica *echad*, usada para unidade plural, ou seja, homem e mulher, dois seres, formando uma só carne, ou seja, uma unidade composta.<sup>96</sup>

Esequias Soares da Silva, explica que a palavra *echad*, é por sua vez usada também em Dt. 6:4, no shemá: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor”, a qual está no construto, demonstrando unidade composta na natureza divina, pois do contrário seria *yachid*, denotando unidade absoluta, que foi usada em Gn. 22:2: “Toma agora seu filho, seu *único* filho, Isaque”.<sup>97</sup> Em outras palavras, não somente o homem é uma unidade composta com a mulher, *echad* em Gn. 2:24, como Deus o é em si mesmo, *echad*, em Dt. 6:4.

Um outro exemplo bem significativo, é o uso da palavra Elohim para Deus. Nesta palavra temos uma indicação de que Deus é uma unidade composta. Em outras palavras, ainda que não temos na palavra Elohim, um detalhamento da doutrina da Trindade. Temos sim, uma indicação de que Deus é um unidade plural.

Elohim é a única palavra para Deus em todo o capítulo de Gênesis 1. Sabemos que é o plural de Eloah, derivando-se provavelmente da mesma raiz de *alahh*, estar ferido pelo temor; portanto, mostra Deus como Ser forte e poderoso, ou como objeto de temor.<sup>98</sup> Sendo plural, sua tradução seria deuses, em condições normais, mas como se refere neste caso ao Deus verdadeiro, é traduzida como Deus.

Em nenhum momento os judeus entenderam que Elohim, em Gênesis 1, referia-se a vários deuses. Se este fosse o caso, teriam que ensinar que deuses criaram céus e terra. Fora este pensamento lógico, percebemos pelo uso da palavra Elohim no Velho Testamento, que na maior parte das vezes, foi usada para ser referir ao Deus verdadeiro: “Elohim aparece 2555 no Velho Testamento, e somente em 245 vezes, não se refere ao Deus verdadeiro”.<sup>99</sup> Elohim é portanto, uma das maneiras de se referir a Deus no Velho Testamento, seu plural, denota natureza composta em Deus, e pluralidade de Pessoas na natureza divina. Com isto não estamos dizendo, como já afirmado, que a Palavra Elohim ensina Trindade no Velho Testamento, mas certamente consiste em uma indicação de que Deus é uma unidade composta.

É interessante notar, que apesar que a palavra Elohim, que é a forma plural de Eloah em Gênesis 1:1, ser o sujeito da sentença. Contudo, o verbo a seguir, *criou*, está na terceira

---

<sup>96</sup> Millard J. Erickson. *Introdução à Teologia Sistemática*. Brasil, Edições Vida Nova, 1992, p. 132.

<sup>97</sup> Da Silva, E. S. *Testemunhas de Jeová Comentário Exegético e Explicativo*. Brasil, Editora e Distribuidora Candeia, 1993, p. 141-142.

<sup>98</sup> Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática*. Brasil, Luz Para o Caminho, 1990, p. 50.

<sup>99</sup> Ibid. p. 105.

pessoa do singular: “No princípio Deus criou os céus e a terra”, (Gn. 1:1).<sup>100</sup> Desta forma, expressa-se pluralidade de pessoas na natureza divina, sem que isto seja pluralidade de deuses. Se assim não fosse, o verbo teria que estar na terceira pessoa do plural, concordando com o sujeito da oração, que está no plural. O uso da palavra Elohim (plural), como sujeito, seguida do verbo no singular, em Gn. 1:1, demonstra portanto, pluralidade de pessoas na divindade, mas um Deus só, pois as Pessoas são inseparáveis e indivisíveis.

Há também as passagens nas quais Deus refere-se a si mesmo no plural, tais como: Gn. 1:26: “Então disse Deus: façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. “Eis que o homem é como um de nós”. (Gn. 3:22). “Eia desçamos, e confundamos ali a sua língua”, (Gn. 11:7). Assim como Isaías 6:8, “Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós?. Note que em Is. 6:8, o verbo está na primeira pessoa em *enviarei*, mas a sentença termina com *nós*, que é terceira pessoa do plural. Mesmo que estas passagens não revelem a doutrina da Trindade em sua totalidade, não deixam de ser relevantes como indicação, de que há pluralidade de pessoas na divindade.<sup>101</sup> O argumento de que aqui teríamos o uso de plural de majestade, não é irrelevante em si mesmo, mas sem sentido à luz do contexto bíblico. Veremos que neste, Deus não é somente uma unidade plural, mas uma unidade trina.

Se até o momento teríamos apresentado evidências bíblicas, digamos amenas. Contudo, há evidências bem contundentes. Segundo, Louis Berkhof, temos claras distinções pessoais nas passagens que falam sobre o anjo do Senhor, pois por um lado, é identificado com Jeová, mas por outro, distingue-se dele (Gn. 16:7-13; 18:1-21; 19:1-28; Ml. 3:1). Há também as passagens que a Palavra e a Sabedoria são personificadas (Sl. 33:4, 6; Pv. 8:12-31). Fora estes exemplos, temos também passagens que mencionam mais de uma pessoa (Sl. 33:6; 45:6, 7, Hb. 1:8-9; Sl. 110:1). Além das passagens que quem fala é Deus, que menciona o Messias e o Espírito Santo, ou quem fala é o Messias, que menciona Deus e o Espírito (Is. 48:16-17; 61:1; 63: 9, 10).<sup>102</sup> Não indica estas passagens, que Deus é uma unidade composta de três Pessoas distintas? Certamente que sim.

Claro que as passagens de Is. 48:16-17; 61:1; 63: 9, 10, mencionadas por Louis Berkhof, ganham maior importância à luz de outras, que revelam a natureza divina do Messias, tais como: Sl. 110:1, veja com Hb. 5:6; 7:17, Mt. 22:43-45; Is. 7:14; 9:6; Jr. 23:5-6; Mc. 5:2; Ml. 3:1-2, veja com Mc. 1:2. Se o Messias teria natureza divina, então, isto em si já

---

<sup>100</sup> <sup>100</sup> Da Silva, E. S. *Testemunhas de Jeová Comentário Exegético e Explicativo*. Brasil, Editora e Distribuidora Candeia, 1993, p. 103-104.

<sup>101</sup> Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática*. Brasil, Luz Para o Caminho, 1990, p. 87.

<sup>102</sup> *Ibid.* p. 88.

revelava pluralidade de Pessoas na natureza divina, pois veemente a Bíblia condena a existência de mais de um Deus, como vimos no item 3. 2.

Vimos então, que no Velho Testamento não há um ensino explícito da doutrina da Trindade, mas esta está suficientemente indicada nesta parte das Escrituras, segundo as várias passagens citadas.

*Revelação explícita de que Deus é uma unidade composta, triuno, encontra-se no Novo Testamento.* Por outro lado, no Novo Testamento a doutrina da Trindade é ensinada de maneira explícita, pois há nesta parte das Escrituras, uma revelação clara das distinções da Divindade. Segundo Berkhof:

Se no Velho Testamento Jeová é apresentado como o Redentor e Salvador do seu povo, Jó 19:25; Sl. 19:14; 78:35; 106:21; Is. 41:14; 43:3, 11, 14; 47:4; 49:7, 26; 60:16; Jr. 14:3; 50:14; Os. 13:3, no Novo Testamento o Filho de Deus distingue-se nessa capacidade, Mt. 1:21; Lc. 1:76-79; 2:17; Jo. 4:42; At. 5:3; Gl. 3:13; 4:5; Fl. 3:30; Tt. 2:13, 14. E se no Velho Testamento é Jeová que habita em Israel e nos corações dos que o temem, Sl. 74:2; 135:21; Is. 8:18; 57:15; Ez. 43:7-9; Jl. 3:17, 21; Zc. 2:10-11, no Novo Testamento é o Espírito Santo que habita na igreja, At. 2:4; Rm. 8:9, 11; 1 Co. 3:16; Gl. 4:6; Ef. 2:22; Tg. 4:5.... Vemos o Pai dirigindo-se ao Filho. Mc. 1:11; Lc. 3:22, o Filho comunicando-se com o Pai, Mt. 11:25, 26; 26:39; Jo. 11:41; 12:27, 28, e o Espírito Santo orando a Deus nos corações dos crentes, Rm. 8:26. Assim, as pessoas da Trindade, são expostas com clareza às nossas mentes. No batismo do Filho, o Pai fala, ouvindo-se do céu a sua voz, e o Espírito Santo desce na forma de pomba, Mt. 3:16-17. Na grande comissão Jesus menciona as três pessoas: “batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, Mt. 28:19. Também são mencionadas juntamente em 1 Co. 12:4-6; 2 Co. 13:13; e 1 Pe. 1:2.<sup>103</sup>

Há portanto, suficiente evidência para a Trindade no Novo Testamento.

Passemos agora ao nosso terceiro item, quando demonstraremos as provas bíblicas para a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

### 3. 4 Provas bíblicas para a divindade das três Pessoas

Nos propomos aqui a simplesmente demonstrar como está revelado nas Escrituras que o Pai, o Filho e o Espírito possuem natureza divina. Já vimos que Deus é uma unidade composta, de três Pessoas, ou seja, Ele é uma unidade trina, o Pai, O Filho e o Espírito Santo. Uma das Pessoas portanto, é chamado de Pai.

A palavra Pai é usada com mais de um sentido na Bíblia. As vezes se refere ao Deus triuno (1 Co. 8:6; Ef. 3:15; Hb. 12:9; Tg. 1:17). As vezes é usada para expressar que Deus é

---

<sup>103</sup> Ibid. p. 88.

Pai de Israel (Dt. 32:6; Is. 63:16; 64:8; Jr. 3:4; Ml. 1:6; 2:10). As vezes como Pai também de seus filhos adotados (Mt. 5:45; 6:6-15; Rm. 8:16; 1 Jo. 3:1). Deus também é Pai de Jesus (Jo. 1:14, 18; 5:17-26; 8:54; 14:12-13). Sendo assim, Jesus é Filho de Deus. Veremos a seguir, os vários sentidos da expressão Filho de Deus, aplicada a Jesus.

Deus Pai, como uma Pessoa distinta na Trindade, é definido como Deus em inúmeras passagens (Sl. 72:18; Os. 13:4; Jo. 17:3; 1 Co. 8:4-6; Ef. 4:6). Como tal é chamado de Iavé (1 Sm. 2:2; 1 Cr. 17:20; Is. 37:20). Sendo assim, Ele é onipotente (2 Cr. 20:6; Is. 14:27; Ef. 1:19). Ele é onipresente (Am. 9:2-3; Hb. 4:13). Ele é onisciente (Sl. 139:1-6; 1 Cr. 28:9; 29:17; Sl. 7:9; Is. 42:9; 43:12; 48:5-7; Lc. 11:49; Ap. 22:6). Ele é eterno (Sl. 90:2; 93:2). Ele é criador (Ne. 9:6; Jr. 27:5; Sl. 146:6; At. 14:15). Certamente que há muitas outras passagens, mas estas são suficientes para estabelecermos a divindade do Pai.

Há uma outra Pessoa na Divindade, esta é chamada de Filho. Contudo, primeiro ressaltamos que a concepção de Jesus em Maria, pelo Espírito Santo, não envolveu em nenhum momento relacionamento sexual entre Deus e Maria. Não há esta revelação bíblica. A idéia em si consiste em abominação. Por concepção milagrosa, queremos dizer que houve fecundação de um óvulo humano, sem sêmen masculino pelo poder divino. Em nenhum momento esta fecundação foi precedida por relacionamento sexual entre Deus e Maria, esta idéia não é ensinada pelo Cristianismo, e não está de forma alguma revelada nas Escrituras.

Louis Berkhof sugere que há mais de um significado para a expressão Filho de Deus:

1. Há um *sentido natalício* visto em Lc. 1:35, pois ali claramente Jesus é chamado de Filho de Deus, pois seria gerado em Maria pelo Espírito Santo. Parece que Mt. 1:18-24, poderia estar corroborando com esta idéia. Não há nem mesmo neste significado da expressão Filho de Deus, a sugestão de relacionamento sexual entre Deus e Maria.
2. *Parece ter sempre havido um relacionamento filial entre Jesus e Deus Pai*, antes mesmo de sua encarnação, como as passagens a seguir sugerem (Mt. 11:27; 14:28-33; 16:16; Rm. 1:3; 8:3; Gl. 4:4; Hb. 1:1). Neste sentido, Jesus é enviado pelo Pai ao mundo, como seu salvador (Jo. 3:16). Jesus é chamado Filho de Deus, por Deus Pai em Mt. 3:17; Mc. 1:11; 9:7; Lc. 3:22; 9:35.
3. *Há um sentido messiânico para expressão Filho de Deus*, pois como tal, o Messias é herdeiro e representante de Deus Mt. 24:36; Mc. 13:31.<sup>104</sup>

Vemos portanto, que há mais de um sentido para expressão Filho de Deus, mesmo quando aplicada a Jesus. Todavia, há um sentido muito especial em seu uso, pois nestes casos,

---

<sup>104</sup> Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática*. Brasil, Luz Para o Caminho, 1990, p. 314.

denota a divindade de Jesus. Foi o Senhor Jesus mesmo que usou a expressão com este sentido.

O uso da expressão Filho de Deus por Jesus, significando que Ele era Deus, é vista em Jo. 5:17-18 e Jo. 10:30-33. Nas duas ocasiões, os judeus quiseram matá-lo, pois consideravam blasfêmia Jesus confessar que era Deus.

Na passagem de Jo. 8:36-58, também fica claro que Jesus se declarou Filho de Deus, significando isto que possuía natureza divina. Sendo assim, Jesus afirmou ter poder para dar vida eterna (versos 51-52). A passagem não nos deixa dúvidas quanto divindade de Jesus, pois afirmou ser preexistente e eterno, ao aplicar o nome Iavé a si mesmo (Jo. 8:58). Sabemos que o nome Iavé, vem do verbo hayah, significando ser, estar, que está no imperfeito, tendo força causativa, por estar no binyan hiph'il, uma das sete construções do verbo no hebraico, e por isso, revela uma existência contínua, ou seja, Deus é eterno.<sup>105</sup> Na ocasião, Jesus estava claramente se declarando Deus, pois aplicou o nome Iavé para si, *Eu sou*, afirmando assim ser preexistente. Como tal, existia antes de Abraão. Jesus também reconheceu sua preexistência em Jo. 6, pois ali afirmou ser o pão vivo que desceu do céu. Também o fez em Mt. 22:41-46, quando demonstrou que o Messias é maior do que Davi, pois é Senhor, assim Davi já o conhecia e o reconhecia, antes mesmo de sua encarnação (Sl. 110:1).

Em seu julgamento Jesus também usou a expressão Filho de Deus denotando assim sua divindade. Foi então, acusado de blasfêmia mais uma vez (Mc. 14:61-64). Por causa disto, queriam apedrejá-lo segundo a lei de Moisés (Lv. 24:16), que ordenava apedrejamento no caso de blasfêmia. Na ocasião auto-declarara Filho de Deus, Filho do Homem, e como tal estaria assentado ao lado do Todo Poderoso, ou seja, possuidor da mesma autoridade de Deus Pai, pois era Deus, como o Pai o era.

Não houve dúvida no Sinédrio quanto ao significado das Palavras de Jesus. Estas foram consideradas blasfêmias. O sumo sacerdote rasgou suas roupas, demonstrando ter ficado muito escandalizado (verso 63). Se Jesus não havia se declarado Deus na ocasião, ao admitir se Filho de Deus, como então foi acusado de blasfêmia? Por quê se escandalizara o sumo sacerdote, caso Jesus estivesse meramente dizendo, que Ele era um homem comum? Esta passagem está em total acordo com o que é ensinado Jo. 5:17-18; 8:36-58 e 10:30-33, como vimos acima. Vemos então, que a tensão entre Jesus e os religiosos, pois seu uso da expressão Filho de Deus implicava em sua divindade, teve seu auge no seu julgamento.

Temos Mc. 14:62, também confirmado nas passagens correlatas de Mateus 26:63-66 e Lucas 22:66-71. A expressão *tu o disseste* (Mt. 26:64), era comum na língua grega,



significando sim.<sup>106</sup> O contexto de Mt. 26:64, demonstra que Jesus se auto declarou Deus, e por isso, condenado pelos judeus, como também se encontra em Mc. 14:62.

Concluimos portanto, que a expressão Filho de Deus tem vários significados, tanto um sentido natalício, como messiânico, foi usada para também retratar até mesmo um relacionamento filial entre Jesus e o Pai, antes da encarnação. Contudo, um dos sentidos mais importantes e significativos, é denotar a divindade de Jesus (Mc. 14:61-64; Jo. 8:36-58; 5:17-18 e 10:30-33).

A divindade de Jesus pode ser vista por meio de outras inúmeras passagens bíblicas, tais como: Mt. 1:23; Is. 7:14; Jo. 1:1; 20:28; Rm. 9:5; Fl. 2:6; Tt. 2;13; 1 Jo. 5:20; Hb. 1:8 (comp. com Sl. 45:6, 7). A Jesus se aplica nomes divinos Is. 9:6; 40:3 (comp. Com Mt. 3:3); Jr. 23:5; Jl. 2:32 (comp. At. 2:21 e Rm. 10:9-13); 1 Tm. 3:16; 1 Pe. 3:15 (comp. com Is. 8:13). Ele é eterno Is. 9:6; ; Mq. 5:2; Jo. 1:1, 2; Tt. 1:2; Hb. 13:8; Ap. 1:8; 22:13. Ele é onipresente Mt. 18:20; 28:20; Jo. 3:13. Ele é onisciente Jo. 2:24, 25; 21:17; Ap. 2:23. Ele é onipotente. Is. 9:6; Fl. 3:21; Ap. 1:8. Ele é criador Jo. 1:1-3; Cl. 1;16-18; Hb. 1:2, 10. Ele deve ser adorado, pois é Deus Mt. 8:2; 14:33; 28:9, 17-18; Jo. 9:35-39; 20:27-29; Fl. 2:10-11, Hb. 1:6. Isto é relevante, pois a Bíblia ensina que devemos adorar somente a Deus, Jo. 4:24; Mt. 4:10; Ap. 19:10. A adoração a Jesus então, implica em sua divindade.

A despeito das passagens acima citadas, vemos que Jesus também se auto declarou Deus, quando disse que conhecê-lo, era conhecer o Pai (Jo. 8:19). Deveria ser honrado, como se honra o Pai (Jo. 5:23-24). Vê-lo, era ver o Pai (Jo. 14:9). Jesus reconheceu que o título Senhor deveria ser aplicado a Ele (Mt. 7:21-22), isto é significativo, pois a passagem refere-se a Jesus como o juiz, no juízo final.

Há outras passagens que só fazem sentido se Jesus for Deus, pois alegou ter poder para perdoar pecados Mc. 2:5-7; Mt. 25:31-46. Disse que tinha autoridade sobre o sábado (Mc. 2:27-28). Todavia, o sábado foi instituído por Deus (Êx. 20:8-11). Fala do reino de Deus, como se fosse seu Mt. 13. Enviaria seus anjos Mt. 13:41, porém os anjos são de Deus Lc. 12:8-9. Aceitou ser chamado de Deus (Jo 20:28). Disse que tem poder sobre a morte e a vida, como tem o Pai (Jo. 5:21; 11:25).

Há muitas outras referências bíblicas que revelam que Jesus era Deus. Contudo, as passagens mencionadas são suficientes para estabelecer que a divindade de Jesus, é uma doutrina bíblica.

---

<sup>105</sup> Silva, E. S. *Testemunhas e Jeová*. Brasil, Editora Candeia 1993, p. 114.

<sup>106</sup> McDowell, J. *Evidências That Demands a Verdict*. UK, Alpha, 1993, p. 90.

Fora termos todos estes textos que provam que a Igreja Primitiva cria e ensinava que Jesus é Deus, pois o Novo Testamento foi escrito durante o primeiro século. Temos pelo menos uma prova extra bíblica, quanto a esta crença no primeiro século. É sabido que o primeiro símbolo do Cristianismo, até mesmo antes da cruz ter se tornado um, era o peixe. A palavra grega para peixe é Icthus, que era usada como uma sigla para a expressão Iesous (Jesus) Christós (Cristo) Théos (Deus) Huiós (Filho) Sotér (Salvador). Vemos então, que os cristãos do primeiro século confessam através deste símbolo, ictus, a divindade de Jesus<sup>107</sup>, pois assim, reconheciam que Jesus era o Messias, o Filho de Deus, Salvador e Deus.

O uso da passagem de Jo. 17:3, para atacar a divindade de Jesus, como fez Assamad no capítulo anterior, não faz sentido à luz da revelação bíblica: “E a vida eterna é esta, que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”. Se Jesus aqui não é Deus, significaria que a vida eterna seria obtida através de Deus, e de um ser humano. Claro que isto não é possível. Qual ser humano pode dar vida eterna?

Tentar negar a divindade de Jesus através de Jo. 17:3, é na verdade, negar o ensino de João sobre este assunto, o qual está bem explanado no capítulo 1 de seu evangelho, quanto aborda a questão do Verbo e sua natureza divina (Jo. 1:1). Assim como o faz nas passagens Jo. 5:17-18; 8:36-58, 10:30-33 e 20:28, como no capítulo 6, quando Jesus deixa claro que é preexistente.

Esta negação da divindade de Jesus baseado em Jo. 17:3, também não faz sentido à luz de inúmeras referências bíblicas já vistas, quanto a divindade de Jesus. Contudo, esta se torna mais absurda ainda, quando considerada à luz de um outro texto de João, pois este afirma que Jesus é o verdadeiro, e Ele é Deus, 1 Jo. 5:20: “Também sabemos que o Filho de Deus é vindo, e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna”. Se perguntássemos a João o que ele quis dizer em Jo. 17:3, à luz de 1 Jo. 5:20, o que acha que ele responderia? Não é correto negar a divindade de Jesus de nenhuma forma, muito menos usando Jo. 17:3. Mesmo porque está claro que João ensinou a divindade de Jesus, desde de Jo.1:1: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”.

Há uma terceira Pessoa na unidade composta, que é a única existente essência divina, está é chamada de Espírito Santo. Vemos por meio de várias passagens, que o Espírito Santo é uma Pessoa, por exemplo:

1. Em Jo. 16:14; Ef. 1:14, o pronome masculino *ekeinos*, *aquela*, é aplicado ao Espírito Santo. Apesar que a palavra Espírito no original é *pneuma*, no gênero neutro;

---

<sup>107</sup> Ibid. p. 168-169.

2. Em Jo. 14:26; 15:26 e 16:7, a palavra paracletos só pode ser traduzida por Consolador, ou ajudador, mais nunca como consolação, pois Ele é uma Pessoa.
3. Outra palavra que fortalece esta idéia é *allos* em Jo. 14:26, significando *outro do mesmo tipo*. *Allos* está no gênero masculino indicando uma pessoa, ou seja, Jesus enviaria alguém que era Deus, como Ele, alguém como Ele, do mesmo tipo.
4. O Espírito possui características de Pessoa como inteligência Jo. 14:26; 15:26 e Rm. 8:16; vontade At. 16:7; 1 Co. 12:11; sentimentos Is. 63:10; Ef. 4:30.
5. Seus atos são próprios de uma pessoa, tais como: fala, testifica, ordena, revela, luta, cria, intercede, vivifica mortos Gn. 1:2; 6:3; Lc. 12:12; Jo. 14:26; 15:26; 16:8; At. 8:29; 13:2; Rm. 8:11; 1 Co. 2:10-11.
6. Há distinção entre o Espírito e o poder de Deus Lc. 1:35; 4:14; At. 10:38; Rm. 15:13; 1 Co. 2:4.

Está revelado, que Ele não é somente uma Pessoa, mas uma Pessoa da divindade, por isso, Ele é Deus:

1. O Espírito possui nomes divinos Êx. 17:7 (comp. Hb. 3:7-9); 2 Sm. 23:2-3; At. 5:3-4, 7:51 (Veja com 2 Rs. 17:14); 1 Co. 3:16; 2 Tm. 3:16; 2 Pe. 1:21 (Veja com Números 12:6).
2. Ele é Senhor Is. 6:8-10 (Veja com At. 28:25-27; 2 Co. 3:16-17).
3. Ele possui atributos divinos. Ele é onipresente Sl. 139:7-10; Jo. 14:17; 1 Co. 3:16. Ele é onisciente Is. 40:13-14 (veja Rm. 11:34); Lc. 2:26; 1 Co. 2:10-11; 1 Tm. 4:1; 1 Pe. 1:11. Ele é onipotente Zc. 4:6; Lc. 1:35; 1 Co. 12:11; Rm. 15:13, 19. Ele é eterno Gn. 1:2; Hb. 9:14; 1:10-12.. Ele é criador Gn. 1:2; Sl. 104:30; Jó 26:13; 33:4. Ele ressuscita mortos Rm. 8:11. Ele é digno de honra Mt. 28:19; Rm. 9:1-2; 2 Co. 13:13.

Vimos pelas evidências das passagens bíblicas, mesmo que estas não representem todo o universo bíblico sobre o assunto, que Deus Pai, Filho e Espírito Santo, é Deus. Deus é uma unidade composta, de três indivíduos distintos e inseparáveis, coexistentes em uma única essência divina. Deus é uma unidade trina, assim o aceitamos, pois assim Ele se revelou. Como poderia a mente humana conhecê-lo? Ele está acima de nossas possibilidades mentais. Dependíamos que em sua misericórdia se revelasse, assim o fez, e o aceitamos como Ele é. Deus é triuno, Pai, Filho e Espírito Santo.

Temos demonstrado que a crença cristã em um Deus triuno, se baseia nas Escrituras. Não procede portanto, a informação que o Concílio de Nicéia em 325 DC, inventou a doutrina da divindade de Jesus, ou até mesmo da Trindade. Na ocasião, apenas se manifestavam contra a heresia de Arius. Este negava a divindade de Jesus, como isto consistia em uma novidade, outrora nunca crida pela Igreja. O Concílio então, o condenou, escolhendo permanecer no que

está claramente revelado nas Escrituras, como já vimos. Claro que o Novo Testamento foi escrito no primeiro século, neste está claro que Jesus é Deus, logo a doutrina da divindade de Jesus, e da Trindade, não foram inventadas pelo Concílio de Nicéia.

### 3. 5 Resposta aos ataques a divindade de Jesus por ter se encarnado

É sabido que Jesus era homem. As evidências bíblicas quanto a isto são inúmeras. Com exceção dos docéticos que negavam a encarnação de Jesus, no geral sua divindade foi e é mais atacada que sua humanidade. Assim, como vimos no capítulo anterior, está entre os que não conseguem entender que Jesus era Deus, porque tinha limitações humanas, como não as teria, se por sua escolha decidiu se tornar homem?

O fato é que Jesus é Deus, e se fez carne (Jo. 1:1, 14). Claro que isto exigiu de Jesus, voluntariamente se limitar, pois como Deus ilimitado é incansável, não possui necessidades físicas, é onipresente, onisciente, onipotente e não morre fisicamente. Como Deus, Jesus não é limitado, mas para se encarnar, teve que voluntariamente estar limitado nas manifestações de seus atributos divinos, por ter decidido antes da fundação do mundo (Ap. 13:8), conter-se em um corpo humano, para morrer pelo homem. Ele é o cordeiro que foi morto antes da fundação do mundo.

Como poderia pois, conter um corpo humano finito, o infinito? Certamente que como homens não temos resposta a esta pergunta. Mas de algo sabemos, Deus é Deus dos impossíveis. Dizemos portanto, que aquilo que é impossível ao homem, é possível a Deus. O Deus do impossível tem poder para fazer o infinito conter-se no finito. Claro que para isto é necessário voluntariamente se limitar, não em sua natureza, a qual é divina e imutável, mas na manifestação plena de seus atributos. Em outras palavras, Jesus tinha o poder de ser onipresente, mas quando se encarnou, voluntariamente se limitou em um corpo humano, quando estava na Galiléia, então não estava na Judéia. Claro que Jesus não tinha necessidade de alimentos, mas quando se tornou homem (Jo. 1:14), precisou de alimentar. Jesus então, como homem se cansava, precisava alimentar-se e dormir (Mt. 8:24; Jo. 19:28; 4:6). Nas palavras de Paulo isto é a mesma coisa que dizer que Jesus sendo Deus, *não deixou de ter natureza divina pela encarnação*, não usurpou ser igual a Deus, *antes se humilhou ao se tornar homem*, pois por um tempo passou a ter limitações e necessidades não próprias dos atributos divinos:

Ele subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana; a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz, (Fl. 2:6-8).

Claro que as limitações de Jesus duraram somente enquanto estava encarnado, para se cumprir as profecias (Is. 7:14; Is. 53), pois de sua morte dependia nossa salvação (Lc. 24:44-48). Jesus deixou claro que morreria e o propósito de sua morte inúmeras vezes: Mt. 12:39-40, 16:4; 16:21; Mc. 8:31; Lc. 9:22; 17:12; 17:22-23; Mc. 9:31; Lc. 9:44; 20:18-19; Mc. 10:33-34; Lc. 18:31-34; 21:33-39; Mc. 12:1-12; Lc. 20:9-19; 23:37; 26:2; 26:12; 26:28; Mc. 14:24; 26:31-32; Mc. 10:45; Lc. 12:50; 13:34, 35; 17:25; Jo. 3:14; 6:51; 10:15-18; 12:30-32; 16:16.

Tendo cumprido toda justiça foi recebido no céu com a mesma glória que possuía antes da encarnação, até mesmo antes da fundação do mundo (Jo. 17:3). Jesus assim, após a exaltação, voltou a não estar sujeito a nenhuma limitação humana, pois não estava mais encarnado. Nas palavras de Paulo:

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai, (Fl. 2:9-11).

Vemos então, que Jesus sendo Deus, voluntariamente se humilhou, tornando-se homem. Tornar-se homem era uma humilhação para Jesus, pois sendo Deus, estava agora tomando natureza humana, que era algo que havia sido criada por Ele. Enquanto encarnado, tinha esvaziado-se, não de sua natureza, mas da manifestação plena de seus atributos, tais como onipresença. Passou então, a ter necessidades humanas, não necessárias e próprias em Deus.

Uma vez humilhado pela encarnação, Jesus tinha que estar funcionalmente subordinado a Deus Pai, pois só podia fazer o que via seu Pai fazendo (Jo. 5:19). Desta maneira, entende-se também suas limitações quanto a plano de Deus, pois não sabia o dia e a hora (Mt. 24:36). Mas será que agora, após ter sido exaltado, possuindo toda a autoridade no céu e na terra (Mt. 28:18; Fl. 2:9-11), Jesus não sabe a hora? Claro que sim. Em At. 1:7, Jesus não disse que não sabia, mas que não competia aos discípulos saberem.

O estado de humilhação de Jesus, também explica por que o Pai era maior do que Jesus (Jo. 14:28), pois Jesus estava limitado e o Pai não, e assim dependia totalmente do Pai. Não só o Pai era maior do que Ele, mas até mesmo os anjos, (Hb. 2:9), pois nem mesmo estes possuíam as limitações humanas de Jesus, decorrentes da encarnação. Todavia agora exaltado, Jesus está a direita de Deus, ou seja, tem a mesma autoridade e posição de Deus Pai (Sl. 110:1; Mt. 28:18), e com certeza os anjos lhe submetem, pois é Senhor, possuindo toda autoridade no céu e na terra (Mt. 28:18).

É na verdade somente pela encarnação de Jesus, que podemos entender que Ele sendo Deus, pôde ser visto pelos homens: “E vimos sua glória, glória como do unigênito do Pai”, (Jo. 1:14), Pois quem pode ver Deus em toda a sua glória: “Aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver; ao qual seja honra e poder sempiterno. Amém”, (1 Tm. 6:16; veja Êx. 24:10; 33:20; Is. 6:1). No momento, antes da eternidade dos salvos com Deus, só é possível ver Deus, conforme Deus se limita para que homem o veja, como foi no caso de Jesus. Apesar que Jesus não se encarnou para que o homem simplesmente o visse, mas para morrer pelo homem (Mt. 20:28).

Pela encarnação de Jesus, entendemos que o Pai tinha que ser seu cabeça ( 1Co. 11:3), pois estava funcionalmente subordinado a Deus Pai (Jo. 5:19). A expressão cabeça de Cristo, não significa que Deus Pai está acima de Jesus, ou que Jesus não tenha natureza divina, assim como a expressão cabeça da mulher, não significa que o homem está acima da mulher, ou que está não seja humana. Cabeça de Cristo significa que Jesus, enquanto encarnado, dependia de Deus Pai (Jo. 5:19). Agora porém, exaltado, com a mesma glória que possuía antes da fundação do mundo (Jo. 17:5), está a direita de Deus Pai (At. 2:34-35), com a mesma autoridade do Pai.

Pela encarnação entendemos que Jesus esteve submisso a Deus Pai, no que se refere a sua obra redentora na terra, para a qual foi ao mundo enviado (Jo. 3:16). Vemos também que por fim, após completá-la totalmente, submeterá a Deus Pai toda a administração do reino (1 Co. 15:28). Desta maneira, o Deus trino será *tudo em todos*, como era antes da queda do homem (Gn. 3).

É importante ressaltar que a submissão de Jesus, devido a sua encarnação, é uma questão de posição e não de natureza. Os textos bíblicos não nos deixam dúvida quando a divindade de Jesus, assim como não o deixam, quanto sua limitação voluntária pela encarnação. Também não o deixam quanto a sua exaltação, pois com esta voltou a ser Deus na manifestação plena dos atributos divinos, sem limitações próprias do período da encarnação, por isso, Jesus possui os atributos divinos, como já mencionados.

Uma vez que temos estabelecido através das provas bíblicas a doutrina da Trindade, Divindade e Filiação de Jesus, resta agora responder os mal entendidos islâmicos do capítulo anterior, à luz desta exposição,

### 3.6 Respostas aos mal entendidos islâmicos quanto as doutrina cristãs

Vimos no capítulo anterior que o Islamismo está equivocado, devido a vários mal entendidos quanto a doutrina da Trindade. Os recordamos abaixo em itálico. Em seguida,

ainda no mesmo item, esclarecemos o mal entendido de maneira breve, pois as evidências já foram explanadas neste capítulo.

1. *Imaginar que a Trindade foi retirada da idolatria ou inventada pelo homem, como afirmou Hayek ao comentar o Sura 2:135.* De fato como já temos visto, a doutrina da Trindade é revelada implicitamente no Velho Testamento, e explicitamente no Novo Testamento. Tanto a Bíblia, como os cristãos que a seguem, se opõem a idolatria totalmente. As evidências bíblicas das Escrituras quanto a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, são tantas, que não podemos dizer que a doutrina da Trindade foi inventada pelos homens, ou copiada da idolatria. Temos também as evidências de que Deus é uma unidade composta nas Escrituras, como já vimos. Como então, a doutrina teria sido retirada da idolatria, ou sido inventada pelo homem? Será que Hayek não diz isto para justificar o Alcorão? Parece que sim, pois sua alegação não procede.
2. *Imaginar que Jesus foi associado a Alá.* Não é verdade que os cristãos crêem em Deus, como o um de uma Trindade. Não é assim que a Bíblia revela Deus. Ele é sim uma unidade trina, composta de três Pessoas, que é eterna. Jesus por isso, nunca foi associado a Deus. Ele é eternamente Deus. Nunca portanto, houve um momento em que Jesus deixasse de ser Deus, para depois passar a ser associado a Deus. Os cristãos nunca cometeram shirk. Jesus é eternamente Deus.
3. *Pensar que cristãos inventaram a doutrina da Trindade no quarto século.* Vemos que isto não é verdade, pois temos ampla base nas Escrituras, em especial no Novo Testamento, que foi escrito no primeiro século, de que a doutrina é bíblica, antes de ter sido oficializada no Concílio de Nicéia. Por ocasião do Concílio, a Igreja apenas confirmava o ensino das Escrituras, e em especial do Novo Testamento, quanto a divindade de Jesus, e quanto ao fato que Deus é uma unidade trina. Vimos que o uso do peixe como o primeiro símbolo cristão, também é uma evidência de que a divindade de Jesus, já era aceita no primeiro século, bem antes do Concílio de Nicéia. Não procede então, a afirmação que o Concílio de Nicéia inventou as doutrinas cristãs. Estas estão reveladas nas Escrituras.
4. *Imaginar que os cristãos ao afirmarem que a Trindade é um mistério, querem dizer com isto que a doutrina não pode ser entendida racionalmente.* A doutrina da Trindade é um mistério em alguns sentidos:
  - a) A palavra mistério é usada no Novo Testamento, no sentido de algo que estava oculto, e foi revelado (Ef. 1:9; 3:9). Sendo assim, a doutrina da Trindade é um mistério, porém o mesmo foi revelado pelo Senhor em suas Escrituras;
  - b) A palavra mistério é usada também no sentido, de não se ter a pretensão de explicar Deus

em sua plenitude, pois Deus é espírito, infinito e eterno, Qual humano pode em sua consciência, dizer que sabe tudo sobre Deus? Contudo, não procede imaginar ou afirmar, que por ser Deus bem acima do entendimento humano, que doutrina da Trindade não pôde ser entendida racionalmente. Claro que sim. Temos nas Escrituras a sua revelação, e pela Palavra do Senhor, a recebemos sem problemas. Nas Escrituras está claro que Deus é uma unidade trina, ou seja, uma unidade composta de três Pessoas na divindade, assim aceitamos que Deus é;

- c) A palavra mistério também é usada para expressar a dificuldade humana em entender, como realmente se dá o relacionamento das três Pessoas, em uma única essência divina. Este problema porém é humano, devido a limitação do homem. Claro que Deus é bem acima de qualquer entendimento humano, e assim esperasse que o homem tenha dificuldades em entender Deus completamente. Contudo, não se pode negar pelas revelação das Escrituras, que Deus seja triuno, assim como não podemos afirmar que a doutrina só pode ser aceita sem racionalidade. De fato isto não procede.
5. *Atacar a Divindade de Jesus, tendo como base sua encarnação.* Se está revelado que o Messias seria Deus em carne, como já vimos, quem somos nós para negarmos isto? Quem somos nós para limitarmos Deus naquilo que Ele quer, e pode fazer. Certamente que para o Deus do impossível, é possível voluntariamente se limitar em um corpo humano, se assim o desejar. A encarnação de Jesus, não prova que Jesus não é Deus, e não nos dá base para rejeitarmos a Trindade. Esta simplesmente mostra que Deus voluntariamente se limitou em um corpo humano, para morrer pelo que o homem que havia se perdido. Contudo, após sua exaltação, não possui limitações de um corpo humano. Jesus assim podia dizer que estaria, onde estivesse dois ou três reunidos em seu nome. Esta agora no exercício da manifestação plena de seus atributos.
6. *Ignorar todos os sentidos da expressão Filho de Deus na Bíblia, por causa disto crêem que Jesus não é o Filho de Deus, pois Deus não faz sexo.* Não é isto que os cristãos ensinam. Sabemos que a expressão Filho de Deus tem um sentido natalício, messiânico, assim como retrata um relacionamento filial entre Jesus e o Pai. Todavia, já vimos que entre seus sentidos, um deles evidencia que Jesus se auto declarava Deus, quando aplicava a expressão para si. Certamente que nunca foi ensinado pelo Cristianismo, que Deus fez sexo com Maria, querendo com isto justificar o uso da expressão Filho de Deus. De onde será que o Islamismo tirou tal idéia? Porquê ainda a propaga? Certamente que este não é ensino cristão a respeito da expressão Filho de Deus.
7. *Confundir Trindade com triteísmo do Pai, do Filho e do Espírito Santo, como Assamad o*



*fez*: Ele disse que, como vimos na capítulo anterior, que os cristãos crêem que há três pessoas distintas e separadas na divindade: *A doutrina da Trindade divide a deidade em três Pessoas Divinas, separadas e distintas – Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo*. Isto seria triteísmo, três Pessoas distintas e separadas em três essências, ou três Pessoas distintas, e separadas em uma única essência divina. Nós cristãos porém, não cremos assim. Vimos claramente no item 3. 1, que Jesus ensinou a unidade das Pessoas, em uma única essência divina, ou seja, em uma unidade trina. De tal maneira que as pessoas são inseparáveis, e isto, mesmo internamente na única natureza divina existente.

8. *Imaginar que a Trindade pudesse ser composta do Pai, de Maria e do Espírito Santo*. Nunca passou pela cabeça de nenhum erudito cristão esta possibilidade. Como já mostramos, a doutrina da Trindade é baseada nas Escrituras, e estas não ensinam Trindade desta maneira. Vemos pelas Escrituras que Maria era uma mulher de Deus, mas apenas um ser humano.

Neste capítulo, iniciamos definindo o vocabulário relevante ao assunto, assim como a doutrina da Trindade. Esta foi definida assim: a) O Pai, o Filho e o Espírito Santo são um e somente um Deus, pois há somente uma essência divina; b) Cada uma das Pessoas é Deus e possui a totalidade da essência divina; c) As Pessoas são eternamente inseparáveis e eternamente unidas nesta única essência divina; d) Cada uma das Pessoas possui a mesma dignidade das outras duas; e) Como cada uma das Pessoas são idênticas em essência, assim o são também em vontade, propósito, poder, eternidade e nos demais atributos.

Em seguida, vimos como a Bíblia ensina que há somente um Deus, sendo todos os demais falsos.

Vimos em terceiro lugar então, após mencionarmos exemplo de unidades compostas na criação, como está implicitamente revelado no Velho Testamento, que Deus é uma unidade composta, e uma unidade trina. Há passagens no Velho Testamento, que indicam haver mais de uma pessoa na divindade, principalmente as que se referem ao Anjo do Senhor, e as que Iavé fala ao Messias e ao Espírito, ou Messias fala a Iavé e se refere ao Espírito. No nome divino Elohim, parece indicar pluralidade de Pessoas na divindade. Assim há também as passagens que Deus se refere a si mesmo no plural. A criação de macho e fêmea, após Deus ter decidido criar algo a sua semelhança, também indica pluralidade de Pessoas na divindade, pois algo criado a sua semelhança, incluiu dois seres, que formam uma só carne.

Vimos a seguir, como que no Novo Testamento o ensino da Trindade é bem explícito. No Novo Testamento as pessoas da Trindade, são expostas com clareza às nossas mentes, por exemplo, no batismo do Filho, o Pai fala, ouvindo-se do céu a sua voz, e o Espírito Santo desce na forma de pomba, Mt. 3:16-17. Na grande comissão Jesus menciona as três pessoas: “batizando-os em nome do Pai e do

Filho e do Espírito Santo”, Mt. 28:19. Também são mencionadas juntamente em 1 Co. 12:4-6; 2 Co. 13:13; e 1 Pe. 1:2

Em quarto lugar, vimos algumas das inúmeras provas bíblicas quanto a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Neste contexto, mostramos os vários sentidos para a expressão Filho de Deus, inclusive o sentido usado por Jesus, significando que Ele era Deus. Demonstramos então, que não faz sentido negar a divindade de Jesus, por haver inúmeras passagens bíblicas que a isto atestam. Mostramos que não faz sentido negar a divindade de Jesus, nem mesmo usando Jo. 17:3, principalmente à luz de 1 Jo. 5:20. Esta passagem atesta que Jesus é o verdadeiro, e Ele é Deus.

Em quinto lugar, vimos que Jesus voluntariamente se limitou pela encarnação, mas isto não significou que não era Deus, antes pelo contrário, sendo Deus, não usurpou ser igual a Deus, antes se humilhou ao se encarnar, pois passou a ter, por um tempo, limitações humanas. Contudo, após a sua ressurreição e exaltação, deixou de estar limitado. No contexto da encarnação, vimos que Jesus estava funcionalmente subordinado a Deus Pai, pois do Pai devia receber direção constante para a sua obra (Jo. 5:19), mas isto não quer dizer que Jesus seja menos Deus que o Pai, mas uma vez que estava limitado, tinha que depender totalmente do Pai. Sua submissão ao Pai enquanto encarnado, era uma questão de posição, e não de natureza divina. Jesus não se limitou pela encarnação sem motivo, o fez para que pudesse morrer pelo homem (Is. 53). Uma vez exaltado, está direita do Pai, possuindo a mesma posição que este.

Uma vez demonstrado pelas Escrituras que a doutrina da Trindade é bíblica, assim como a Divindade e Filiação de Jesus, passamos então, a esclarecer os mal entendidos islâmicos quanto a doutrina da Trindade. Mostramos que não procede:

- Afirmar que a Trindade foi retirada da idolatria, ou foi uma invenção humana, pois esta foi nas Escrituras revelada;
- Imaginar que os cristãos são blasfemos por crerem na divindade de Jesus (Sura 5:72), e blasfemos por crerem na doutrina da Trindade (Sura 5:73). Claro que não, pois não é blasfêmias crer nas doutrinas bíblicas;
- Imaginar que Jesus foi associado a Alá, isto não é verdade, pois vimos nas Escrituras que Ele é eterno, sendo uma das Pessoas da divindade desde de a eternidade;
- Pensar que o Concílio de Nicéia inventou a doutrina da Trindade. Na verdade os textos bíblicos atestam que a doutrina foi revelada por Deus. O Concílio só a oficializou, segundo sua fundamentação nas Escrituras.
- Imaginar que a doutrina da Trindade não pôde ser entendida racionalmente, por ser Deus um mistério em sua plenitude, para o entendimento humano.
- Atacar a divindade de Jesus à luz de suas limitações pela encarnação. Certamente que Deus pôde pelo seu poder se limitar em um corpo humano, para assim cumprir toda justiça. Neste estado Jesus era submisso ao Pai, nem por isso, menos Deus do que Ele, era

uma questão de posição e não de natureza. Uma vez exaltado, Jesus não está mais limitado.

- Afirmar que Jesus não é Deus, pois Deus não faz sexo. Nem mesmo os cristãos crêem nisto. Não sabemos porque os muçulmanos existem com esta colocação.
- Confundir Trindade, com triteísmo. De maneira alguma o Cristianismo ensina que há três deuses, ou três essências divinas, nem mesmo separação das Pessoas internamente em uma única natureza divina. Tal colocação não procede e não é ensinada pelo Cristianismo.

Passemos então, para a conclusão final.

#### **4. CONCLUSÃO**

Tendo demonstrado no capítulo dois a doutrina islâmica de Deus, e como neste contexto, o Islamismo ataca as doutrinas do Trindade, Filiação e Divindade de Jesus, apesar que crêem que o Alá do Alcorão é o mesmo Deus da Bíblia. Mostramos no capítulo três, em que base as doutrinas cristãs da Trindade, Divindade e Filiação de Jesus, se estabelecem. Estas são extraídas da Bíblia, tanto do Velho como do Novo Testamento. Pudemos então, demonstrar que o Islamismo está equivocado, e baseado em inúmeros mal entendidos quanto as doutrinas cristãs.

À luz da revelação bíblica e alcorânica, como vimos nos capítulos dois e três, afirmamos que:

- Alá não é o mesmo Deus da Bíblia. O Deus da Bíblia é triuno, o do Alcorão não. Alá se define como uma unidade absoluta, mas o Deus da Bíblia como uma trina unidade composta;
- Alá não possui um filho, o Deus da Bíblia sim;
- Alá ataca através do Alcorão a doutrina cristã de Deus, Divindade e Filiação de Jesus, porém estas foram reveladas ao longo da história por Deus nas Escrituras Sagradas, a Bíblia, por meio de suas muitas evidências;
- Respeitamos as convicções islâmicas num contexto de liberdade religiosa, mas lamentamos que sua doutrina de Deus, se apresenta no Alcorão, atacando a cristã. Isto o faz baseado em mal entendidos e falsos pressupostos, por exemplo: como assumir que os cristãos são blasfemos por crerem na Trindade e na Divindade de Jesus, ou como sugerido por Hayek, estarem sob influência de idolatria ou invenção humana. Está claro que os muçulmanos não assimilaram como convém as doutrinas bíblicas. As atacam, mas não as compreendem. Não conseguem perceber Deus ao homem se revelou como triuno. Quem somos nós para querer mudar a revelação divina?;
- É lamentável que imaginam que Deus só pode ter um filho se fizer sexo. Deus não precisa de sexo para ter um filho, como não precisa de mãos para segurar, de pés para andar, ou de pulmão para respirar e viver. Deus é bem diferente do homem a quem criou.

Nosso desejo é que muçulmanos possam estar abertos para terem um encontro vivo e real com Jesus. Ele ressuscitou dos mortos. Só Ele pode perdoar pecados e salvar, pois para isto morreu pelo homem. Contudo, o homem a quem Deus fez, precisa crer e clamar. Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb. 11:6).

#### **BIBLIOGRAFIA**

Abadaliti, H. *O Islão em Foco*. Brasil, International Islamic Federation of Student Organizations, 1981.

Ali, A. Y. *The Holy Qur'an*. RSA, Islamic Propagation Centre International, 1946.

Alkhuli, M. A. *The Truth About Jesus Christ*. Jordan, Alfalah House For Publication & Distribution, 1996.

Assamad, U. A. *O Islam e o Cristianismo*. Brasil, Editora Makka, 1991.

Attantawy, A. *Apresentação Geral da Religião do Islã*. Brasil, Centro de Divulgação do Islã Para América Latina, 1990.

- Berkhof, Louis. *Teologia Sistemática*. Brasil, Luz Para o Caminho, 1990.
- Bucaille, M. *A Bíblia, o Alcorão e a Bíblia*. Brasil, Centro de Divulgação do Islam Para América Latina. Ano não especificado.
- Deedat, A. *Al-Qur'an The Miracle of Miracles*. Durban, Islamic Propagation Centre International, 1997.
- Deedat, A. *Christ in Islam*, RSA, Islamic Propagation Centre International. 1983.
- Deedat, A. *Combat Kit*. RSA Islamic Propagation Centre International. 1992.
- Deedat A. *Is The Bible God's Word*. RSA, Islamic Propagation Centre International, 1994.
- Deedat, A. *What Is His Name*. RSA, Islamic Propagation Centre International. 1997.
- Fares, M. A. *Islamismo Mandamentos Fundamentais*. Brasil, Editora Gráfica e Editora Monte Santo. Ano não especificado.
- Folheto No. 2* Publicado pelo Centro de Divulgação do Islã Para a América Latina.
- Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. RSA, Roodepoort Mission Press, 1988.
- Gudel, J. P. *Resposta Cristã à Afirmação Islâmica de Que Mohammad Foi Profetizado na Bíblia*. Revista Defesa da Fé, São Paulo, Prol Editora Gráfica, Novembro de 2000.
- Hayek, S. El. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. Brasil, MarsaM Editora Jornalística, 1994, p. XVIII.
- Hamidullah, M. *Introdução ao Islã*. Brasil, SP, Editora Alvorada, Ano não especificado.
- Irineus, *Against Heresies*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999), Book 3.
- Klintowitz, J. *Islã a Derrota do Fanatismo*. Revista Veja, São Paulo, Editora Abril, 1º de Março de 2000.
- Maududi, A. A. *Para Compreender o Islamismo*. Brasil, Centro de Divulgação do Islã Para América Latina, 1989.
- McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*. UK, Alpha, 1993.
- Millard J. Erickson. *Introdução à Teologia Sistemática*. Brasil, Edições Vida Nova. 1992.

Nehls, G. *Evangelização Entre os Muçulmanos*. Brasil, Gráfica Aleluia, 1998.

Nehls, G. Eric W. *Islam As It Sees Itself As Others See it As It Is. Life Challenge*, Nairobi, 1994.

Pearlman, Myer. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*. EUA, Editora Vida, 1977.

Pfander, C. G. *Balance of Truth*. Austria, Light of Life, 1986.

Silva, E. S. *Testemunhas e Jeová*. Brasil, Editora Candeia 1993.

S, Mahairi. A. S. *O Caminho Para o Islamismo*. São Paulo, Centro de Divulgação do Islã Para A América Latina, 1977.

Trindade. Novo Dicionário da Bíblia 3<sup>o</sup> volume. Brasil. Edições Vida Nova, 1981.

## **APÊNDICE 1**

### **O ALCORÃO É A PALAVRA DE DEUS PARA MUÇULMANOS**

Neste apêndice abordaremos a importância do Alcorão para os muçulmanos como palavra de Deus.<sup>108</sup>

Os muçulmanos crêem que o Alcorão foi revelado milagrosamente por Alá a Mohammad. Alegam que ele o recebeu em fragmentos, ao longo dos 23 anos de revelações por meio de Gabriel. Este teria transmitido a Mohammad o que estava nas Tábuas Eternas, deixando o Alcorão à humanidade como um legado.

No folheto número 2, publicado pelo Centro de Divulgação do Islã para a América Latina, temos a posição islâmica quanto à natureza do Alcorão como palavra divina. O Alcorão é descrito como o último livro revelado. Tem sido preservado por Alá, para ser o livro de orientação para toda a humanidade,

...o derradeiro livro revelado, o Alcorão, existe na sua forma original. O próprio Deus garantiu a sua preservação e, por isso, o Alcorão foi totalmente escrito durante a vida do profeta Mohammad (Deus o abençoe e lhe dê a paz), embora isso fosse feito em fragmentos separados de folhas de palmeiras, pergaminhos, ossos, etc. Além disso, havia muitos companheiros do profeta que aprenderam o Alcorão de cor, e o próprio profeta costumava recitá-lo perante o arcanjo Gabriel, uma vez por ano, e duas vezes quando já estava para

---

<sup>108</sup>Segundo Ali, A. Yusuf, *The Holy Qur'an*, p. 128, ao comentar o Sura 3:23 na nota 366, mostra que muçulmanos acreditam que os judeus e cristãos possuíam somente parte da revelação através de seus livros, Lei de Moisés e Evangelho de Jesus (que no entendimento islâmico era apenas um livro que Jesus recebeu de Alá, como Mohammad recebeu o Alcorão). Diz que o Alcorão é a completa revelação de Alá. A seguir na nota de no. 367, expressa a idéia de que judeus teriam corrompido as Escrituras. Esta idéia é muito comum entre muçulmanos, pois acreditam que tanto judeus como cristãos corromperam suas Escrituras. Eram somente parte da revelação, foram, por fim corrompidas também.

morrer.... O Alcorão foi meticulosamente preservado porque seria o livro de orientação para toda a humanidade em todos os tempos que viriam e hão de vir.<sup>109</sup>

A idéia do folheto nº 2, portanto, é afirmar que o Alcorão tem sido revelado e preservado sem corrupção. No processo de Mohammad recebê-lo, através do anjo Gabriel, nada se perdeu. Muçulmanos crêem que Alá o preservou através de fragmentos de folhas de palmeiras, pergaminhos e ossos, por meio da regular recitação da revelação por Mohammad diante do anjo Gabriel e mediante os vários companheiros de Mohammad que possuíam a revelação decorada. A idéia islâmica, portanto, é a de que não há influência humana no livro, sendo este totalmente de origem divina.

O Sura 29:51 diz que o Alcorão foi revelado por Alá: "Não lhes basta, acaso, que te tenhamos revelado o livro, que lhes é recitado? Em verdade, nisto há mercês e mensagem para os fiéis." Após citar esta passagem, Ahmed Deedat, famoso apologeta muçulmano do Centro Internacional de Propagação Islâmica de Durban, África do Sul, autor de vários livros, afirmou que há duas provas para a autoria divina do Alcorão. A primeira baseia-se no fato de que Mohammad era analfabeto, e assim não poderia ter produzido um livro. A segunda baseia-se na falta de discrepâncias no Alcorão. Apesar de que não entraremos no mérito de haver ou não discrepância neste livro, tomamos, a opinião de Ahmed Deedat para ilustrar o ponto de vista islâmico, quanto à autoria divina da revelação alcorânica.

Como prova da autoria divina e da natureza milagrosa do Alcorão Santo, dois argumentos nos são dados pelo próprio Todo Poderoso, 1) que *te tenhamos*, (no Sura 29:51), se refere ao fato que o Todo Poderoso revelou o livro, a um homem totalmente analfabeto, que não podia nem mesmo assinar seu próprio nome, então, o Todo Poderoso testifica que Mohammad não poderia ter composto o livro, "E nunca recitastes livro algum antes deste, nem o transcreveste com a tua mão direita; caso contrário, os difamadores teriam duvidado."(Sura29:48) O autor do Alcorão esta arrazoando conosco, que se Mohammad fosse culto, e se soubesse ler e escrever, então neste caso, teriam razão os acusadores em duvidar de sua reivindicação, de que o Alcorão era a palavra de Deus...; 2) o livro? Sim, o livro possui a evidência de que é de autoria divina. Estude-o de qualquer angulo. Escrutine-o. Por quê não aceita o desafio do autor se tem alguma dúvida? "Não meditam, acaso, no Alcorão? Se fosse de outra origem, que não de Deus, haveria nele muitas discrepâncias, (Sura 4:82)".<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup> *Folheto No. 2* Publicado pelo Centro de Divulgação do Islã Para a América Latina.

<sup>110</sup> Deedat, A. *Al-Qur'an The Miracle of Miracles*. Durban, Islamic Propagation Centre International, 1997. p. 9-10.

Está claro pela declaração de Deedat, portanto, o quanto a posição islâmica sustenta que o Alcorão é palavra de Deus, revelada a um profeta analfabeto que não poderia ter inventado-a. Isto é uma prova de sua autoria divina.

Na introdução ao Alcorão no Mishkat, livro que contém inúmeras tradições islâmicas<sup>111</sup>, expressa-se também a posição islâmica quanto à origem divina do Alcorão. Desde que Mohammad o recebeu ao longo de 23 anos, através do anjo Gabriel, que recitava a revelação divina retirada das Tábuas eternas que desceram, esta foi preservada com exatidão.

O Alcorão Santo é o guia dos muçulmanos.... É uma revelação do Todo Poderoso com as palavras exatas do que é agora encontrado. O Alcorão desceu (as Tábuas eternas desceram à atmosfera terrestre) e certamente é a revelação do Senhor dos Mundos em clara linguagem árabe. O Espírito fiel (anjo Gabriel) desceu com isto (o Alcorão) sobre seu coração para que possa ser um exortador - Sura 26:192-195. Os versos do Alcorão foram proferidos pelo Santo Profeta, cujo coração recebeu as revelações de Deus através do anjo Gabriel.... O Alcorão não foi revelado de uma vez, mas em fragmentos no curso da carreira apostólica do profeta, ao longo de vinte e três anos, treze anos em Meca e dez em Medina.<sup>112</sup>

Temos um outro testemunho quanto à origem divina do Alcorão e seu “status” como palavra e revelação de Deus, dado pelo Sheikh Mahairi, que por muitos anos foi líder da mesquita em Meca.

O último dos livros celestiais..., Alá falou realmente através do Alcorão.... Alá revelou o Alcorão ao céu planetário (atmosfera terrestre) na noite do Kadr (ou seja, fez descer as Tábuas eternas nesta noite durante o mês de Ramadã)..... Tendo Alá honrado essa noite com o Alcorão.... Através do anjo da revelação, Gibril, Alá fez o Alcorão chegar (revelando-o) ao seu profeta Muhammad dentro do lapso de vinte e três anos.<sup>113</sup>

A noite de Al- Kadr, a noite do decreto, é uma específica noite no mês de Ramadã. Muçulmanos crêem que nela as Tábuas eternas foram descidas por Alá do céu mais elevado

---

<sup>111</sup> É nas tradições islâmicas que se encontram as histórias aceitas pelo muçulmanos quanto à vida de Mohammad, de onde extraem, por citações diretas ou por exemplo, qual era o entendimento de Mohammad sobre um determinado assunto. Isto é muito relevante, pois o profeta islâmico é considerado como exemplo a ser seguido em todos os aspectos da vida, Sura 33:21. Seguí-lo garante ao muçulmano estar bem no julgamento, “Realmente, tendes no Mensageiro de Deus um excelente exemplo para aqueles que esperam contemplar a Deus, deparar-se com o Dia do Juízo Final, e invocam a Deus com frequência”, (Sura 33:21). É nas tradições que constam os detalhes da vida islâmica, como por exemplo, orar cinco vezes ao dia com todos seus aspectos, seguindo o exemplo de Mohammad. Xiítas e Sunitas diferem quanto ao que sejam as tradições aceitas. Entre os Sunitas, Albukari (870 A.D.) é o coletador de tradições mais aceito. Sua coletânea de tradições pode ser encontrada em CD. As tradições são muito importantes para os muçulmanos, seriam como seus comentários aprovados, de onde extraem o sunnah (o exemplo) do profeta.

<sup>112</sup> Nehls, G. Eric W. *Islam As It Sees Itself As Others See it As It Is. Life Challenge*, Nairobi, 1994. p. 57.

<sup>113</sup> S, Mahairi. A. S. *O Caminho Para o Islamismo*. São Paulo, Centro de Divulgação do Islã Para A América Latina, 1977. p. 15-16.



ao mais baixo, à atmosfera terrestre. A partir daí, Alá revelou o livro através do anjo Gabriel como agente da revelação, que ditou o que estava nas Tábuas Eternas ao profeta Mohammad, ao longo de vinte três anos. Os muçulmanos não tem certeza da data exata desta noite, podendo ser um dos dias ímpares de 23 a 27 do mês de Ramadã.<sup>114</sup>

O Sheikh Mahairi expressa as mesmas idéias encontradas no folheto nº 2, do Centro de Divulgação do Islã para a América Latina, e no Mishkat. Ou seja, o Alcorão é palavra divina revelada ao profeta Mohammad, através do anjo Gabriel, tendo sido seu conteúdo preservado sem corrupção.

Com mais clareza, temos no Sura 2:97, a informação de que Gabriel foi o agente de toda a revelação divina ao profeta Mohammad, "Dize-lhes: quem for inimigo de Gabriel, saiba que ele, com o beneplácito de Deus, impregnou-te (o Alcorão) no coração, para corroborar o que foi revelado antes; é orientação e alvíssaras de boas novas para os fiéis." Hayek<sup>115</sup>, comentando este verso, afirma que, "Uma parte dos judeus, no tempo de Mohammad, ridicularizava a crença muçulmana de que o anjo Gabriel trouxera as revelações ao profeta...."<sup>116</sup>

Pelo que se encontra no Sura 85:21-22, sabemos que o anjo Gabriel recitava o que se encontrava nas Tábuas eternas, pois é nestas que a mensagem do livro estava preservada, "Sim, este é um Alcorão glorioso, inscrito em uma Tábua Preservada." Hayek ao comentar estes versos, reforça a idéia de que a revelação alcorânica tem sido preservada sem corrupção, "Inscrito em uma Tábua preservada, isto é, a mensagem de Deus, não é efêmera, é eterna. A Tábua é 'preservada', ou resguardada contra a corrupção..., Porque a mensagem de Deus deverá durar para sempre. Tal mensagem constitui a base do livro...."<sup>117</sup> A. Yusuf Ali<sup>118</sup>, afirma que "Tábua" no verso 22 do Sura 85, não deve ser entendida de forma literal, como pedra ou metal, mas sim no sentido de "preservado ou guardado de corrupção."<sup>119</sup>

O Sura 17:105-106, confirma a idéia de que o Alcorão foi dado por Alá em verdade, e com nenhuma sorte de corrupção, "E o temos revelado em verdade e, em verdade, revelamo-lo e não te enviamos senão como alvissareiro e admoestador. É um Alcorão que dividimos em partes, para que o recites paulatinamente aos humanos, e que revelamos por etapas." Ali, ao

---

<sup>114</sup> Ali, A. Y. *The Holy Qur'an*. Durban, RSA, Islamic Propagation Centre International. 1993. p. 1765.

<sup>115</sup> Importante erudito muçulmano, tradutor, comentarista e autor de vários livros sobre Islamismo no Brasil.

<sup>116</sup> El Hayek S. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. São Paulo, Marsam Ed. Jornalística, 1994. p. 15.

<sup>117</sup> Ibid. p. 723

<sup>118</sup> Renomado tradutor do Alcorão para língua inglesa e importante comentarista do Alcorão.

<sup>119</sup> Ali, A. Y. *The Holy Qur'an*. Durban, RSA, Islamic Propagation Centre International, 1993. p. 1717.

comentar esta passagem, afirma que ter sido enviado em verdade, significa não ter sido falsificado ou corrompido no processo de ser comunicado ao profeta Mohammad,

O Alcorão foi enviado para baixo (desceu para a atmosfera terrestre) por Deus em verdade. Não foi falsificado por nenhum mortal. Desceu em verdade; não foi e não tem sido falsificado ou corrompido no processo de ser comunicado à humanidade. A parte do profeta foi a de um mensageiro: ele não foi responsável, se o ímpio o rejeitou. Ele cumpriu sua missão ao promulgá-lo, explicá-lo e deixá-lo como um legado para o mundo.<sup>120</sup>

Segundo o Sura 3:9, a preservação do Alcorão sem corrupção é uma tarefa de Alá. Esta passagem diz que Alá o revelou e é seu preservador, "Nós revelamos a mensagem e somos o seu preservador." Hayek ao comentar o Sura 3:9, confirma a idéia islâmica de que não há nenhuma corrupção no texto alcorânico,

A pureza do texto do Alcorão, através de quatorze séculos, constitui a prelibação do desvelo eterno com o qual a verdade de Deus é guardada por todas as eras. Toda a corrupção, a invencionice e a criação passarão, mas a verdade pura e santa de Deus, jamais será eclipsada, muito embora o mundo inteiro zombe dela, e diligencie no sentido de destruí-la.<sup>121</sup>

Concluimos, portanto, pelo que é afirmado por Deedat, Sheikh Mahairi, Samir El Hayek, A. Yusuf Ali e outros, que os muçulmanos crêem que o Alcorão foi revelado à humanidade por Alá em verdade. Ele fez descer as Tábuas Eternas à atmosfera terrestre. De lá, através do anjo Gabriel ao longo de 23 anos, o transmitiu a Mohammad. Este o deixou como um legado à humanidade, sem nenhuma interferência humana, e sem ter sido corrompido ou falsificado. Por isso, o que no Alcorão está contido possui no entendimento dos muçulmanos, autoridade e credibilidade como palavra revelada de Deus, sem corrupção. A fonte e autoria do Alcorão é Alá, que o revelou e o preservou.

## **APÊNDICE 2**

### **FOI A BÍBLIA ALTERADA?**

É triste nos deparar com pessoas que estão convencidas que a Bíblia foi corrompida, por terem ouvido isto inúmeras vezes. Contudo, quando consideramos as chamadas corrupções, vemos que não são mais do que textos fora do contexto. Os exemplos seriam inúmeros e intermináveis, pois não há fim nas possibilidades de ser perverter a verdade. Contudo, relatamos somente três casos como exemplos. Estes procuram provar que a Bíblia não tem credibilidade, pois há nela histórias de incesto e adultério, como os sugeridos por

---

<sup>120</sup> Ibid. p. 725.

<sup>121</sup> Ibid. p. 293.

Deedat.<sup>122</sup> Neste caso, não se considera a história em seu todo, pois estes atos são claramente condenados nas Escrituras:

- Incesto (Gn. 38:15-18, Judá e Tamar). No caso de Judá, Tamar ainda não era sua nora, pois ele não havia deixado Selá casar-se com ela. Seu envolvimento com Tamar aconteceu sem que Judá tivesse consciência, pois ela se cobriu com um véu (Gn. 38:14). Contudo, Judá reconheceu que Tamar era mais justa do que ele, pois não havia cumprido sua palavra (Gn. 38:26). Não há porque esta história em si, descreditar a Bíblia.

- Adultério e incesto (Gn. 35:22, Rúben envolveu-se com Bila concubina de seu pai). Rúben foi claramente condenado por Jacó seu pai em Gn. 49:4.

Se há algo que a Bíblia claramente reprovava, sem sombra de dúvida, é pecado, por isso, tais exemplos não consistem em argumentos contra a Bíblia.

O terceiro exemplo que citamos, encontra-se no item chamado *absurdos*, onde Deedat cita textos como Nu. 22:27-28, duvidando que a Bíblia seja a palavra de Deus, pois na passagem uma mula falou pelo poder de Deus.<sup>123</sup> É verdade que Deus tem poder para muito mais do que isto. Duvidar da Bíblia nestes termos, é duvidar de Deus e de seu poder para fazer uma mula falar.

Conforme consideramos o assunto de que a Bíblia está corrompida, segundo os muçulmanos, percebemos que não há nada tão sério ou relevante contra ela. Não há nada que não tenha sido seriamente considerado pelos eruditos cristãos, e devidamente explicado.

Há sim uma necessidade dos muçulmanos atacar a Bíblia, pois esta contradiz o Alcorão. Como já mostramos no livro, *O Islamismo e a Cruz de Cristo*, o Alcorão no Sura 4:157, nega que Jesus tenha morrido e sido crucificado. Fora negar muitas outras doutrinas bíblicas, mostramos ao longo do livro, *O Islamismo e a Trindade*, como que o Alcorão nega também a Trindade, Divindade e Filiação de Jesus. Como resultado disto, parece que muçulmanos trabalham com a seguinte premissa: se o Alcorão contradiz a Bíblia, então, a Bíblia deve estar corrompida. Com este pressuposto, o Islamismo ao longo dos séculos desde os dias de Mohammad, tem difundido a idéia de que a Bíblia está corrompida. Todavia, até o momento não foi possível termos acesso as evidências que provam, que tal afirmação seja verdadeira.

As contradições mais gritantes entre o Alcorão e a Bíblia são estas:

---

<sup>122</sup> Deedat, A. *Combat Kit*. RSA Islamic Propagation Centre International, 1992.

<sup>123</sup> Ibid. p. 5.

1. Jesus não passava de um mero profeta de Alá. Ele não era o Filho encarnado de Deus (Sura 5:72).
2. Jesus era um bom homem, mas com certeza não era divino (Sura 5:17).
3. Deus não é uma Trindade (Pai, Filho, Espírito Santo)! Isto é blasfêmia para o Islamismo (Sura 4:171; 5:73-75).
4. Não há expiação, nem reconciliação do pecador para com Deus por meio do sacrifício de Jesus! (Sura 22:36-37).
5. Mohammad teria sido profetizado por Jesus (Sura 7:157; 61:6). Contudo, não vemos isto nas Escrituras. Leia o apêndice no. 3, pois ali tratamos deste assunto.

A idéia de que a Bíblia está corrompida aparece algumas vezes no Alcorão. Vemos isto nos Suras 2:75, 79; 3:70-72, 78 e 5:44. Citamos estas passagens respectivamente:

Aspirais, acaso, a que os judeus creiam em vós, sendo que alguns deles escutavam as palavras de Deus e, *depois de as terem compreendido, alteravam-nas*, (Sura 2:75).<sup>124</sup> Itálico acrescentado por mim.

Ai daqueles que *copiam o livro (alterando-o) com as suas mãos*, e então dizem: Isto emana de Deus, para negociá-lo a vil preço. *Ai deles, pelo que as suas mãos escreveram!* E ai deles, pelo que lucram! (Sura 2:79).<sup>125</sup> Itálico acrescentado por mim.

Ó adeptos do Livro, *por que negais os versículos de Deus, conhecendo-os? Ó adeptos do Livro, porque disfarçais a verdade com a falsidade, e ocultais a verdade com pleno conhecimento?* E há uma parte dos adeptos do Livro que diz: Crede, ao amanhecer, no que foi revelado aos fiéis, e negai-o ao anoitecer! Talvez assim renunciem à sua religião (Sura 3:70-72).<sup>126</sup> Itálico acrescentado por mim.

*E também há aqueles que, com suas línguas, deturpam os versículos do Livro*, para que penseis que ao Livro pertencem, quando isso não é verdade. *E dizem: estes (versículos) emanam de Deus, quando não emanam de Deus.* Dizem mentiras a respeito de Deus, conscientemente(Sura 3:78).<sup>127</sup> Itálico acrescentado por mim.

Revelamos a Torá, que encerra Orientação e Luz, com a qual os profetas, submetidos a Deus, julgam os judeus, bem como os rabinos e os doutos, aos quais estavam recomendadas a observância e a custódia do Livro de Deus. Não temais, pois, os homens, e temei a Mim, *e não negociéis as Minhas leis a vil preço.* Aqueles que não julgarem,

<sup>124</sup> Hayek, S. El. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. Brasil, MarsaM editora Jornalística Ltda, 1994, p. 12.

<sup>125</sup> Ibid. p. 12.

<sup>126</sup> Ibid. p. 65.

<sup>127</sup> Ibid. p. 66.

conforme o que Deus tem revelado, serão incrédulos (Sura 5:44).<sup>128</sup>  
Itálico acrescentado por mim.

Os versos do Alcorão comunicam por si mesmos a idéia de que as Escrituras Bíblicas estariam corrompidas. Contudo, para não deixarmos dúvidas quanto a posição islâmica em relação a Bíblia, citamos o comentário de Hayek do verso 44 do Sura 5. Neste verso contém a expressão: *e não negocias as minhas leis a vil preço*. Hayek afirma na nota 376 o seguinte:

Duas acusações são feitas contra os judeus: (1) que mesmo dos livros que possuíam, eles destorciam o significado, segundo os seus próprios interesses, porque temiam mais aos homens do que a Deus; (2) que o que eles possuíam nada mais era do que fragmentos da Lei original, revelada a Moisés, misturada com uma porção de assuntos semi-históricos e legendários, e de alguma poesia elevada.<sup>129</sup>

Hayek prossegue demonstrando que na opinião dos muçulmanos, a Torá que judeus e cristãos possuem, não é verdadeira em sua totalidade: “A Torá, mencionada no Alcorão, não se trata do Antigo Testamento como o conhecemos, nem tão pouco do Pentateuco (os primeiros cinco livros do Antigo Testamento, contendo a Lei).<sup>130</sup>

Havendo discrepância entre a Bíblia e o Alcorão, como vimos acima, a solução islâmica então, é negar a veracidade das Escrituras, como está nos Suras 2:75, 79; 3:70-72, 78 e 5:44, e comentário de Hayek sobre o Sura 5:44.

Gehard Nehls sugere que em resposta a alegação de que a Bíblia foi corrompida, devemos pedir aos muçulmanos que nos dêem respostas as seguintes perguntas. Destas dependem a decisão dos cristãos, quanto a crerem que a Bíblia foi de fato corrompida. As perguntas são as seguintes<sup>131</sup>:

1. Por que alguém mudaria a Bíblia? Pois nela está escrito que aqueles que acrescentam ou tiram dela alguma coisa sofrerão castigo eterno (Ap. 22:18-19).
2. Se alguém tivesse mudado a Bíblia, todos os outros que tivessem conhecimento dessa mudança se oporiam a isso. Nenhum homem pôde mudar todas as Bíblias existentes ou partes delas ao mesmo tempo, ou pôde? Como e quando? Quem mudou a Bíblia?
3. O Alcorão afirma em termos bem certos, que ninguém consegue mudar as palavras de Alá (Sura 6:34). Se a Torá, os Salmos e o Evangelho são palavras de Alá, como alguém conseguiu mudá-las?

---

<sup>128</sup> Ibid. p. 134.

<sup>129</sup> Ibid. p. 135.

<sup>130</sup> Ibid. p. 135.

<sup>131</sup> Nehls, G. *Evangelização Entre os Muçulmanos*. Brasil, Gráfica Aleluia, 1988, p. 61-62.

A despeito das colocações de Nehls, certamente que haveria dificuldades práticas para judeus e cristãos corromperem a Bíblia. Primeiro, tanto um grupo como o outro, não se relacionava bem com o outro (ainda não o fazem nas questões ligadas a Jesus como o Messias de Israel), assim não tinha como concordarem em corromper os textos. O que se sabe é que cristãos e judeus diferem quanto a interpretação dos textos, em relação as profecias cumpridas em Jesus, tanto em seu papel como Messias sofredor, como Deus encarnado. Contudo, vale ressaltar que não há discussão entre eles (cristãos e judeus), quanto a autenticidade do textos do Velho Testamento. Os cristãos os utilizam como receberam dos judeus, os quais ao longo dos séculos os preservaram através de seus escribas.

Há dois fatos que dão muita credibilidade para o Velho Testamento. Primeiro, o Velho Testamento foi traduzido para o grego 200 anos antes de Jesus, a Septuaginta, ou seja, muitos séculos antes de Mohammad. Esta tradução é consistente com o texto masorético do Velho Testamento, do qual as versões do Velho Testamento são feitas. Vale lembrar que Jesus sempre citou e se referiu ao Velho Testamento (Jo. 10:35; Mt. 5:18). Ele disse que importava se cumprisse as Escrituras (Mt. 23:35; Lc. 11: 51; 24:25-27; 44-50). Os apóstolos também reconheciam a importância das Escrituras (2 Tm. 3:16; 1 Pe. 1:20-21; 2 Pe. 3:16; 1Jo. 4:6; 1Ts. 1:5 e 2:13).

Como se não fosse o suficiente, em 1947 foram descobertos os manuscritos do Mar Morto em Qumran. Tal descoberta deu aos eruditos acesso a manuscritos do Velho Testamento, as vezes datados em 200 anos antes de Jesus, os quais também são consistentes com o texto masorético.

Quanto ao Novo Testamento, haveria também problemas práticos para que a Bíblia fosse corrompida, por exemplo:

1. Havia inúmeros manuscritos. Quem os reuniu em um único lugar e conseguiu a partir daí a fornecer cópias adulteradas?

2. Como reunir todas as divisões do Cristianismo como a Igreja Romana, Bizantina, Nestorianos e outros, e fazê-los concordar em corromper juntos os textos? Cada um destes grupos tinham acesso aos manuscritos.

De qualquer maneira, a abundância de manuscritos do Novo Testamento em grego, como em outras línguas antigas, mostram pela consistência entre eles, que a Bíblia não foi corrompida:

Há agora mais de 5.300 manuscritos do Novo Testamento em grego. Aos quais acrescentamos 10.000 cópias da Vulgata Latina e pelo menos mais 9300 outros manuscritos

em outras versões, assim temos mais de 24.000 cópias de porções do Novo Testamento em existência hoje.<sup>132</sup>

A despeito dos milhares de manuscritos, há três completos manuscritos da Bíblia inteira em grego: os três manuscritos possuem cópias da Septuaginta acopladas, os quais são: o codex Alexandrinus, que está no Museu Britânico, datado do 5º século, o codex Sinaiticus, que também está no Museu Britânico, datado do 4º século. Além destes, há o codex Vaticanus, que se encontra na Biblioteca do Vaticano, datado do 4º século também.<sup>133</sup>

A despeito das evidências dos manuscritos, muçulmanos parecem estar convencidos de que a Bíblia foi corrompida. Entre os grandes problemas que a Bíblia teria, segundo os muçulmanos, ressaltamos cinco exemplos, os quais são: Mc. 16:9-20; Jo. 8:1-11, variações dos manuscritos, passagens com problemas numéricos e genealogia de Jesus. Veremos estes exemplos, como alistados e respondidos por John Gilchrist.<sup>134</sup> Quando for o caso citaremos outros autores.

1. Mc. 16:9-20 – Esta parte da Bíblia aparece na maior parte dos manuscritos, mas está ausente dos mais antigos. Contudo, este texto é impresso e aceito pelo fato que sua informações está de acordo com os demais evangelhos, e outras partes da Bíblia. Não há razão portanto, para não o aceitarmos, por exemplo:

- Versos 9-11, dizem que Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena, que está confirmado em Jo. 20:16;
- Versos 12-13, dizem que Jesus apareceu a dois discípulos, o que está confirmado em Lc. 24:13-35;
- Versos 14-18, dizem que Jesus apareceu a todos os discípulos, o que está confirmado em Lc. 24:36-43 e Mt. 28:19;
- Versos 17-18, dizem que haveria sinais, o que está confirmado no livro de Atos, história da Igreja e todos os dias em nossas igrejas, pois Jesus continua curando e fazendo milagres hoje;
- Verso 19, diz que Jesus subiu aos céus, o que está confirmado em At. 1:9.

2. Jo. 8:1-11 – Esta passagem da mulher pega em adultério, como a de Marcos 16:9-20, encontra-se na maior parte dos manuscritos, mas não nos mais antigos. Em alguns manuscritos aparece como um apêndice, e em outros, depois de Lc. 21:38. Não há razão para não a aceitarmos, pois está de acordo com o que foi ensinado por Jesus no sermão da

---

<sup>132</sup> McDowell, J. *Evidencies That Demands a Verdict*. UK, Alpha, 1993, pg. 39.

<sup>133</sup> Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. RSA, Roodepoort Mission Press, 1988, p. 271.

<sup>134</sup> Ibid. P. 272-276.

montanha. Vemos ali, que Jesus ensinou que não devemos ser rígidos, na medida usada ao julgamos os outros (Mt. 7:1-2). Assim como não devemos reparar no argueiro que está no olho do irmão, e não ver a trave que está no nosso (Mt. 7:3-4). Em outras palavras, Mt. 7:1-4, contém o mesmo ensino de Jo. 8:1-11, ou seja, quem não tem pecados, atire a primeira pedra (não fale ou julgue os outros, pois também temos nossas traves), e sejamos misericordiosos ao medirmos, julgarmos as pessoas, pois também somos falhos.

3. Variações nos manuscritos – Muçulmanos gostam de ressaltar que a Bíblia possui inúmeros problemas de variação de manuscritos, quando na verdade não são mais do que vinte linhas em toda a Bíblia.<sup>135</sup> Normalmente reconhecemos estas situações pelos colchetes usados nas versões da Bíblia. O propósito destes nas traduções, é indicar que tal informação não consta em todos os manuscritos daquele livro, mas consta em muito outros manuscritos de um outro livro da Bíblia. Contudo, ainda assim estas variações são publicadas nas traduções da Bíblia, porquê? Devido ao fato que estas mesmas informações aparecem inúmeras vezes, em todos os outros manuscritos de uma outra parte da Bíblia, por exemplo:

- Mc. 15:28 diz: “E cumprindo-se a Escritura que diz: E com os malfeitores foi contado”, acha-se somente em alguns manuscritos antigos de Marcos. Contudo, esta mesma informação, encontra-se em todos os antigos manuscritos de Lucas, em Lc. 22:37;

- Mt. 21:44 diz: “E, quem cair sobre esta pedra, despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido ao pó.”; encontra-se somente em alguns dos manuscritos mais antigos de Mateus. Todavia, acha-se em todos os antigos manuscritos de Lucas, em Lc. 20:18.

- Da mesma forma temos outros exemplos, como Mt. 23:14 (ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que devorais as casas das viúvas...) e Mt. 27:49 (em alguns manuscritos aparece a informação que o lado de Jesus foi perfurado por uma lança, de onde jorrou água e sangue). Tanto Mt. 23:14 e 27:49, constam somente em alguns manuscritos mais antigos de Mateus. Todavia, estas mesmas informações constam em todos os manuscritos antigos de Mc. 12:40, para Mt. 23:14, e em todos de João, em Jo. 19:34, para Mt. 27:49;

- 1 Jo. 5:7 diz: “Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um”. Tem sido reconhecido recentemente que tal passagem foi uma interpolação, a qual aparece pela primeira vez na Vulgata Latina, mas não em nenhum manuscrito em grego. Contudo, a doutrina da Trindade não depende desta passagem para se estabelecer, como vimos ao longo do capítulo 3, pois ali está não foi nem mesmo citada. O trabalho sério da crítica textual, determinou e nos mostrou que a passagem era uma



sobrecarga, portanto, mesmo quando ainda apareça nos textos, se explica por nota editorial que não consta nos melhores manuscritos. O fato em si demonstra que não há intenção de se corromper as Escrituras.

Não há porque não aceitarmos a Bíblia como Palavra de Deus, tendo como base as chamadas variações de manuscritos, pois o que não aparece em todos os manuscritos de um certo livro (apesar que aparece em uma boa parte deles), aparece em todos os manuscritos antigos de um outro. Tais variações são publicadas portanto, ressaltando-as em colchetes, constatando assim que é uma variação em determinados manuscritos, porém não descartável em hipótese nenhuma, por constar em todos os manuscritos de um outro livro da Bíblia.

4. Passagens com problemas numéricos – Há alguns casos onde há discrepâncias numéricas, Deedat as mencionou em seu livro, *Is The Bible God's Word*.<sup>136</sup> As discrepâncias numéricas encontram-se nas passagens de 2 Sm. 24:13 e 1 Cr. 21:12 (sete ou três anos de fome); 2 Cr. 36:9 e 2 Re. 24:8 (Joaquim começou a reinar com oito ou dezoito anos); 2Sm. 10:18 e 1Cr. 19:18 (setecentos ou sete mil carros); 1Re 7:26 e 2Cr. 4:5 (dois ou três mil batos, três mil batos seria mais ou menos 66.000 mil litros); 2Cr. 9:25 e 1Re. 4:26 (quatro mil ou quarenta mil cavalos). Sabemos que a informação numérica exata entre estas passagens, se perdeu nos manuscritos hebraicos. Ao mesmo tempo, nenhum destes casos coloca em risco as doutrinas bíblicas, ou representa uma real contradição doutrinária. Num certo sentido é irrelevante saber exatamente o número de cavalos que Salomão possuía, litros que cabiam na bacia, *mar de fundição* (mesmo que para este caso, o número mencionado deve ter sido aproximado), soldados mortos por Davi, ou a idade exata de um rei. O que vemos nestas passagens é erro de copista, sem que isto interfira na revelação de Deus, ou em alguma doutrina bíblica.<sup>137</sup>

Apesar que muçulmanos tentam descreditar a Bíblia tendo como base estas passagens, poderíamos até considerar esta possibilidade, se aplicassem o mesmo critério para duas discrepâncias numéricas no Alcorão:

- No Sura 32:5, diz que o julgamento será de mil anos, *um dia cuja duração será de mil anos*. Mas já no Sura 70:4, está escrito que será de cinquenta mil anos, *um dia cuja duração será de cinquenta mil anos*. Muçulmanos procuram resolver esta irreconciliável discrepância numérica dizendo o seguinte: “De que maneira poderia ser melhor inculcado em nossas mentes o imenso mistério do tempo? O nosso dia pode ter a duração de mil ou

---

<sup>135</sup> Ibid. p. 274.

<sup>136</sup> Deedat A. *Is The Bible God's Word*. RSA, Islamic Propagation Centre International, 1994, p. 36-44.

<sup>137</sup> Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. RSA, Roodepoort Mission Press, 1988, p. 281.

cinquenta mil anos”.<sup>138</sup> Porquê então não descartar o valor do Alcorão, tendo por base esta discrepância? Pois foi este o critério usado por Deedat para as passagens bíblicas.

▪ A outra discrepância numérica do Alcorão se encontra nos Suras 50:38 e 41:9-12. A passagem do Sura 41:9-12, diz que a terra foi criada em oito dias, mas no Sura 50:38, em seis dias. Hayek explica esta discrepância ao comentar o Sura 41:9-12 desta maneira:

Esta é uma passagem difícil, descrevendo a criação primária da nossa terra física e dos céus físicos, que nos rodeiam. Se contarmos os dois dias, mencionado neste versículo (verso 9), os quatro, mencionados no versículo 10 e os dois mencionados no versículo 12, teremos um total de oitos dias, enquanto que em muitas passagens a criação é estabelecida em seis dias. Os exegetas compreendem que os “quatro dias” do versículo 10 incluem os dois, do versículo 9, e assim o total permanece em seis dias.<sup>139</sup>

Podemos dizer que enquanto os muçulmanos são tão intolerantes com as discrepâncias numéricas, das passagens bíblicas mencionadas, mesmo que estas não afetem nenhuma doutrina bíblica, e nem representam nem um por cento de todos os números mencionados nas Escrituras. Por outro lado, os muçulmanos parecem ser generosos com as discrepâncias numéricas do Alcorão.

5. Genealogia de Jesus - muçulmanos gostam de fazer das genealogias de Jesus, de Mateus e Lucas, provas para não crermos na Bíblia, pois uma é diferente da outra. Contudo, é sabido que toda pessoa tem duas genealogias, uma por parte de pai, e outra por parte da mãe. Ao lermos as genealogias de Jesus, percebemos que a de Mateus é por parte de pai, e *Jacó gerou a José*. Enquanto que a genealogia de Lucas, seria por parte de Maria, *como se cuidava filho de José*, ou seja, não era filho de José e sim de Maria. Os pais da Igreja sempre aceitaram que esta genealogia se referia a de Jesus, pela linhagem de Maria.

O escritor islâmico, Dr. Maurice Bucaille, em seu livro, *A Bíblia, o Alcorão e a Ciência*, questiona o verso 17 de Mateus 1: “De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze gerações; e desde Davi até a deportação para a Babilônia, catorze gerações; e desde a deportação para a Babilônia até Cristo, catorze gerações”. Bucaille sugere que a Bíblia não é digna de aceitação, pois a soma das gerações 14+14+14 é 42 gerações, o que não se obtém, se formos contar as gerações mencionadas, pois o número total é 41. Nas palavras de Bucaille: “Quanto ao fato de que falta um nome do terceiro grupo de Mateus, assim como

<sup>138</sup> Hayek, S. El. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. Brasil, MarsaM editora Jornalística Ltda, 1994, p. 486.

<sup>139</sup> Ibid. p. 567.

nenhum texto atual desse Evangelho contém os 42 nomes anunciados”.<sup>140</sup> O argumento de Bucaille é que há corrupção no texto. Nossa resposta a Bucaille será dada desta maneira: Primeiro, nos deteremos no ponto levantado por ele, e em seguida, no real significado da passagem sobre a genealogia de Jesus.

Sabemos que a menção de 14 gerações por período foi seletiva, provavelmente porque Mateus queria usar um número simétrico, simbolizando os períodos: patriarcal, monárquico e exílico e pós-exílio. Na verdade, há bem mais gerações por período, como nos indica o livro de Reis e Crônicas. Se é o caso de nos preocupar com a aritmética, como sugere Bucaille, então deveríamos contar 14 gerações por período, pois Mateus as mencionou assim. Temos então, 14 gerações para o período patriarcal, começando em Abraão e terminando em Davi, pois Mateus disse: *desde de Abraão até Davi*. Temos também 14 gerações no período monárquico, começando em Davi, pois Mateus escreveu: *e desde de Davi*, até a deportação, terminando a contagem em Josias, pois a deportação começou no período do próximo rei. Há também 14 gerações para período exílico e pós-exílico, começando a contagem em Jeconias, pois Mateus escreveu, *desde de a deportação..., até Cristo*, pois não houve deportação no período de Josias, e termina em Cristo, *até Cristo*. Será que não temos aí 14 gerações por período, exatamente como Mateus escreveu em Mt. 1:17? Claro que sim.

Temos na verdade que nos preocupar com a razão pela qual Mateus escreveu a genealogia desta maneira. A pergunta que se deve fazer é esta? Porque Mateus escreveu a genealogia de Jesus ignorando a tradição judaica? Segundo a tradição, na maior parte das vezes se mencionava o nome do primogênito (1Cr. 1:29; 2Cr. 2:1; 2:3; 3:1). Abraão então, não gerou Isaque, mais Ismael; Isaque não gerou Jacó, mas Esaú, e Jacó não gerou Judá, mas Rúben. Porquê então Mateus ignorou os primogênitos? Ele estava descrevendo a genealogia de Jesus do ponto de vista da promessa. Basta uma lida em Gênesis, e saberemos que os herdeiros da promessa de Abraão (Gn. 12:1-3), eram Isaque e Jacó. Veremos também neste livro, que profetizado que o Messias viria da tribo de Judá (Gn 49:10-11). Em outras palavras, Mateus estava mostrando como as profecias se cumpriam em Jesus, e como Ele era o herdeiro da promessa, pois o Messias tinha que ser descendente de Abraão, Davi (2Sm 7:12-13), Isaque, Jacó e Judá. Jesus qualificava assim, para ser o Messias, pois a Palavra de Deus se cumpria nele. Mateus continuou em seu evangelho, a partir do capítulo um, sempre fazendo referência ao Velho Testamento, para mostrar que Jesus era o cumprimento das profecias,

---

<sup>140</sup> Bucaille, M. *A Bíblia, o Alcorão e a Bíblia*. Brasil, Centro de Divulgação do Islam Para América Latina. Ano não especificado, p. 118.

como em Mt. 1:23; 2:6 e em muitas outras passagens, quando utilizava a expressão: *para se cumprir o que fora dito, ou para se cumprir a palavra do profeta*.

Vemos portanto, que o problema aritmético proposto por Bucaille é inexistente, pois Mateus disse 14 gerações por período em Mt. 1:17. Vemos que Bucaille ignorou o real propósito da genealogia de Jesus, como relatada por Mateus.

Concluimos que não há corrupção na Bíblia. A necessidade islâmica em atacar a Bíblia, é em função de justificar afirmações alcorânicas, que negam a veracidade das doutrinas cristãs, do que realmente ter provas de que a Bíblia não seria digna de aceitação.

Percebemos pelas colocações islâmicas contra nossas Escrituras bíblicas, que é necessário ao cristão que vai trabalhar entre os muçulmanos, que este esteja bem preparado doutrinariamente, pois só assim poderá ver e entender, que as muitas alegações islâmicas não passam de tentativas para descreditar a Bíblia, porém são infundadas.

### **APÊNDICE 3**

#### **FOI MOHAMMAD PROFETIZADO NA BÍBLIA?**

Dividiremos nosso apêndice em dois itens, primeiro, seria Mohammad o profeta mencionado em Dt. 18:15. Depois veremos se Mohammad é o Consolador ou o Espírito Santo.

Entre as várias diferenças entre o Islamismo e o Cristianismo, há também a discussão se era Jesus, ou Mohamad, o profeta mencionado por Moisés em Dt. 18:15-18. Os cristãos estão convencidos que a passagem se refere a Jesus, pois isto está claro nas Escrituras. Os muçulmanos porém, pensam que se refere a Mohammad. Há dois versos no Alcorão que os levam a pensar assim, o versos 7 do Sura 157, e o verso 6, do Sura 61: “São aqueles que seguem o Mensageiro, o Profeta iletrado, o qual encontram mencionado em sua Torá e no Evangelho, o qual lhes recomenda o bem e lhes proíbe o ilícito... (Sura 7:157)”.

O que faz os muçulmanos pesquisarem nas Escrituras bíblicas possíveis profecias sobre Mohammad, é a parte do Sura 7:157 que diz: *o Profeta iletrado, o qual encontram mencionado em sua Torá e no Evangelho*.

Vemos no comentário de Hayek sobre esta passagem alcorânica, que numa perspectiva islâmica, Mohammad é o profeta mencionado em Dt. 18:15-18, e o Consolador de Jo. 14:16:

Neste versículo está a prefiguração, a Moisés, do Mensageiro dos árabes, o derradeiro dos mensageiros de Deus. Profecias sobre ele poderão ser encontradas na Torá e no Evangelho. Na Torá, como ora aceita pelos judeus, Moisés diz: “O Senhor, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu.” (Deuteronômio 18:15). O único profeta que apareceu com uma lei como a de Moisés foi Mohammad; e ele veio da casa de Ismael, o irmão de Isaac, pai de

Israel. No Evangelho como ora aceito pelos cristãos, Cristo prometeu um outro Consolador (João 14:16); a palavra grega, *Paracleto*, que os cristãos interpretaram como se referindo ao Espírito Santo, é tida pelos nossos exegetas como se referindo a *Periclyte*, que seria a forma grega de Ahmad. Ver versículo 6 as Surata 61.<sup>141</sup>

Há várias possibilidades, numa perspectiva islâmica, de onde Mohammad foi profetizado nas Escrituras: *Profecias sobre ele poderão ser encontradas na Torá e no Evangelho*, porém não convém considerá-las. São por demais obscuras para as levar a sério. Nos deteremos somente nas passagens mencionadas por Hayek ao comentar o Sura 7:157 e o 61:6. Em outras palavras, Mohammad seria o profeta de Dt. 18:15 e o Consolador prometido por Jesus no Evangelho de João, segundo Hayek.

No Sura 61:6 encontra-se a informação que Jesus teria profetizado a vinda de Mohammad:

E de quando Jesus, filho de Maria, disse: Ó israelitas, em verdade, sou o mensageiro de Deus, enviado a vós, corroborante de tudo quanto a Tora antecipou no tocante às predições, e alvissareiro de um Mensageiro que virá depois de mim, cujo nome será Ahmad! Entretanto, quando lhes apresentou as evidências, disseram: isto é pura magia!

Os muçulmanos entendem que Ahmad é a mesma coisa que Mohammad, significando, o louvado. Pensam que ele teria sido profetizado também em Jo. 15:26 e 16:7, ou seja, nas passagens que se referem ao Consolador, incluindo Jo. 14:16, como já mencionado por Hayek. Estão conscientes que a palavra grega para Consolador é *Paracleto*, que não significa *o louvado*, Ahmad, por isso dizem que *Paracleto* é uma corruptela de *periclytos*. Hayek afirmou isto ao comentar o Sura 61:6:

“Ahmad” ou “Mohammad”, o louvado, é quase a tradução da palavra grega *Paracleto*. No Evangelho de Jo. 14:16, 15:26 e 16:7, a palavra “Consolador”, na versão portuguesa, refere-se a *Paracleto*, que significa “Intercessor”... Os nossos doutos afirmam que *Paracleto* é uma corruptela de *Periclytos*, e que no dito original de Jesus havia uma profecia sobre um Profeta, chamado Ahmad. Mesmo se lermos *Paracleto*, isto poderia ser aplicado ao Profeta Mohammad, que foi “uma misericórdia para a humanidade”(21ª Surata, versículo 107).<sup>142</sup>

Até o momento, vimos que baseado no Sura 7:157 e Sura 61:6, muçulmanos como Hayek, acreditam que nas Escritura bíblica estaria mencionado Mohammad: *o Profeta iletrado, o qual encontram mencionado em sua Torá e no Evangelho* (Sura 7:157). Como

---

<sup>141</sup> Hayek, S. El. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. Brasil, MarsaM editora Jornalística Ltda, 1994, p. 198.

<sup>142</sup> Ibid. p. 652.

Moisés profetizou sobre a vinda de um profeta semelhante a ele, muçulmanos pensam que este é Mohammad.

Pensam também, que Mohammad foi até mesmo profetizado por Jesus: *e alvissareiro de um Mensageiro que virá depois de mim, cujo nome será Ahmad!* (Sura 61:6). Como Jesus profetizou sobre a vinda do Paracleto, concluem que este seria Ahmad, Mohammad, o louvado, imaginado que houve corruptela de periclytos para paracleto: *Os nossos doutos afirmam que Paracleto é uma corruptela de Periclytos, e que no dito original de Jesus havia uma profecia sobre um Profeta, chamado Ahmad.*

Entre as passagens bíblicas portanto, que numa perspectiva islâmica, mencionam Mohammad, teríamos Dt. 18:15, e as passagens sobre o Consolador Jo. 14:16; 15:26 e 16:7. Vamos considerá-las nesta ordem.

Hayek afirmou que Mohammad é o profeta mencionado em Dt. 18:15, como já vimos, pois Mohammad é da família de Ismael e trouxe uma lei, como Moisés: *O único profeta que apareceu com uma lei como a de Moisés foi Mohammad; e ele veio da casa de Ismael, o irmão de Isaac, pai de Israel.* Muçulmanos acreditam que há outras inúmeras semelhanças entre Mohammad e Moisés, tais como: 1) Cada um deles surgiu dentre idólatras; 2) inicialmente foram rejeitados e tiveram que imigrar; 3) retornaram posteriormente para liderar suas nações; 4) casaram-se e tiveram filhos e 5) Após a morte de cada um, os seus sucessores conquistaram a Palestina”.<sup>143</sup> Contudo, havia também muitas diferenças entre Mohammad e Moisés, por exemplo: 1) Mohammad era analfabeto, porém Moisés era muito estudado (At. 7:22); 2) Mohammad recebeu revelações por meio do anjo Gabriel, Moisés as recebia diretamente de Deus (Êx. 33:11); 3) Mohammad não operou milagres, mas Moisés fez inúmeros; 4) Mohammad era árabe, Moisés era israelita.<sup>144</sup>

É igualmente verdade que há semelhança entre Moisés e Jesus, assim como diferenças, por exemplo: 1) Moisés casou e teve filhos, Jesus não; 2) Moisés esteve envolvido em batalhas, Jesus não; 3) Moisés proibiu comer carne de porco, Jesus não. Todavia, há também muitas semelhanças entre Moisés e Jesus, tais como: 1) Ambos eram israelitas; 2) Ambos deixaram o Egito para ministrar a seu povo (Mt. 2:15; Hb. 11:27); 3) Ambos renunciaram grandes riquezas, a fim de melhor se identificar com o seu povo (Jo. 6:15; 2Co. 8:9; Hb. 11:24-26).<sup>145</sup> Além destas sugestões acrescentamos somente mais três, apesar que a lista seria poderia ser imensa: 4) Ambos redimiram o seu povo, Moisés da escravidão do Egito, Jesus da

---

<sup>143</sup> Gudel, J. P. *Resposta Cristã à Afirmação Islâmica de Que Mohammad Foi Profetizado na Bíblia*. Revista Defesa da Fé, São Paulo, Prol Editora Gráfica, Novembro de 2000, p. 45

<sup>144</sup> Ibid. p. 46.

<sup>145</sup> Ibid. p. 46.

escavidão do pecado; 5) Ambos trouxeram a lei, Moisés a Tora, Jesus a lei do amor Jo. 13:34 e Gl. 6:2; 6) Ambos eram mansos, Jesus manso e humilde, e Moisés o homem mais manso da terra (Nu. 12:30; Mt. 11:29).

Percebemos então, que tanto Jesus como Mohammad, podem ser o profeta prometido em Dt. 18:15, se usarmos o critério de acharmos semelhanças entre eles. Nestes termos até mesmo o atual presidente do Brasil o seria, pois Fernando H. Cardoso também foi rejeitado, exilado, tendo voltado ao Brasil para mais tarde governar o Brasil, como aconteceu com Moisés, que de rejeitado, a exilado, voltou para ser o líder da nação. Isto nos faz pensar que só semelhanças entre uma pessoa e outra, não define quem é o profeta prometido de Dt. 18:15. Qual é o critério que devemos usar?

Joseph P. Gudel sugere que a resposta se encontra em Dt. 34:10-12:

Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem Senhor conhecera face a face, nem semelhante em todos os sinais e maravilhas, que o Senhor o enviou para fazer na terra do Egito, a Faraó, e a todos os seus servos, e a toda a sua terra. E em toda mão forte, e em todo o grande espanto, que praticou Moisés aos olhos de todo o Israel (João Ferreira de Almeida, edição corrigida e revisada)

Segundo Gudel há dois pontos importantes nesta passagem: 1) Deus falava como Moisés face a face, e fazia sinais e milagres aos olhos do Egito e de Israel, como nunca ninguém outrora fizera<sup>146</sup>. Sendo assim, o profeta semelhante a Moisés deveria ter entre suas características estes dois pontos. Sabemos que Mohammad nunca teve este tipo de relacionamento com Deus. Deus falava com ele através do anjo Gabriel (Sura 97). Ele também não fez milagres (Sura 6:37 e 17:90-93). Por outro lado, Jesus tinha um relacionamento muito íntimo com Deus desde de a eternidade: *No princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus e era Deus*. Todos sabem que Jesus fez inúmeros milagres, inclusive ressurreição dos mortos, até mesmo o Alcorão testifica disto (Sura 5:113-114; 19:29-34).

Além do mais, o próprio Jesus disse que era o profeta prometido em Jo. 5:46-47: “Porque se de fato crêsseis em Moisés, também crerieis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos, como crereis nas minhas palavras?”. Duas outras passagens bíblicas testificam desta verdade também Jo. 1:43 e At. 3:22.

Passamos agora a considerar se Mohammad foi profetizado na Bíblia, nas passagens que se referem ao Consolador, como Jo. 14:26; 15:26 e 16:7.

Vimos que Hayek afirma que Paraclete que é uma corruptela de Periclytos. Contudo não há um sequer manuscrito do Novo Testamento, onde periclytos é encontrada: “Há mais

---

<sup>146</sup> Ibid. p. 46-47.

de 24 mil manuscritos do Novo Testamento.... Não existe um manuscrito algum que contenha essa citação e apareça a palavra *periclytos*”.<sup>147</sup>

Ao lermos as passagens onde se encontra a palavra *paracleto*, vemos que o entendimento islâmico que define Mohammad como o louvado, o Ahmad que deveria vir, não possui sustentação suficiente para nos convencer. Lemos em Jo. 14:16: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre”. Fica claro que Jesus rogaria ao Pai, para que Ele desse, *vos dará outro*, aos crentes judeus do primeiro século outro Consolador. Jesus não prometia nada aos árabes na ocasião, e sim aos crentes do primeiro século. Fica igualmente claro que este Consolador deveria estar para sempre com estes discípulos de Jesus: *que fique convosco para sempre*. Não há como isto ter se cumprido através de Mohammad, pois ele nasceu seis séculos depois, e nunca esteve como os cristãos do primeiro século.

Não nos resta dúvida ao lermos o verso seguinte, Jo. 14:17: “O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. Será que Mohammad esteve com estes cristãos do primeiro século? Será que é possível pensar que Mohammad é o Consolador prometido por Jesus? Será que estes cristãos conheceram a Mohammad? O texto diz: *vós o conheceis?*”

Em Jo. 14:26 não nos deixa dúvida de quem é o Consolador: “Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome...”. Será que Mohammad é o Espírito Santo? Ele teria que sê-lo, para que assim as profecias de Jesus sobre o Consolador se cumprisse nele. Nós cristãos não temos dúvidas de que o Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade. Todavia, no Islamismo o Espírito Santo seria o anjo Gabriel. Não há então como, numa perspectiva islâmica, entender que o Consolador é Mohammad, pois teriam que crer que o anjo Gabriel e Mohammad, são um único ser, pois Jo. 14:26 deixa claro que o Espírito Santo é o Consolador.

Vemos em At. 1:4-5, Jesus dizendo para que não se ausentaram de Jerusalém, até que fossem batizados com o Espírito Santo. Esta promessa se cumpriu dez dias depois (At. 2:1-4). Será que Mohammad pode ser o Consolador? Não nasceu ele seis séculos depois dos discípulos? Estes tinham que esperar em Jerusalém pela descida do Espírito Santo. Poderiam esperar por seis séculos?

Fica claro portanto que Dt. 18:15 se refere a Jesus. Mohammad não é o profeta a semelhança de Moisés, pois não falava com Deus face a face, e nem fazia milagres a

---

<sup>147</sup> Ibid. p. 47.



semelhança de Moisés. Mas Jesus os fez a ainda maiores, que Moisés, pois Ele ressuscitou os mortos.

Fica claro também, que Mohammad não é o Consolador prometido por Jesus, pois nunca esteve com os discípulos de Jesus, nunca foi conhecido por eles, nunca habitou neles e ele nem é o Espírito Santo. Não há na crítica textual nenhuma sugestão de que periclytos seja uma corruptela de paracletos, pois não há um sequer manuscrito com esta possibilidade. As passagens sobre o Consolador no Evangelho de João, se referem ao Espírito Santo, e não a Mohammad.